MAIS DE 500.000

O Conhecimento do Santo

A.W. TOZER

CÓPIAS VENDIDAS


MAIS DE 500.000
O Conhecimento do Santo
A.W. TOZER
CÓPIAS VENDIDAS

O CONHECIMENTO DO SANTO

Título original: THE KNOWLEDGE OF THE HOLY

Copyright © 1961 by Aiden Wilson Tozer

Edição original por Harper One.

Publicado com a devida autorização.

HarperCollins Publishers

195 Broadway, New York, NY 10007

www.harpercollins.com

Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2018 Impacto Publicações

Publicado no Brasil por: IMPACTO PUBLICAÇÕES

Rua Tamoio, 226, Santa Catarina - Americana - SP

13466-250 - Tel.: (19) 3462-9893

contato@revistaimpacto.com.br

www.revistaimpacto.com.br

É expressamente proibida a reprodução parcial ou total deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora, com exceção de citações breves com indicação de fonte para utilização em resenhas ou reportagens.

Tradução: Osler Gustavo Manzini

Revisão: Renata Balarini Coelho

Capa: Leonardo Beijo

Diagramação: Eduardo C. de Oliveira

Formatação para e-book (kindle): Luiz Roberto Cascaldi

SUMÁRIO

PREFÁCIO
CAPÍTULO 1 - POR QUE DEVEMOS PENSAR CORRETAMENTE SOBRE DEUS
CAPÍTULO 2 - O DEUS INCOMPREENSÍVEL
CAPÍTULO 3 - UM ATRIBUTO DIVINO: ALGO VERDADEIRO A RESPEITO DE DEUS
CAPÍTULO 4 - A SANTA TRINDADE
CAPÍTULO 5 - A AUTOEXISTÊNCIA DE DEUS
CAPÍTULO 6 - A AUTOSSUFICIÊNCIA DE DEUS
CAPÍTULO 7 - A ETERNIDADE DE DEUS
CAPÍTULO 8 - A INFINITUDE DE DEUS
CAPÍTULO 9 - A IMUTABILIDADE DE DEUS
CAPÍTULO 10 - A ONISCIÊNCIA DIVINA
CAPÍTULO 11 - A SABEDORIA DE DEUS
CAPÍTULO 12 - A ONIPOTÊNCIA DE DEUS
CAPÍTULO 13 - A TRANSCEDÊNCIA DIVINA
CAPÍTULO 14 - A ONIPRESENÇA DE DEUS
CAPÍTULO 15 - A FIDELIDADE DE DEUS
CAPÍTULO 16 - A BONDADE DE DEUS
CAPÍTULO 17 - A JUSTIÇA DE DEUS
CAPÍTULO 18 - A MISERICÓRDIA DE DEUS
CAPÍTULO 19 - A GRAÇA DE DEUS
CAPÍTULO 20 - O AMOR DE DEUS
CAPÍTULO 21 - A SANTIDADE DE DEUS
CAPÍTULO 22 - A SOBERANIA DE DEUS
CAPÍTULO 23 - O SEGREDO CONHECIDO
SOBRE O AUTOR

PREFÁCIO

A verdadeira religião confronta a terra com os céus, aplicando ao tempo o efeito da eternidade. O mensageiro de Cristo, ao transmitir a palavra de Deus, deve, como costumavam dizer os *quakers*, "atentar-se à condição" de seus ouvintes, sob pena de não fazer sentido para ninguém além de si mesmo. Sua mensagem deve ser não somente eterna, mas aplicável à sua época. É preciso que ele fale à própria geração.

A mensagem deste livro não tem origem nos tempos de hoje, mas é adequada a eles. Foi despertada por uma condição que há anos existe na Igreja e vem piorando cada vez mais. Refiro-me ao enfraquecimento do conceito de majestade no imaginário religioso popular. A Igreja abandonou sua antiga reverência à ideia de Deus e a substituiu por algo tão baixo e ignóbil que se tornou completamente indigna de pensadores devotos. Não foi algo proposital, mas ocorreu de forma gradual e imperceptível; e a falta de percepção em si torna a situação ainda mais trágica.

O baixo conceito de Deus, algo praticamente universal entre os cristãos hoje, é a causa de uma centena de males menores que nos rodeia. Toda uma nova filosofia de vida cristã tomou forma a partir desse único engano básico em nosso pensamento religioso.

Na esteira da perda de nosso senso de majestade, veio a perda da reverência religiosa e da consciência da Presença divina. Perdemos o espírito de adoração e a habilidade de abstrair-nos para encontrar a Deus em adoração silenciosa. O cristianismo moderno simplesmente não consegue produzir cristãos capazes de apreciar ou sequer experimentar a vida no Espírito. As palavras "Aquietai-vos e sabei que Eu sou Deus" fazem pouquíssimo sentido para o adorador agitado e autoconfiante desta metade do século XX.

Tal perda do conceito de majestade ocorre justamente num momento em que as forças religiosas alcançam vitórias dramáticas e as igrejas prosperam mais do que em qualquer outro período dos últimos séculos. Contudo, o mais alarmante é que, enquanto nossos ganhos são em sua maior parte externos, as perdas são internas; e como a própria qualidade de nossa religião é afetada pelas condições internas, pode ser que estes supostos ganhos se resumam apenas a perdas um tanto

mais difíceis de perceber.

A única forma de recuperar nossas perdas espirituais é retornando à sua principal causa e efetuando as correções requeridas pela verdade. O declínio do conhecimento do santo é a raiz de nossos problemas. Uma redescoberta da majestade de Deus seria um grande progresso na cura de cada um destes transtornos. É impossível manter práticas morais sólidas e atitudes corretas enquanto a nossa própria ideia de Deus se mantém errada ou inadequada. Se queremos trazer de volta à nossa vida o poder espiritual, devemos começar a aproximar nossa concepção de Deus daquilo que ele realmente é.

Em humilde contribuição para um melhor entendimento da Majestade nos céus, ofereço este reverente estudo dos atributos divinos. Se os cristãos de hoje estivessem lendo obras como as de Agostinho ou Anselmo, um livro como este não teria razão de ser. Mas esses iluminados mestres não passam de nomes para os cristãos atuais. Os editores conscienciosamente republicam suas obras de tempos em tempos, e elas acabam por aparecer nas prateleiras de nossas bibliotecas. Mas é exatamente aí que está o problema: elas permanecem nas prateleiras. O ambiente religioso atual torna impossível sua leitura mesmo para os cristãos mais cultos.

Não parece haver muita gente disposta a mergulhar em centenas de páginas de assuntos religiosos densos que exigem concentração prolongada. Essas obras relembram muitos dos clássicos seculares que foram forçados a ler na escola no passado, o que gera desânimo e os leva a abandonar a leitura.

É por esse motivo que uma obra como esta pode produzir algum efeito benéfico. Como este livro não é esotérico nem técnico, tendo sido escrito em linguagem despretensiosa, pode ser capaz de atrair algumas pessoas. Ainda que eu creia não haver aqui nada contrário à mais sólida teologia cristã, não escrevo para teólogos profissionais, mas para pessoas comuns cujo coração anseia por buscar o próprio Deus.

Tenho esperança de que este pequeno livro possa contribuir de alguma forma para a promoção da religião pessoal do coração de cada um de nós. E se alguns, por meio da leitura, forem encorajados a adotar a prática da meditação reverente sobre a pessoa de Deus, isto mais do que recompensará o trabalho de tê-lo escrito.

A. W. Tozer

CAPÍTULO 1
POR QUE DEVEMOS PENSAR CORRETAMENTE SOBRE DEUS

Ó Deus Todo-poderoso, não o Deus dos filósofos e sábios, mas o Deus dos profetas e apóstolos; e acima de tudo, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, posso expressar-te sem culpa? Aqueles que não te conhecem são incapazes de clamar a ti como és, não adorando portanto a ti e sim a uma criação da própria mente; ilumina-nos, assim, para que possamos conhecer-te como tu és, para que possamos amar-te com perfeição e adorar-te dignamente. Em nome de Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

Aquilo que nos vem à mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante a respeito de nós mesmos.

A história da humanidade provavelmente mostrará que nenhum povo jamais se colocou acima da própria religião, e a história espiritual do homem demonstra, sem sombra de dúvida, que nenhuma religião jamais foi maior do que seu conceito de Deus. A adoração é elevada ou indigna na medida em que o adorador acalenta pensamentos altos ou baixos sobre Deus.

É por esse motivo que a questão mais grave com que a Igreja se defronta sempre é o próprio Deus, e o fato mais portentoso a respeito de qualquer homem não é o que ele diz ou faz em qualquer dado momento, mas sim sua crença mais profunda sobre quem Deus é. Temos a tendência, por uma lei secreta da alma, de ir em direção à nossa imagem mental de Deus. Isto se aplica não somente ao cristão como indivíduo, mas também à reunião de cristãos que compõe a Igreja. O fato mais revelador sobre a Igreja é sempre sua ideia de Deus, assim como sua mensagem mais significativa é aquilo que ela diz – ou deixa de dizer – sobre ele, pois seu silêncio é com frequência mais eloquente do que seu discurso. É impossível evitar a autorrevelação que acompanha o testemunho a respeito de Deus.

Se fosse possível extrair de alguém uma resposta completa à pergunta “O que lhe vem à mente ao pensar em Deus?”, seríamos capazes de afirmar com precisão seu futuro espiritual. Se fôssemos capazes de saber com exatidão o que nossos líderes religiosos mais influentes pensam sobre Deus hoje, poderíamos prever com razoável precisão onde estará a Igreja amanhã.

Sem sombra de dúvida, o pensamento mais elevado que a mente pode conceber é o conceito de Deus, e a palavra mais poderosa em qualquer idioma é o termo que designa a divindade. O pensamento e a palavra são dons de Deus concedidos àqueles que foram criados conforme a sua imagem; que estão intimamente ligados a ele e não existem fora dele. É imensamente significativo que a primeira palavra tenha sido o Verbo: “E o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. Podemos falar porque Deus falou. Nele, palavra e conceito são inseparáveis.

Para nós, é de suma importância que nossa concepção de Deus seja a mais próxima possível da verdadeira essência do Senhor. Em comparação com nossos reais pensamentos a seu respeito, nossas declarações de fé têm pouca

importância. Nossa concepção verdadeira sobre Deus pode estar soterrada sob o entulho de noções religiosas convencionais, e pode ser necessária uma busca vigorosa e inteligente para que ela possa ser desenterrada e exposta. É provável que somente por meio de uma dolorosa autoanálise seja possível descobrir o que realmente pensamos sobre Deus.

Uma concepção correta sobre Deus é fundamental não somente para a teologia sistemática, mas também para a prática da vida cristã. Ela é para a adoração o que o alicerce é para o templo; se for inadequada ou fora de prumo, cedo ou tarde toda a estrutura virá a desabar. Creio ser difícil identificar um erro doutrinário ou uma falha na aplicação da ética cristã que não tenha origem em pensamentos indignos e imperfeitos sobre Deus.

Minha opinião é que o conceito de Deus disseminado nesta metade do século XX decaiu até estar muitíssimo abaixo da dignidade do Deus Altíssimo, chegando a constituir-se em algo próximo a uma calamidade moral para os crentes.

Todos os problemas dos céus e da terra, ainda que confrontados juntos e simultaneamente, nada seriam em comparação com o avassalador problema de Deus: quem ele *é*; com que se *parece* e de que forma nós, como seres morais, devemos *agir* a respeito dele.

O homem que alcança uma crença correta sobre Deus está livre de dez mil problemas temporais, pois passa a enxergar que estes têm a ver com questões que, na pior das hipóteses, não lhe dizem respeito exceto por um tempo limitado. Contudo, ainda que seja aliviado dos múltiplos fardos temporais, o portentoso fardo único da eternidade pesa sobre ele com força maior do que todos os males do mundo amontoados uns sobre os outros. Este imenso fardo é sua obrigação para com Deus, a qual inclui o dever instantâneo e vitalício de amá-lo com todas as forças da mente e da alma, de lhe obedecer perfeitamente e de prestar-lhe adoração aceitável. E quando a incansável consciência do homem constata que ele não fez nada disso, mas que, pelo contrário, é culpado desde a infância de flagrante revolta contra a Majestade nos céus, a pressão interior de autoacusação pode tornar-se pesada demais.

O evangelho é capaz de aliviar a mente desse peso destruidor, trocar cinzas por beleza e o espírito de opressão por vestes de louvor. Porém, a não ser que o peso deste fardo seja percebido, é impossível que o evangelho signifique algo para o homem. Até que ele veja Deus exaltado nas alturas, não haverá lamento ou

fardo. Visões rasteiras de Deus destroem o evangelho para quem as possui.

Dentre os pecados aos quais tende o coração humano, não deve existir nenhum mais odioso para Deus do que a idolatria, que é em última análise uma ofensa à sua natureza. O coração idólatra presume que Deus é diferente do que ele realmente é – o que por si só é um pecado monstruoso – e substitui o verdadeiro Deus por algo feito à sua própria semelhança. Este "deus" necessariamente seguirá a imagem de quem o criou e será vil ou puro, cruel ou bondoso, de acordo com o estado moral da mente da qual ele emerge.

Um deus gerado nas sombras de um coração caído naturalmente não terá qualquer semelhança com o verdadeiro Deus. "*Pensavas*", disse o Senhor ao homem perverso no salmo, "*que era tal como tu*". Certamente, esta deve ser uma séria afronta ao Deus Altíssimo, a quem os querubins e serafins proclamam sem cessar: "*Santo, Santo, Santo, Deus do universo*".

Cuidemos para que, em nosso orgulho, não aceitemos a noção errônea de que idolatria consiste somente em ajoelhar-nos perante objetos visíveis de adoração (de maneira que os povos civilizados estão livres dela). A essência da idolatria é acalentar pensamentos sobre Deus que sejam indignos dele. Ela começa na mente e pode estar presente sem que ocorra qualquer ato visível de adoração. "*Porquanto*", escreveu Paulo, "*tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu*".

Seguiu-se, a essa declaração, a adoração de ídolos feitos à semelhança de homens, aves, animais e seres rastejantes. Mas essa série de atos degradantes começou na mente. Ideias erradas a respeito de Deus não são somente a fonte da qual fluem as águas poluídas da idolatria; elas são idólatras em si. O idólatra imagina coisas sobre Deus e age como se aquilo fosse verdadeiro.

Noções distorcidas sobre Deus rapidamente corrompem a religião em meio à qual surgem. A longa trajetória de Israel demonstra isso com suficiente clareza, e a história da Igreja o confirma. Um conceito elevado de Deus é tão essencial para a Igreja que, quando ele declina em qualquer medida, a Igreja, sua adoração e padrões morais decaem juntamente com ele. O primeiro passo de uma igreja em declínio consiste em abandonar sua opinião elevada sobre Deus.

Antes que a Igreja Cristã se oblitere em algum ponto, primeiramente acontece a corrupção de sua teologia básica. Ela simplesmente passa a dar uma

resposta errada à pergunta “Como Deus é?” e prossegue a partir daí. Embora possa continuar teoricamente apoiada em uma crença nominal sólida, sua crença prática se torna falsa. Seus seguidores passam a crer que Deus é diferente daquilo que ele de fato é; e esse é o tipo mais insidioso e fatal de heresia.

A obrigação mais relevante da Igreja Cristã hoje em dia é purificar e elevar seu conceito de Deus até que este se torne novamente digno do Altíssimo – e da própria Igreja. Esta deveria ser a prioridade de todas as suas orações e obras. Prestamos à próxima geração de cristãos o serviço mais importante que há ao transmitir-lhe este nobre conceito de Deus com o mesmo brilho e dimensão que o recebemos de nossos pais hebreus e cristãos de gerações passadas. Isto terá maior importância para eles do que qualquer outra coisa que a arte ou ciência possam conceber.

Ó Deus de Betel, cuja mão continua
a alimentar teu povo
Que naquela exaustiva peregrinação
liderou nossos pais
Nossos votos, nossas orações
ora apresentamos perante teu trono de graça:
Deus de nossos pais!
Sê o Deus dos descendentes deles.

− Philip Doddridge

CAPÍTULO 2
O DEUS INCOMPREENSÍVEL

Ó Deus, quão grande é nosso dilema! Em tua presença nos cabe o silêncio, mas o amor inflama o nosso coração e nos compele a falar. Se nos mantivéssemos em silêncio, as pedras clamariam; mas ao falar, o que podemos dizer? Ensina-nos a compreender que não somos capazes de compreender, pois as coisas de Deus homem algum as conhece, mas somente o Espírito de Deus. Que a fé nos sustente onde a razão falhar, e pensaremos porque temos crido, não para que sejamos capazes de crer. Em nome de Jesus. Amém.

A criança, o filósofo e o religioso têm todos a mesma pergunta: "Como Deus é?". Este livro é uma tentativa de responder a essa pergunta. No entanto, já de início devo reconhecer que não é possível respondê-la a não ser dizendo que Deus não é como nenhuma outra coisa; ou seja, ele não é *exatamente* como algo ou alguém.

Nós aprendemos utilizando nosso conhecimento como uma ponte a atravessar rumo ao desconhecido. É impossível, para a mente humana, saltar subitamente do familiar para o completamente desconhecido. Mesmo a mente mais vigorosa e ousada é incapaz de criar algo a partir de nada por um ato espontâneo de imaginação. Os estranhos seres que permeiam a mitologia e a superstição não são puramente voos de imaginação. A imaginação toma seres ordinários dos céus, da terra ou do mar e extrapola os limites usuais de suas formas familiares, ou combina dois ou mais deles para criar algo novo. Sejam eles belos, sejam grotescos, sempre é possível identificar seus protótipos, pois se parecem com algo que já conhecemos.

O esforço de homens inspirados para exprimir o inefável gerou enorme esforço tanto de pensamento quanto de linguagem nas Santas Escrituras. Pelo fato de as Escrituras constituírem a revelação de um mundo *sobrenatural* dada a indivíduos inseridos no mundo *natural*, os autores eram frequentemente obrigados a usar muitas e muitas palavras "semelhantes" para fazer-se entender.

Quando o Espírito deseja nos revelar algo que está além do alcance de nosso conhecimento, ele nos diz que aquilo é semelhante a algo que já conhecemos, sempre tomando o cuidado de construir suas descrições de forma a livrar-nos da escravidão da literalidade. Por exemplo, quando o profeta Ezequiel viu os céus abertos e teve visões de Deus, ele se deparou com algo que não tinha palavras para descrever. O que ele estava contemplando era totalmente diferente de qualquer outra coisa que ele havia visto até então, e o profeta recorreu à linguagem da semelhança. "*O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas.*" E quanto mais ele se aproximava do trono flamejante, menos seguras eram suas palavras: "*Por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a como metal brilhante, como fogo [...] Esta era a aparência da glória do Senhor*". Por mais que seja estranha, a linguagem aqui não transmite a sensação de irrealidade. Percebe-se que a cena toda é bastante real e ao mesmo tempo

completamente diferente de qualquer coisa conhecida na Terra. Assim, para conseguir transmitir uma noção daquilo que viu, o profeta emprega expressões como “semelhança”, “aparência, “como se fosse” e “semelhança da aparência”. Mesmo o trono é descrito como “algo semelhante a um trono”, e Aquele que se assenta sobre este trono, embora de aparência humana, é diferente a ponto de somente poder ser descrito como “uma figura semelhante a um homem”.

Quando as Escrituras afirmam que o homem foi feito à semelhança de Deus, não ousamos ampliar tal afirmação espontaneamente, dizendo que seja “à exata semelhança”. Agir assim seria tornar o homem uma réplica de Deus, implicando na perda da unicidade divina e acabando por eliminar o próprio conceito de Deus. Significaria derrubar um muro, infinitamente alto, que separa aquilo que Deus é daquilo que Deus não é. Pensar na criatura e no Criador como seres essencialmente iguais seria roubar os atributos de Deus e reduzi-lo ao *status* de criatura. Seria tirar dele sua infinitude; por exemplo, é impossível que existam duas substâncias infinitas no universo. Seria tirar sua soberania: não é possível que coexistam dois seres absolutamente livres no universo, pois cedo ou tarde duas vontades completamente livres acabarão por colidir. Apenas esses atributos (não há necessidade sequer de mencionar os demais) só podem pertencer a um único ser.

Ao tentar imaginar como Deus é, devemos utilizar aquilo que Deus *não* é como matéria-prima para nossa mente. Portanto, o que quer que visualizemos a respeito de Deus não corresponderia à realidade, pois tal imagem seria construída a partir daquilo que ele criou, e o que ele criou não é Deus. Se insistirmos em tentar imaginá-lo, o resultado deste esforço será um ídolo, construído com os pensamentos ao invés das mãos; e um ídolo da mente é tão ofensivo para Deus quanto um ídolo-objeto.

“O intelecto reconhece que é ignorante a teu respeito”, disse Nicolau de Cusa, “por saber que tu não podes ser conhecido, a não ser que o inconcebível pudesse ser concebido, e o invisível pudesse ser visto, e o inacessível pudesse ser atingido.”[1]

“Se uma pessoa apresentasse um conceito pelo qual tu pudesses ser compreendido”, afirmou Nicolau, “eu saberia que tal conceito não te representa, pois todos os conceitos se findam nos muros do Paraíso [...] Assim, se alguém manifestasse um entendimento de ti, desejando fornecer meios para compreender-te, este homem estaria ainda longe de ti [...] uma vez que tu estás absolutamente

acima de todos os conceitos que o homem poderia desenvolver”.[2]

Deixados por conta própria, tendemos a reduzir Deus a termos razoáveis. Desejamos colocá-lo onde nos seja útil, ou ao menos saber onde está caso precisemos dele. Queremos um Deus que possamos controlar em alguma medida. Precisamos da sensação de segurança que vem de saber como Deus é, e torna-se evidente que ele “acaba sendo” uma colagem de todas as imagens religiosas que já vimos, de todas as melhores pessoas que conhecemos ou das quais ouvimos falar e de todas as ideias sublimes que já acalentamos.

Se isso soa estranho a ouvidos modernos, é somente porque, no último meio século, temos considerado Deus como algo corriqueiro. A glória divina não foi revelada a esta geração de homens. O Deus do cristianismo contemporâneo não é muito superior aos deuses gregos e romanos — isso se não for inferior por ser tão fraco e nulo enquanto os outros pelo menos possuíam poder.

Se Deus não é aquilo que achamos, como pensaremos nele então? Se ele é verdadeiramente incompreensível, como afirma o Credo, e inacessível, como afirma Paulo, como seria possível a nós, cristãos, saciar nosso anseio por ele? As esperançosas palavras “*Reconcilia-te, pois, com Ele e tem paz*” permanecem verdadeiras século após século. Mas como nos aproximar daquele que frustra os maiores esforços da mente e do coração? E como conhecer aquilo que não é passível de ser conhecido?

“*Podes tu, buscando, encontrar a Deus?*”, pergunta Zofar, o naamatita, “*podes encontrar o Todo-poderoso em meio à perfeição? Ele é alto como os céus; o que podes tu fazer? Mais profundo do que o abismo; o que podes saber?*” “*Homem nenhum conhece o Pai, a não ser o Filho*”, disse o Senhor, “*e a quem o Filho o revelar*”. O evangelho de João revela a incapacidade da mente humana de compreender o grande mistério que é Deus, e Paulo, em 1 Coríntios, ensina que Deus só pode ser conhecido por um coração sedento no qual o Espírito Santo opera a revelação.

O anseio de conhecer aquilo que não pode ser conhecido, de compreender o Incompreensível, de tocar o Inatingível, provém da imagem de Deus na natureza do homem. Profundezas chamam profundezas, e, mesmo poluída e isolada pelo gigantesco desastre chamado pelos teólogos de *queda do homem*, a alma percebe sua própria origem e deseja retornar à sua Fonte. Como isto pode tornar-se realidade?

A resposta bíblica é simples: "*através de Jesus Cristo nosso Senhor*". Em Cristo e por Cristo, Deus se revela completamente ainda que não se mostre pela razão e sim por fé e amor. A fé é um órgão de conhecimento, e o amor, um órgão de experiência. Deus veio a nós mediante a encarnação; reconciliou-se conosco pela expiação, e pela fé e amor entramos e tocamos nele.

"Verdadeiramente a grandeza de Deus é infinita", diz o extasiado trovador de Cristo Richard Rolle, "mais do que podemos imaginar; [...] impossível de ser conhecida pelas criaturas; e acima de nossa compreensão como ele é em si. Mas mesmo aqui e agora, quando quer que o coração comece a queimar com o anseio por Deus, ele é capacitado a receber a luz e, inspirado e capacitado pelos dons do Espírito Santo, experimenta as alegrias do paraíso. Ele transcende todas as coisas visíveis e é elevado à doçura da vida eterna [...] Nisto consiste o perfeito amor; quando todo o desígnio da mente, todos os esforços secretos do coração, são elevados para dentro do amor de Deus."[3]

O fato de Deus se dar a conhecer pela suave experiência pessoal da alma e, ao mesmo tempo, continuar inescrutável aos olhos curiosos da razão constitui um paradoxo mais bem descrito como:

Trevas para o intelecto mas luz do sol para o coração.

− Frederick W. Faber

O autor da celebrada obra *The Cloud of Unknowing* desenvolve essa tese em seu livro. Ao buscar a Deus, diz ele, o indivíduo descobre que o Ser divino habita na obscuridade, escondido em uma nuvem de não compreensão. Porém, não devemos apesar disso nos deixar desencorajar, e sim colocar nosso propósito diante de Deus. Essa nuvem separa Deus daquele que o busca para tornar impossível que ele seja visto claramente à luz do entendimento ou sentido através de emoções. Porém, pela misericórdia divina, a fé é capaz de atravessar a nuvem e entrar em Sua presença quando cremos na Palavra e seguimos em frente.[4]

Miguel de Molinos, o santo espanhol, ensinou a mesma coisa. Em seu *Guia Espiritual*, ele diz que Deus tomará a alma pela mão e a conduzirá pelos caminhos da fé pura, "fazendo com que o entendimento abandone todas as considerações e raciocínios, ele a conduz [...] Assim, ele a leva por um conhecimento de fé simples e oculto a aspirar somente ao Noivo sobre as asas do

amor”.[5]

Por esse e outros ensinamentos similares, Molinos foi condenado como herege pela Inquisição e sentenciado à prisão perpétua. Ele veio a morrer na prisão em pouco tempo, mas as verdades que ensinou jamais morrerão. A respeito da alma cristã, ele disse: “Deixe-a supor que todo o mundo e os mais refinados conceitos dos mais elevados intelectos nada podem lhe dizer, e que a bondade e beleza de seu Amado ultrapassam infinitamente todo aquele conhecimento, estando convencida de que as criaturas são rudimentares demais para poder informá-la e conduzi-la ao verdadeiro conhecimento de Deus [...] Ela deve portanto seguir adiante em amor, deixando para trás qualquer entendimento. Que ela ame a Deus como ele é em si, e não como a imaginação diz que ele seja, e o retrata”.[6]

“Como Deus é?” Se com esta pergunta queremos saber “como Deus é em si?”, não há resposta possível. Se queremos saber “o que Deus revelou a respeito de si que uma racionalidade reverente é capaz de compreender”, creio que exista uma resposta completa e satisfatória. Pois ainda que o nome de Deus seja secreto, e que sua essência seja incompreensível, ele revelou algumas verdades sobre si mesmo em amor misericordioso. A isso chamamos de seus atributos.

Deus Soberano, Rei celestial, ousamos cantar a ti;
felizes confessamos teus atributos,
todos gloriosos e inumeráveis.

− Charles Wesley

CAPÍTULO 3
UM ATRIBUTO DIVINO: ALGO VERDADEIRO A RESPEITO DE DEUS

Ó Majestade inexprimível, minh'alma deseja contemplar-te. Do pó clamo a ti. No entanto, ao meditar sobre teu Nome, ele é secreto. Estás oculto na luz da qual nenhum homem é capaz de se aproximar. Aquilo que és está além de pensamento ou palavra, pois tua glória é inefável. Ainda assim o profeta e o salmista, o apóstolo e o santo me encorajam a crer que sou capaz de conhecer-te em alguma medida. Rogo, portanto, ajuda-me a buscar o que te apraz revelar, como um tesouro mais precioso do que rubis ou artefatos de ouro puro: pois contigo viverei quando as estrelas do crepúsculo não mais existirem, os céus tiverem se desvanecido e só tu permaneceres. Amém.

O estudo dos atributos de Deus, longe de tedioso e cansativo, pode ser para o cristão iluminado um doce e intenso exercício espiritual. Para a alma sedenta de Deus, não há nada mais maravilhoso.

Que alegria apenas sentar-se e meditar a respeito de Deus!
Pensar os pensamentos e sussurrar o Nome,
não há maior regozijo na Terra.

− Frederick W. Faber

Antes de continuarmos, pode parecer necessário definir o termo *atributo* na forma como é empregado neste livro. Não se trata do sentido filosófico ou limitado ao significado teológico mais estrito. Ele simplesmente significa *qualquer coisa que possa ser corretamente atribuída a Deus*. Para efeitos deste livro, um atributo de Deus é qualquer coisa que Deus tenha revelado ser verdade a seu próprio respeito. Isto nos leva à questão do número de atributos divinos. Pensadores religiosos há muito discordam a esse respeito. Alguns insistem que sejam sete, mas Faber cantou sobre o "Deus de mil atributos", e Charles Wesley exclamou "todos os teus incontáveis atributos confessam a tua glória".

É fato que esses homens estavam adorando, não contando, mas seria mais prudente seguir a intuição do coração extasiado do que as considerações mais sóbrias da mente teológica. Se um atributo é uma verdade sobre Deus, podemos deixar de lado a ideia de enumerá-los. Além do mais, para esta meditação sobre a pessoa de Deus, o número de atributos é irrelevante, já que somente alguns deles serão discutidos aqui.

Se atributo é uma verdade sobre Deus, é também algo que somos capazes de compreender que seja verdadeiro sobre ele. Deus, sendo infinito, deve possuir atributos que somos incapazes de conhecer. Um atributo, na forma compreensível para nós, é um conceito mental, uma resposta intelectual à autorrevelação divina. É a resposta a uma pergunta, a resposta que Deus dá às nossas interrogações a seu respeito.

Como Deus é? Que tipo de Deus ele é? Como devemos esperar que ele aja a nosso respeito e em relação a todas as criaturas? Tais questões não são meramente acadêmicas. Elas tocam as profundezas do espírito humano, e suas respostas tangem a nossa vida, nosso caráter e destino. Quando são feitas com

reverência, buscando respostas em humildade, é impossível que não agradem ao Pai que está nos céus. “Pois ele deseja que nos ocupemos em saber e amar”, escreveu Juliana de Norwich, “até que venha o tempo em que seremos completos no céu [...] pois de todas as coisas, o contemplar e amar ao Criador diminui a alma aos seus próprios olhos, preenchendo-a com temor reverente e verdadeira mansidão; e com abundância de amor aos seus irmãos em Cristo”.[7]

Deus dá respostas às nossas perguntas; não todas as respostas, certamente, mas o suficiente para satisfazer nosso intelecto e arrebatar o nosso coração. Essas respostas estão na natureza, nas Escrituras e na pessoa de seu Filho.

A ideia de que Deus se revela na criação não é muito defendida pelos cristãos modernos; no entanto, é apresentada na Palavra inspirada, especialmente nos escritos de Davi e Isaías no Antigo Testamento e na carta de Paulo aos Romanos no Novo. Nas Sagradas Escrituras, a revelação é mais clara:

Os céus proclamam tua glória, Senhor,
em cada estrela brilha tua sabedoria;
Mas quando nossos olhos contemplam tua Palavra,
lemos teu nome em linhas mais claras.

− Isaac Watts

É igualmente parte sagrada e indispensável da mensagem cristã que o inteiro brilho da revelação veio pela encarnação, quando a Palavra eterna se fez carne para habitar entre nós.

Ainda que Deus tenha, nesta tripla revelação, enviado respostas às nossas perguntas sobre ele mesmo, as respostas não são discerníveis à primeira vista. Devem ser buscadas em oração, longa meditação na Palavra escrita e esforço sincero e disciplinado. Por mais que a luz brilhe claramente, somente pode ser enxergada por aqueles que estão espiritualmente preparados para recebê-la. “*Bem-aventurados são os puros de coração, pois eles verão a Deus*.”

Se quisermos pensar corretamente sobre os atributos de Deus, devemos aprender a rejeitar determinadas palavras que certamente irão invadir a nossa mente – tais como *traços, características, qualidades,* palavras que são corretas e necessárias ao fazer referência a criaturas, mas completamente inapropriadas em relação a Deus. Devemos abandonar o hábito de pensar no Criador como

pensamos em suas criaturas. Ainda que seja impossível pensar sem palavras, se nos permitirmos pensar empregando as palavras incorretas, iremos necessariamente acalentar pensamentos errôneos; pois as palavras, que nos foram dadas para expressar os pensamentos, têm o hábito de extrapolar sua devida função e acabar determinando o conteúdo do pensamento. “Assim como não há nada mais fácil do que pensar”, diz Thomas Traherne, “não há nada mais difícil do que pensar bem”.[8] Se chegarmos um dia a conseguir pensar bem, deveremos fazê-lo ao pensar sobre Deus.

Um homem é a soma de suas partes, e seu caráter é a soma dos traços que o compõem. Estes variam de pessoa para pessoa e podem ao longo do tempo variar na mesma pessoa. O caráter humano não é constante porque os traços ou qualidades que o constituem são instáveis. Estes vêm e vão, quase desaparecem ou se destacam intensamente ao longo da vida. Assim, um homem que é bom e gentil aos 30 anos pode tornar-se cruel e rude aos 50. Tal mudança é possível porque o homem é criatura; é num sentido muito real apenas um conjunto; é a soma dos traços que compõem seu caráter.

Pensamos, natural e corretamente, que o homem é uma obra da inteligência divina. Ele é feito tanto quanto criado. A maneira como foi criado é um dos segredos guardados por Deus; a forma como foi trazido da não existência à existência, saindo do nada, é algo desconhecido e que talvez jamais seja conhecido a não ser por Aquele que o criou. Como Deus o *fez*, no entanto, não é algo tão secreto e, ainda que apenas conheçamos uma pequena parte dessas verdades, sabemos que o homem possui corpo, alma e espírito. Sabemos que possui memória, razão, vontade, inteligência, sensações e sabemos que possui o maravilhoso dom da autoconsciência que dá significado a tudo isso. Sabemos também que essas características, juntamente com as diversas qualidades de temperamento, compõem a totalidade de seu ser. Estes são dons de Deus organizados por uma infinita sabedoria, anotações que compõem o placar da maior sinfonia da Criação, fios que fazem parte da tapeçaria magistral do universo.

Mas, em tudo isto, estamos concebendo pensamentos de criatura e empregando palavras de criatura para expressá-los. Tanto os pensamentos quanto as ações são impróprios para aplicar-se à Deidade. “O Pai não foi feito, nem gerado, nem criado por ninguém”, afirma o Credo de Atanásio. “O Filho procede do Pai; não foi feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo não foi feito, nem

criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho."[9] Deus existe em si e por si próprio. Não deve a ninguém sua existência. Sua essência é indivisível. Não é composto de partes, sendo único em seu ser unitário.

A doutrina da unidade divina não significa somente que existe apenas um único Deus; também significa que Deus é simples, descomplicado e único em si. A harmonia de seu ser não é resultado do perfeito equilíbrio entre as partes, mas sim da ausência de partes. Entre seus atributos, não pode haver contradição. Não é necessário que ele suspenda um para exercer outro, pois todos os atributos são um nele. A totalidade de Deus faz tudo o que Deus faz; ele não se divide para fazer algo, mas opera dentro da completa unidade de seu ser.

Sendo assim, um atributo não é uma parte de Deus; é *como* Deus é. E, até onde o raciocínio é capaz de chegar, podemos dizer que tal atributo é *aquilo* que Deus é, embora, como tentei esclarecer, o Altíssimo não possa nos dizer exatamente o que é. Somente Deus é capaz de conhecer o conteúdo de sua própria autoconsciência. "As coisas que Deus conhece nenhum homem conhece, exceto pelo Espírito de Deus." Somente um igual seria capaz de ser informado do mistério da deidade; e pensar que Deus possa ter um igual é cair em um absurdo intelectual.

Os atributos divinos são aquilo que sabemos ser verdade sobre Deus. Ele não os possui como qualidades; são aquilo que Deus é ao revelar-se a suas criaturas. Amor, por exemplo, não é algo que Deus tem e que pode aumentar, diminuir ou deixar de existir. Seu amor é sua maneira de ser, e, ao amar, ele simplesmente está sendo ele próprio. O mesmo se aplica aos outros atributos.

Um Deus! Uma Majestade!
Não há outro Deus além de ti!
Ilimitada Unidade!
Oceano insondável!
Toda a vida provém de ti
e tua vida é tua abençoada Unidade.

− Frederick W. Faber

CAPÍTULO 4
A SANTA TRINDADE

Deus de nossos pais, entronizado em luz, quão rico e musical é nosso idioma! No entanto, ao tentar anunciar tuas maravilhas, nossas palavras parecem pobres, e nosso discurso, áspero. Ao considerarmos o temível mistério de tua Deidade Triúna, cobrimos a boca com as mãos. Perante a sarça ardente pedimos não para compreender, mas apenas para adorar dignamente a ti, Deus único em três pessoas. Amém.

Meditar nas três Pessoas da Trindade é caminhar em pensamento pelo jardim a leste do Éden e pisar em terra santa. Nossos esforços mais sinceros para absorver o incompreensível mistério da Trindade serão necessariamente fúteis, e somente a mais profunda reverência pode nos salvar da presunção.

Aqueles que rejeitam tudo o que são incapazes de compreender negam que Deus seja uma Trindade. Sujeitando o Altíssimo a seu escrutínio frio, concluem ser impossível que ele possa ser um e três ao mesmo tempo. Estes se esquecem de que sua própria vida está mergulhada em mistério. Deixam de considerar que qualquer explicação verdadeira dos fenômenos naturais mais simples permanece na obscuridade e é tão impossível de explicar quanto o mistério da Deidade.

Todo o homem vive pela fé, tanto o incrédulo quanto o santo; aquele pela fé nas leis naturais e este pela fé em Deus. Todo homem, ao longo da vida, constantemente aceita sem compreender. O mais erudito sábio pode ser reduzido ao silêncio com uma simples pergunta como "o quê?". A resposta a esta pergunta permanece eternamente no abismo, cujo conhecimento está além de qualquer homem. "Deus compreende aqueles caminhos, e conhece aqueles lugares", mas o mesmo não se aplica a nenhum mortal.

Thomas Carlyle, seguindo Platão, retrata um homem, grande pensador pagão, que cresceu até a maturidade em uma caverna e foi subitamente trazido para presenciar o nascer do sol. "Quanto ele não ficaria maravilhado", exclama Carlyle, "qual não seria seu extasiado espanto ao testemunhar algo que presenciamos diariamente com indiferença! Com a liberdade e abertura de uma criança, ao mesmo tempo que com as faculdades maduras de um homem, seu coração se incendiaria com aquela visão [...] Esta terra verde e florida composta de rocha, as árvores, as montanhas, os riachos, os mares e seus muitos sons; a profundidade azul acima de nós; os ventos passando por eles; as nuvens escuras se juntando, ora lançando fogo, ora gelo e água; O que é isto? O que é? No fundo, não temos como saber; e na verdade jamais saberemos".[10]

Muito diferentes somos nós, que já estamos tão acostumados com tudo isso a ponto de nos tornar indiferentes por estar saciados dessas maravilhas. "Não é por nossa compreensão superior que escapamos às dificuldades", diz Carlyle, "mas sim por nossa maior leviandade, nossa desatenção, nossa busca de entendimento. Não é por pensar demais que deixamos de nos espantar [...] chamamos o fogo das nuvens de "eletricidade", e o discutimos com erudição, e extraímos uma imitação dele da seda e vidro; mas o que ele é? De onde vem? Para onde vai? A ciência

tem feito muito por nós; mas é uma ciência pobre, que tenta esconder de nós a imensa profundidade sagrada da ignorância, a qual somos incapazes de penetrar, e da qual a ciência não passa da mera superfície. Este mundo, apesar de toda ciência e das ciências, continua sendo um milagre; maravilhoso, inescrutável, mágico e ainda mais para quem se detém a meditar sobre ele.

Essas palavras penetrantes, quase proféticas, foram escritas há mais de um século, mas nem mesmo todos os imensos avanços da ciência e tecnologia desde então invalidaram uma palavra sequer ou tornaram obsoleta uma mísera vírgula ou ponto final. Continuamos sem saber. Disfarçamos este fato repetindo frivolamente o jargão científico popular. Domamos a poderosa energia que perpassa nosso mundo; somos capazes de sujeitá-la a um botão em nossos carros e casas; fazemos com que trabalhe para nós como a lâmpada de Aladim, mas continuamos sem saber o que ela realmente é. O secularismo, o materialismo e a presença intrusiva das coisas apagaram a luz da nossa alma e nos transformaram em uma geração de zumbis. Encobrimos nossa profunda ignorância com palavras, mas nos envergonhamos de nos encantar; temos medo de sequer sussurrar "mistério".

A Igreja não tem hesitado em ensinar a doutrina da Trindade. Sem fingir compreendê-la, ela vem dando testemunho, repetindo o ensinamento das Sagradas Escrituras. Alguns negam que as Escrituras ensinem a Trindade de Deus, baseados no fato de que trindade em unidade é um paradoxo; mas se nem sequer somos capazes de compreender a queda de uma folha ou o chocar de um ovo de pássaro em seu ninho, por que teríamos problemas em aceitar a Trindade? "Temos um conceito mais elevado de Deus", diz Miguel de Molinos, "por saber que ele é incompreensível e está acima de nosso entendimento, do que ao concebê-lo em qualquer imagem e beleza de criaturas de acordo com nosso entendimento rudimentar".[11]

Nem todos os que se autointitularam cristãos ao longo dos séculos foram trinitarianos, mas, assim como a presença de Deus brilhava na coluna de fogo sobre o arraial de Israel na jornada pelo deserto, deixando claro para o mundo que "este é meu povo", também a crença na Trindade brilha desde os tempos dos apóstolos sobre a Igreja do Primogênito em sua jornada. Pureza e poder têm seguido esta crença. Sob essa bandeira, foram enviados apóstolos, pais, mártires, místicos, compositores, reformadores, reavivalistas, e o selo da aprovação divina esteve sobre a vida e as obras de cada um deles. Por mais que tivessem

discordado em relação a questões menores, a doutrina da Trindade os unia.

Aquilo que Deus declara é confessado pelo coração que crê sem necessidade de outra prova. Na verdade, buscar provas é admitir dúvidas, e obter provas é tornar supérflua a fé. Todos aqueles que possuem o dom da fé reconhecerão a sabedoria das ousadas palavras de um dos pais primitivos da Igreja: "Creio que Cristo morreu por mim porque isto é incrível; creio que ele levantou-se dos mortos porque isto é impossível".

Tal foi a atitude de Abraão, que, contra todas as evidências, levantou-se em fé, glorificando a Deus. Foi a atitude de Anselmo, "o segundo Agostinho", um dos maiores pensadores da era cristã, que defendia que a fé deveria preceder qualquer esforço de entendimento. A reflexão sobre a verdade revelada naturalmente segue o advento da fé, mas a fé chega primeiro ao ouvido que ouve, não à mente que quer entender. O homem de fé não pondera a Palavra e atinge a fé pelo esforço mental. O homem de fé não pondera a Palavra e atinge a fé por um processo de raciocínio, nem busca confirmação da fé na filosofia ou na ciência. Seu clamor é: "*Ó terra, terra, ouve a voz do Senhor. Sim, que Deus seja verdadeiro e todo o homem mentiroso*".

Será que isso equivale a descartar o valor da erudição na esfera da religião revelada? Absolutamente não. O estudioso possui uma tarefa vital em um ambiente cuidadosamente delimitado. Sua função é garantir a pureza do texto, chegando tão próximo quanto possível da Palavra enviada originalmente. Ele pode comparar passagens das Escrituras até que compreenda o verdadeiro significado de cada texto. Mas aí se encerra sua autoridade. Ele não deve julgar o que está escrito. Não deve ousar trazer a Palavra ao tribunal de sua própria razão. Não deve ousar recomendar ou condenar a Palavra em termos de razoável ou não, científica ou não científica. Após a descoberta do significado, este significado o julga; mas ele jamais deve julgar o significado.

A doutrina da Trindade é uma verdade para o coração. O espírito do homem é o único capaz de atravessar o véu e adentrar o Santo dos santos. "Permite-me ansiar por ti", implorou Anselmo, "permite-me desejar-te ao buscar; permite-me encontrar-te em amor, e amar-te ao ter encontrado".[12] O amor e a fé sentem-se à vontade perante o mistério da Deidade. Que a razão se ajoelhe em reverência do lado de fora.

Cristo jamais hesitou em usar o plural ao falar sobre si próprio juntamente

com o Pai e o Espírito. "*E viremos para ele e nele faremos morada*." Outra vez, ele disse: "*Eu e meu Pai somos Um*". É extremamente importante que pensemos em Deus como a Trindade na Unidade, sem confundir as pessoas nem dividir a Substância. Somente assim, seremos capazes de meditar corretamente sobre ele de forma digna de Deus e da nossa própria alma.

O que ofendeu os religiosos da época de Jesus e levou à crucificação foi sua alegação de igualdade com o Pai. O ataque de Ário e outros à doutrina da Trindade dois séculos depois foi igualmente um ataque à divindade de Cristo. Durante a controvérsia ariana, 318 pais da Igreja (muitos deles com marcas da violência física sofrida em perseguições anteriores) encontraram-se em Niceia e adotaram uma declaração de fé, que em determinado trecho diz:

Creio em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas.

Por mais de 1.600 anos, este foi o teste definitivo de ortodoxia, e corretamente, pois condensa em linguagem teológica o ensinamento do Novo Testamento a respeito da posição do Filho na Deidade.

O Credo Niceno também rende tributo ao Espírito Santo como sendo ele mesmo Deus em igualdade com o Pai e o Filho:

E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado.

A não ser pela questão sobre o Espírito derivar somente do Pai ou do Pai e do Filho, este fundamento da fé antiga vem sendo sustentado pelas vertentes oriental e ocidental da Igreja e por todos os cristãos exceto uma ínfima minoria.

Os autores do Credo de Atanásio detalharam com imenso cuidado a relação das três pessoas entre si, preenchendo as lacunas do pensamento humano tanto quanto lhes foi possível, ao mesmo tempo em que se mantiveram dentro dos limites da Palavra inspirada. "E nessa Trindade", reza o Credo, "nenhum é primeiro ou último, nenhum é maior ou menor. Mas todas as três pessoas coeternas são coiguais entre si".

Como essas palavras podem ser harmonizadas com a declaração de Jesus: "Meu Pai é maior do que eu"? Os antigos teólogos sabiam, e registraram no

credo: “Igual a seu Pai quanto à sua divindade; menor do que o Pai quanto à sua humanidade”, uma interpretação que deve chamar a atenção de quem quer que busque seriamente a verdade em uma região na qual a luz é praticamente ofuscante.

Para redimir a humanidade, o Filho Eterno não deixou o seio do Pai; enquanto andou por entre os homens, referiu a si próprio como “o único Filho gerado pelo Pai que está no seio do Pai”, e também como “o Filho do homem que está nos céus”. Há mistério aqui, mas não confusão. Em sua encarnação, o Filho velou sua divindade, mas não a esvaziou. A unidade da Deidade tornava impossível que ele deixasse a própria divindade. Ao tomar sobre si a natureza humana, Jesus não se degradou nem se tornou menor do que havia sido antes. É impossível que Deus se torne menos do que ele é. A transformação de Deus em algo que ele já não fosse antes é algo impensável.

As Pessoas da Deidade, sendo uma só, possuem uma única vontade. Elas trabalham sempre juntas, e nenhum ato é executado por uma delas sem a aquiescência instantânea das outras duas. Todo ato de Deus é realizado pela Trindade em Unidade. É evidente que aqui somos necessariamente impelidos a pensar em Deus em termos humanos. Pensamos sobre Deus em analogia com o homem, e o resultado fica aquém da verdade absoluta. Entretanto, para chegarmos a pensar em Deus, é mister que o façamos adaptando ao Criador pensamentos e palavras de criatura. É um engano real, ainda que compreensível, conceber que as Pessoas da Deidade discutam entre si e cheguem a um acordo a partir da interação intelectual como fazem os humanos. Sempre me pareceu que Milton tivesse introduzido um elemento de fraqueza em seu celebrado *Paraíso Perdido* ao representar as Pessoas da Deidade conversando entre si sobre a redenção da raça humana.

Quando o Filho de Deus caminhou sobre a Terra como Filho do Homem, ele falou com o Pai muitas vezes, e o Pai lhe respondeu; como Filho do Homem, ele agora intercede junto a Deus por seu povo. O diálogo entre o Pai e o Filho que as Escrituras registram ocorreu entre o Pai Celestial e o Homem Cristo Jesus. A comunhão imediata e instantânea entre as Pessoas da Deidade, a qual existe desde a eternidade, não necessita de som, esforço ou movimento.

Em meio aos silêncios eternos
A infinita Palavra de Deus foi pronunciada;
ninguém a ouviu a não ser ele que sempre falou,

e o silêncio permaneceu intacto.
Ó maravilhoso! Ó digno de adoração!
Nenhum som ou canção se faz ouvir
Mas em todo lugar e toda hora em amor,
em sabedoria e poder,
O Pai pronuncia sua amada e eterna Palavra

− Frederick W. Faber

Uma crença popular entre os cristãos divide a obra de Deus entre as três Pessoas, dando a cada uma um papel específico como, por exemplo, criação para o Pai, a redenção para o Filho e a regeneração para o Espírito Santo. Isto é parcial, mas não totalmente verdadeiro, pois Deus não pode dividir-se de forma que uma Pessoa atue enquanto outra nada faz. As Escrituras mostram as três Pessoas agindo em unidade harmoniosa em todos os poderosos feitos levados a cabo através do universo.

Nas Sagradas Escrituras, a obra da criação é atribuída ao Pai (Gn 1.1), ao Filho (Cl 1.16) e ao Espírito Santo (Jó 26.13 e Sl 104.30). A encarnação é retratada como um feito das três Pessoas em total concordância (Lc 1.35), ainda que somente o Filho tenha-se tornado carne e habitado entre nós. No batismo de Cristo, o Filho emergiu das águas, o Espírito desceu sobre ele, e a voz do Pai se fez ouvir dos céus (Mt 3.16,17). Aquela que provavelmente é a mais bela descrição da obra de expiação encontra-se em Hebreus 9.14, trecho no qual se lê que Cristo, por meio do Espírito Eterno, ofereceu a si próprio sem mácula a Deus; e ali vemos as três Pessoas agindo em conjunto.

A ressurreição de Cristo é igualmente atribuída ao Pai (At 2.32), ao Filho (Jo 10.17,18) e ao Espírito Santo (Rm 1.4). A salvação individual é descrita pelo apóstolo Pedro como sendo obra das três pessoas da Deidade (1 Pe 1.2), e é dito igualmente que o habitar na alma do cristão seja da parte do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Jo 14.15-23).

A doutrina da Trindade, como já foi dito, é uma verdade para o coração. O fato de não poder ser explicada satisfatoriamente não pesa contra ela, e sim a seu favor. Tal verdade precisou ser revelada; seria impossível que alguém a tivesse imaginado.

Ó abençoada Trindade!
Ó Majestade simples! Ó Três que são Um!
És eternamente Deus único.
Santa Trindade! Bendita três vezes.
Deus único, adoramos a ti.

− Frederick W. Faber

CAPÍTULO 5
A AUTOEXISTÊNCIA DE DEUS

Deus de todas as criaturas! Somente tu podes dizer EU SOU AQUILO QUE SOU; nós, porém, feitos à tua imagem, podemos apenas dizer "eu sou", confessando assim derivar de ti e reconhecendo que nossas palavras não passam de um eco das tuas. Reconhecemos que és o grande Original do qual somos apenas cópias agradecidas, ainda que imperfeitas. Adoramos a ti, ó Pai Eterno. Amém.

"Deus não tem origem", disse Novaciano[13] e é exatamente este conceito de não origem que distingue aquilo que é Deus do que quer que não seja Deus.

Origem é um termo que se aplica a coisas criadas. Ao pensarmos em qualquer coisa com origem, não estamos pensando em Deus. Deus é autoexistente, enquanto todas as coisas que foram criadas tiveram uma origem em algum ponto do tempo. Exceto por Deus, nada mais foi gerado por si mesmo. Nosso esforço em descobrir a origem das coisas nada mais é do que uma confissão da crença de que tudo foi feito por Alguém que não foi criado por ninguém. Por experiência e familiaridade, somos ensinados que tudo "veio de" alguma outra coisa. Qualquer coisa que exista precisou de uma causa anterior pelo menos igual a ela, pois o inferior é incapaz de produzir o superior. Qualquer pessoa ou objeto pode ao mesmo tempo ser causa ou causador de outra pessoa ou objeto; e assim por diante até chegar Àquele que é a causa de tudo, mas não foi ele mesmo engendrado por ninguém.

A criança, com sua pergunta "De onde Deus veio?", está inadvertidamente reconhecendo sua própria natureza de criatura. O conceito de causa, fonte e origem está firmemente fixado em sua mente. Ela sabe que tudo à sua volta veio de algo externo; assim, ela extrapola este conceito aplicando-o a Deus. O filósofo mirim está pensando com uma perfeita linguagem de criatura, e, por não possuir dados suficientes, sua premissa está correta. Ela deve ser ensinada que Deus não teve origem, e com certeza achará difícil absorver tal conceito. Afinal de contas, ele introduz uma categoria que lhe é totalmente desconhecida e contradiz o viés de procura de origens que é tão arraigado nos seres inteligentes, um viés que os impele a buscar as origens desconhecidas cada vez mais para trás.

Contemplar firmemente aquilo ao qual a ideia de origem não pode ser aplicada não é algo fácil. Isso nem sequer chega a ser possível. Assim como, sob certas condições, um pequeno ponto de luz às vezes pode ser visto pela visão periférica, mas não quando focamos nele nosso olhar, também é a ideia do Não Criado. Ao tentar focar nossos pensamentos naquele que não foi criado, podemos nada enxergar, pois ele habita na luz da qual o homem é incapaz de aproximar-se. Somente pela fé e pelo amor, somos capazes de vislumbrá-lo enquanto ele passa por nosso abrigo na fenda da rocha. "E ainda que tal conhecimento seja enevoado, vago e generalizado", diz Miguel de Molinos, "por ser sobrenatural ele produz uma percepção muito mais clara e perfeita de Deus do que qualquer percepção

sensível ou racional que possa ser formada nesta vida; pois qualquer imagem corpórea ou perceptível está imensuravelmente distante de Deus".[14]

A mente humana, tendo sido criada, sente um compreensível desconforto perante o Não Criado. Não achamos confortável considerar a presença daquele que escapa inteiramente ao conhecimento que nos é familiar. Tendemos a nos inquietar com a ideia de Alguém cuja existência não é justificável, que não presta contas a ninguém, que é autoexistente, autodependente e autossuficiente.

A ciência e a filosofia nem sempre são amigáveis com o conceito de Deus, pelo simples motivo de que sua existência se justifica pela busca de explicações, não tendo paciência alguma com algo que se recusa a prestar explicações. O filósofo e o cientista admitirão livremente que há muita coisa que desconhecem; mas isso é algo bem diferente de admitir a existência de algo que jamais serão capazes de conhecer, e que nem sequer possuem técnicas para analisar. Admitir que há Alguém que está além de nós, que existe fora de nossas categorias, que é impossível de analisar e nomear, que não se apresenta ao tribunal da razão nem se submete à nossa curiosidade: isto exige uma grande dose de humildade, maior do que a maioria de nós possui. Assim, solucionamos esse impasse racionalizando Deus ao nosso próprio nível, ou pelo menos a um nível que sejamos capazes de imaginar. E mesmo assim ele continua elusivo! Pois está em todo lugar e em nenhum lugar, pois "lugar" tem a ver com matéria e espaço, e Deus independe de ambos. Ele não é afetado por tempo ou movimento, é inteiramente autodependente e não deve satisfações aos mundos que criou com as próprias mãos.

Além do tempo, além do espaço, único, solitário,
mas sublimamente Três,
Tu és grandioso, sempre, único Deus em Unidade!
Único em grandeza, solitário em glória,
quem contará tua maravilhosa história?
Terrível Trindade!

− Frederick W. Faber

Não é um pensamento muito agradável que milhões de nós, que vivemos em uma terra de Bíblias, que pertencemos a igrejas e trabalhamos para promover a religião cristã, possamos mesmo assim passar a vida inteira nesta Terra sem haver nem sequer tentado pensar seriamente sobre a pessoa de Deus. Poucos

dentre nós se permitem contemplar em êxtase o EU SOU, o autoexistente para além do qual nenhuma criatura pode pensar. Tais pensamentos nos são dolorosos. Preferimos pensar em coisas que darão resultados melhores – como fabricar uma ratoeira mais eficaz, por exemplo, ou como plantar duas folhas de grama onde antes só crescia uma. E estamos agora pagando um preço alto demais por isto, na forma de secularização de nossa religião e decadência de nossa vida interior.

Talvez algum cristão sincero, porém intrigado, possa a essa altura estar perguntando-se sobre a praticidade de conceitos como esses que ora apresento. "Que diferença isto faria em minha vida?", ele pode perguntar. "Que possível significado a autoexistência de Deus pode ter para mim e para outros como eu em um mundo como o nosso e em épocas como esta?"

A essa indagação, respondo que, por sermos criaturas de Deus, todos os nossos problemas e suas soluções são teológicos. Um certo conhecimento de que tipo de Deus é esse que comanda o universo é indispensável a uma filosofia de vida sólida e uma perspectiva sadia sobre o mundo. O conhecido conselho de Alexander Pope, "Conhece-te, portanto, a ti mesmo, não tentes analisar a Deus; o estudo apropriado ao homem é o homem", se levado à risca, literalmente destruiria qualquer possibilidade de que o homem viesse a conhecer a si próprio a não ser de forma muito superficial. É impossível sabermos quem ou o que somos até que saibamos pelo menos um pouco sobre aquilo que Deus é. Por esse motivo, a autoexistência de Deus não é um fragmento de doutrina seca, remota e acadêmica; ela é tão essencial quanto respirar e tão prática quanto a técnica cirúrgica mais avançada.

Por motivos que somente ele conhece, Deus honrou o homem sobre todas as outras criaturas ao tê-lo criado à sua própria imagem. E que fique claro que a imagem divina do homem não é uma fantasia poética nem uma ideia nascida de anseios religiosos. É um sólido fato teológico, ensinado claramente ao longo das Sagradas Escrituras e reconhecido pela Igreja como uma verdade indispensável ao correto entendimento da fé cristã.

O homem é uma criatura, um ser derivado e condicional que por si próprio nada possui, mas, em cada momento de sua existência, é dependente daquele que o criou à sua semelhança. O fato de Deus é indispensável ao fato do homem. Racionalize a eliminação de Deus, e não restará qualquer razão para a existência do homem.

Que Deus seja tudo e o homem, nada, constitui uma premissa básica da fé e devoção cristãs; e aqui os ensinamentos do cristianismo coincidem com os das religiões orientais mais avançadas e filosóficas. O homem, com todo o seu gênio, não passa de um eco da Voz original, um reflexo da Luz eterna. Assim como um raio de sol desaparece se cobrirmos o Sol, o homem separado de Deus tende a retornar ao vazio do qual foi convocado pelo chamado da criação.

Não somente o homem, mas tudo o que existe provém e depende da continuação do impulso da criação. "*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.*" É assim que João explica isso, e o apóstolo Paulo concorda: "*pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste*". A este testemunho, o autor de Hebreus adiciona sua voz, afirmando que Cristo é o brilho da glória de Deus e a expressa imagem de sua pessoa, e que ele sustenta todas as coisas pela palavra de seu poder.

Nessa absoluta dependência que todas as coisas têm do poder de Deus, residem tanto a possibilidade da santidade quanto a do pecado. Uma das características da imagem de Deus no homem é sua habilidade de fazer julgamentos morais. O cristianismo ensina que o homem escolheu ser independente de Deus, tendo confirmado tal escolha ao desobedecer deliberadamente a um mandamento divino. Este ato violou o relacionamento que existia entre Deus e sua criatura; ele rejeitou a Deus como alicerce da existência e fez com que o homem passasse a depender somente de seus próprios recursos. O homem deixou de ser um planeta girando ao redor do Sol para tornar-se um sol independente, ao redor do qual quer exigir que tudo o mais gire.

É impossível imaginar uma declaração de autodependência mais contundente do que as palavras de Deus para Moisés: EU SOU AQUILO QUE SOU. Tudo o que Deus é, tudo o que é Deus, está englobado nesta ampla declaração de existência independente. Em Deus, o ego não é pecado, é a quintessência de toda a bondade, santidade e verdade possível. O homem natural é pecador porque, e somente porque, ele desafia o ego de Deus em favor do seu próprio. Em tudo o mais, ele pode estar disposto a aceitar a soberania de Deus; em sua própria vida, ele a rejeita. Para ele, o domínio de Deus termina onde começa o seu próprio.

Para ele, sua identidade se torna a Identidade, inconscientemente emulando Lúcifer, o filho da manhã caído que, em seu coração, disse: "*subirei aos céus, exaltarei meu trono acima das estrelas de Deus. Serei igual ao Altíssimo*".

No entanto, o ego é algo tão sutil que praticamente ninguém tem consciência de sua presença. Por descender de um rebelde, o homem não percebe ser ele próprio um rebelde. Sua constante autoafirmação, quando sequer chega a pensar a respeito, lhe parece algo perfeitamente normal. Ele está disposto a compartilhar de si próprio e, por vezes, até a sacrificar-se por algo que deseje, mas nunca a descer do trono. Independentemente do quanto ele desça na escala social, ainda se vê como um rei em seu trono e ninguém, nem mesmo Deus, pode tirá-lo de lá.

O pecado possui muitas manifestações, mas uma única essência. Um ser moral, criado para estar em adoração perante o trono de Deus, assenta-se no trono de seu próprio ego e, desta posição elevada, afirma: "EU SOU". Esta é a essência concentrada do pecado; e ainda assim, por ser uma atitude natural, parece ser algo bom. Somente quando a alma é confrontada com a face do Santíssimo através do evangelho, despida da máscara da ignorância, é que essa assustadora incongruência moral atinge a consciência. Na linguagem do evangelismo, diz-se que o homem que é assim confrontado com a presença ardente do Deus Todo-poderoso está sob condenação. Cristo se referiu a isto ao dizer que enviaria o Espírito ao mundo "*e quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo*".

O primeiro cumprimento destas palavras de Cristo ocorreu no Pentecostes, após Pedro haver pregado o primeiro grande sermão cristão. "*E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?*" Este "*o que faremos*" é o clamor vindo das profundezas do coração de todo homem que subitamente percebe ser um usurpador assentado sobre um trono roubado. Por mais que seja dolorosa, é esta intensa consternação moral que gera o verdadeiro arrependimento e produz um cristão robusto, após o penitente ter sido derrubado do trono e encontrado perdão e paz através do evangelho.

"Pureza de coração é desejar uma única coisa", disse Kierkegaard, e o oposto é igualmente verdadeiro quando declaramos: "A essência do pecado é desejar uma única coisa", pois a decisão de opor-nos à vontade de Deus equivale a tirarmos Deus do trono e fazer-nos supremos em nosso pequeno reino da alma humana. Esta é a raiz maligna do pecado. Os pecados podem multiplicar-se tanto

quanto as areias do mar, mas continuam sendo o mesmo. Pecados existem porque o pecado existe. É este o raciocínio por trás da tão criticada doutrina da depravação natural, que afirma que o homem impenitente é incapaz de fazer algo exceto pecar, e que suas boas ações não são boas em absoluto. Deus rejeita suas obras religiosas assim como rejeitou o sacrifício de Caim. É somente quando o indivíduo restitui o trono a Deus que suas obras passam a ser aceitáveis.

A luta do cristão para ser bom, ao mesmo tempo em que o viés de autoafirmação continua vivo nele como uma espécie de reflexo moral inconsciente, é vividamente descrita pelo apóstolo Paulo no capítulo sete de sua epístola aos Romanos; e seu testemunho está completamente de acordo com os ensinamentos dos profetas. Oitocentos anos antes do Advento, o profeta Isaías identificou o pecado como sendo a rebelião contra a vontade de Deus e a afirmação do direito de cada indivíduo escolher seu próprio caminho. "*Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas*", disse ele, "*cada um se desviava pelo seu caminho*", e creio que o pecado jamais tenha sido tão perfeitamente descrito.

O testemunho dos santos harmoniza perfeitamente com o do profeta e o do apóstolo, qual seja que o princípio do ego está na base da conduta humana, tornando malignas todas as ações humanas. Para salvar-nos por completo, Cristo precisa reverter o viés de nossa natureza; ele tem de implantar em nós um novo princípio para que nossa conduta subsequente passe a basear-se no desejo de prestar honras a Deus e promover o bem do próximo. O antigo pecado do ego precisa morrer, e o único instrumento que pode matá-lo é a cruz. "*Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me*", disse o Senhor, e anos depois um vitorioso Paulo pôde dizer: "*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim*".

Ó meu Deus, manterá o pecado seu poder
E viverá, desafiador, em minh'alma!
Não basta que tu perdoes,
A Cruz deve levantar-se, e o ego morrer.
Ó Deus de amor, revela teu poder:
Não basta que Cristo tenha ressuscitado,
Também eu devo buscar a luz dos céus
E levantar-me da morte como Cristo fez.

− Hino grego

CAPÍTULO 6
A AUTOSSUFICIÊNCIA DE DEUS

Ensina-nos, ó Deus, que de nada necessitas. Se de algo necessitasses, tal coisa representaria a medida de tua imperfeição: e como adoraríamos alguém imperfeito? Se de nada necessitas, também ninguém é necessário e, portanto, não te somos necessários. Tu nos chamas, mesmo sem precisar de nós. Buscamos a ti por precisarmos de ti, pois em ti vivemos e nos movemos, e em ti está nosso ser. Amém.

“O Pai tem vida em si mesmo”, disse o Senhor, e é característico de seus ensinamentos condensar em uma sentença tão curta uma verdade tão elevada que transcende o mais alto pensamento humano. Deus, disse o Senhor, é autossuficiente; ele é aquilo que é em si *próprio* no perfeito sentido destas palavras.

O que quer que Deus seja, e tudo o que ele é, ele é por si só. Toda a vida está em Deus e vem de Deus, da mais baixa forma de vida inconsciente até a vida altamente consciente e inteligente de um serafim. Nenhuma criatura possui vida por si própria; a vida é um dom de Deus.

A vida de Deus, ao contrário, não foi recebida de outrem. Se existisse um ser de quem Deus pudesse receber o dom da vida, ou na verdade qualquer dom, este outro ser é que seria Deus. Uma forma elementar mas correta de pensar em Deus é como Aquele que contém todas as coisas, que dá tudo o que existe, mas nada tem a receber exceto aquilo que ele tenha dado em primeiro lugar.

Admitir a existência de uma necessidade em Deus é admitir uma incompletude no Ser divino. Necessidade é uma palavra de criatura e não pode ser aplicada ao Criador. Deus mantém um relacionamento voluntário com tudo o que criou, mas nenhuma relação de necessidade com qualquer coisa fora de si próprio. Seu interesse em suas criaturas deriva de seu soberano bel-prazer e não de algo que estas criaturas possam lhe fornecer ou de alguma completude que elas possam oferecer Àquele que é completo em si próprio.

Novamente se faz necessário inverter o raciocínio para tentar compreender algo singular, que somente é verdadeiro nesta situação e em nenhuma outra. Nossos hábitos comuns de pensamento aceitam a existência de necessidades por parte das coisas criadas. Nada é completo por si só, sempre necessitando de algo externo para existir. Tudo o que respira requer ar; todo organismo precisa de alimento e água. Se eliminássemos a água e o ar da Terra, a vida seria instantaneamente extinta. Podemos elaborar o axioma que, para manter-se viva, toda criatura necessita de alguma outra coisa que tenha sido criada, e todas as coisas necessitam de Deus. Deus é o único para quem nada é necessário.

Um rio é ampliado por seus tributários, mas que tributário poderia ampliar Aquele de quem vieram todas as coisas e a cuja infinitude toda a Criação deve a existência?

Ó Oceano insondável: toda vida vem de ti,

e tua vida é tua abençoada Unidade.

− Frederick W. Faber

A questão sobre por que Deus criou o universo continua a incomodar os pensadores; mas, se não temos como respondê-la, podemos ao menos saber que ele não trouxe seus mundos à existência para atender a alguma necessidade pessoal, como um homem construiria um abrigo para proteger-se do inverno ou plantaria uma lavoura de milho para fornecer alimento indispensável. A palavra *necessário* é inteiramente estranha a Deus. Sendo o Ser Supremo, é impossível que ele seja mais elevado. Nada está acima dele, nada além dele. Qualquer movimento em direção ao Altíssimo constitui uma elevação para a criatura; para longe dele, declínio. Ele mantém sua posição por si só, sem necessitar de autorização. Assim como ninguém pode promovê-lo, também não se pode rebaixá-lo. Está escrito que ele sustenta todas as coisas pelo poder de sua palavra. De que forma Deus poderia ser levantado ou suportado pelas coisas que ele sustenta?

Se todos os seres humanos ficassem subitamente cegos, o sol continuaria a brilhar durante o dia e as estrelas, à noite, pois estes nada devem aos milhões que se beneficiam de sua luz. Igualmente, se todos os homens se tornassem ateus, isto em nada afetaria a Deus. Ele é aquilo que é em si próprio, independentemente de qualquer coisa. A fé em Deus nada acrescenta à sua perfeição; duvidar dele nada lhe tira.

O Deus Todo-poderoso, exatamente por ser todo-poderoso, não carece de apoio. A imagem de um Deus nervoso e conciliador tentando agradar aos homens para ganhar seu favor não é agradável; no entanto, ao avaliarmos a concepção popular de Deus, é exatamente isto o que encontramos. O cristianismo do século XX condenou Deus à caridade. Nossa autoimagem é tão elevada que achamos fácil, para não dizer agradável, crer que Deus precisa de nós. Mas a verdade é que nossa existência nada acrescenta a Deus, e ele não seria menor se não existíssemos. Nossa própria existência é inteiramente resultante do livre arbítrio de Deus, sem qualquer relação com merecimento de nossa parte ou com necessidade da parte dele.

É provável que a ideia mais difícil de ser aceita por nosso egoísmo natural seja que Deus não precisa de nossa ajuda. Comumente, nós o imaginamos como

um Pai ocupado, empolgado e um pouco frustrado que corre de lá para cá procurando ajuda para executar seu plano benevolente de trazer paz e salvação ao mundo. Contudo, como disse Lady Julian: "Vi que Deus tudo faz, não importa o quão minúsculo seja".[15] O Deus que opera todas as coisas certamente não precisa de ajuda nem de ajudantes. Um excesso de apelos missionários se baseia nessa suposta frustração do Deus Todo-poderoso. Um orador persuasivo é perfeitamente capaz de inspirar pena em seus ouvintes não apenas pelos pagãos, mas pelo Deus que vem tentando duramente salvá-los e falhando seguidamente por falta de apoio. Temo que milhares de jovens entrem para a obra por motivos não mais altos do que uma simples intenção de ajudar Deus a sair da situação embaraçosa na qual seu amor o colocou e da qual suas habilidades um tanto limitadas são incapazes de tirá-lo. Some-se a isto um certo grau de idealismo saudável e um pouco de compaixão pelos menos privilegiados, e o resultado é o verdadeiro impulso por trás de grande parte da atividade cristã atual.

Repito, Deus não precisa de defensores. Ele é o Eterno Indefensável. Para falar conosco em uma linguagem que sejamos capazes de compreender, Deus faz uso frequente de terminologia militar nas Escrituras; mas é certo que jamais com a intenção de nos induzir a pensar que o trono da Majestade nas alturas esteja sob ataque, com Miguel e suas hostes ou outros seres celestiais lutando desesperadamente em sua defesa. Pensar assim é subverter tudo o que a Bíblia procura nos ensinar a respeito de Deus. Nem o judaísmo nem o cristianismo poderiam aprovar tais noções pueris. Um Deus que precisa de ajuda é alguém que poderia nos ajudar apenas se, por sua vez, recebesse ajuda de alguém. Poderíamos somente contar com ele caso estivesse vencendo o cabo de guerra cósmico entre o bem e o mal. Um Deus assim não seria digno do respeito de homens inteligentes; apenas lhes inspiraria piedade.

Para ter razão, precisamos pensar dignamente sobre Deus. É moralmente imperativo expurgar da nossa mente todos os conceitos ignóbeis da Deidade e permitir que ele seja, em nossa mente, o Deus que é no universo. A religião cristã tem a ver com Deus e com o homem, mas seu ponto focal é Deus, não o homem. A única coisa que torna o homem relevante é ter sido criado à imagem de Deus; ele nada é por si só. Os salmistas e profetas nas Escrituras falam com desprezo do homem fraco cujo fôlego está em suas narinas, que cresce como a grama pela manhã apenas para ser ceifado e definhar antes do pôr do sol. O ensinamento mais enfático da Bíblia é que Deus existe por si, e o homem, para sua glória. A altíssima honra a Deus está em primeiro lugar nos céus, assim como um dia estará

na Terra.

Com tudo isso, é possível que estejamos começando a compreender por que as Sagradas Escrituras têm tanto a dizer sobre a importância da fé e por que tratam a incredulidade como pecado mortal. Dentre todas as criaturas, não há uma sequer que ouse confiar em si própria. Deus é o único que confia em si; todos os demais seres devem confiar nele. A descrença na verdade é uma perversão da fé, pois coloca sua confiança em mortais ao invés de colocá-la no Deus vivo. O descrente nega a autossuficiência de Deus e usurpa atributos que não lhe pertencem. Este duplo pecado desonra a Deus e, em última análise, destrói a alma humana.

Em seu amor e misericórdia, Deus veio a nós como Cristo. Esta vem sendo a firme posição da Igreja desde os dias dos apóstolos. Está fixada na fé cristã na doutrina da encarnação do Filho Eterno. Mais recentemente, entretanto, passou a ter um significado diferente e menor do que aquele aceito pela igreja primitiva. O Homem Jesus, da maneira como apareceu em carne, foi igualado à Deidade, e todas as suas fraquezas e limitações humanas passaram a ser atribuídas à Deidade. A verdade é que aquele Homem que caminhou entre nós foi uma demonstração, não da divindade revelada, mas da humanidade perfeita. A assombrosa majestade da Deidade foi misericordiosamente envolvida na embalagem suave da natureza humana para proteger a humanidade. "*Desce*", ordenou Deus a Moisés, "*adverte ao povo, para não suceder que traspasse os limites até o Senhor, a fim de ver, e muitos deles pereçam*"; e mais tarde: "*Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver*".

Os cristãos atuais parecem somente conhecer a Cristo pela carne. Tentam estabelecer comunhão com ele removendo sua ardente santidade e inatingível majestade, os próprios atributos que ele ocultou enquanto esteve na Terra, mas assumiu na totalidade de sua glória ao ascender à direita do Pai. O Cristo do cristianismo popular tem um sorriso fraco e uma auréola. Tornou-se Alguém lá de cima que gosta das pessoas, ou ao menos de algumas pessoas, as quais, por sua vez, estão agradecidas ainda que não muito impressionadas. Elas precisam dele na mesma medida em que ele precisa delas.

Não nos permitamos imaginar que a verdade da autossuficiência divina irá paralisar a atividade cristã. Pelo contrário, irá estimular todos os santos esforços. Esta verdade, ainda que constitua uma reprimenda à autoconfiança humana, ao ser

compreendida em sua perspectiva bíblica livrará a nossa mente do exaustivo fardo da mortalidade e irá nos encorajar a tomar o leve fardo de Cristo e a desgastar-nos na obra inspirada pelo Espírito para honra de Deus e o bem da humanidade. Pois as boas novas são que o Deus que não necessita de ninguém se rebaixou, por sua soberana condescendência, a fim de trabalhar em seus filhos obedientes e por intermédio de cada um deles.

Se isto parece contraditório, *amém*, que assim seja. Os diferentes elementos da verdade se mantêm em perpétua antítese, exigindo que às vezes creiamos em aparentes opostos enquanto esperamos o momento em que conheceremos tal como somos conhecidos. Então a verdade que parece antagonizar consigo mesma brilhará em unidade, e veremos que o conflito não estava na verdade, mas em nossa mente danificada pelo pecado.

Neste meio-tempo, nossa satisfação interior consiste na obediência em amor aos mandamentos de Cristo e às inspiradas admoestações de seus apóstolos. "*Deus é o que opera em vós*." Ele não precisa de ninguém, mas, quando existe fé, opera por intermédio de qualquer pessoa. Há duas afirmações nesta sentença, e uma vida espiritual saudável exige que aceitemos ambas. Por toda uma geração, a primeira esteve quase totalmente eclipsada, causando-nos profundos ferimentos espirituais.

Fonte da bondade, todas as bênçãos fluem de ti;
tua completude não conhece necessidade;
O que mais podes desejar além te ti mesmo?
E ainda, autossuficiente como és.
Desejas meu coração sem valor;
disto, somente disto, tu necessitas.

− Johann Scheffler

CAPÍTULO 7
A ETERNIDADE DE DEUS

Neste dia, o nosso coração aceita com alegria aquilo que a nossa razão jamais compreenderá inteiramente, qual seja tua eternidade, ó Ancião de Dias. Não és tu da eternidade, ó Senhor, meu Deus, meu Santo? Adoramos a ti, o Pai Eterno, cujos anos jamais findarão; e a teu Filho, gerado em amor, cuja existência vem de antes do tempo; reconhecemos e adoramos igualmente a ti, Espírito Eterno, que antes da fundação do mundo viveste e amaste na mesma glória com o Pai e o Filho. Amplia e purifica as mansões da nossa alma para que sejam habitações dignas de teu Espírito, que prefere um coração reto e puro acima de todos os templos. Amém.

O conceito de eternidade permeia toda a Bíblia como uma cordilheira majestosa, e se destaca no pensamento judeu ortodoxo e cristão. Se rejeitássemos este conceito, passaria a ser impossível voltar a ter os pensamentos dos profetas e apóstolos, tão cheios eram eles do longo sonho da eternidade.

Como a palavra *eterno* é empregada com frequência pelos autores sagrados como sinônimo de *durável* (como em "as colinas eternas"), há quem argumente que o conceito de existência infinita não era o que estava na mente dos escritores quando usaram a palavra, tendo sido adicionado posteriormente pelos teólogos. Isto é obviamente um erro grave e, até onde sei, não suportado por qualquer estudo sério. Esse argumento vem sendo usado por certos mestres para contornar a doutrina da punição eterna. Tais mestres rejeitam a eternidade da retribuição moral e são forçados, em nome da coerência, a enfraquecer todo o conceito de infinitude. Esse não é o único exemplo em que se tentou matar uma verdade para mantê-la oculta e evitar que fosse empregada como testemunho contra um engano.

A verdade é que, se a Bíblia não ensinasse que Deus possui existência infinita até as últimas consequências deste termo, seríamos levados a inferir tal eternidade a partir de seus outros atributos. E, se as Escrituras Sagradas não tivessem uma palavra para a infinitude absoluta, seria mister criá-la para poder expressar o conceito, pois este é presumido, subentendido e tomado como certeza em geral em toda a Escritura inspirada. A ideia de infinitude está para o reino de Deus assim como o carbono está para a natureza. Assim como o carbono está presente em quase todo lugar, sendo um elemento essencial da matéria viva e fornecendo energia a todas as formas de vida, assim o conceito de infinitude é necessário para emprestar significado a qualquer doutrina cristã. Chego a afirmar que desconheço qualquer ponto da fé cristã que seja capaz de manter sua significância ao ser despido do conceito de eternidade.

"*De eternidade a eternidade, tu és Deus*", disse Moisés no Espírito. "Desde a distância invisível até a distância invisível" seria outra forma de dizer isto, mantendo fidelidade às palavras que Moisés utilizou. A mente olha para trás no tempo até que o passado distante se desvaneça; volta-se para o futuro até que o pensamento e a imaginação caiam de exaustão — e Deus está intocado em ambos os extremos.

O tempo marca o início da existência criada, e como Deus não teve início, não pode ser aplicado a ele. "Começou" é uma palavra que se refere ao tempo, e não tem qualquer significado pessoal para o Altíssimo que habita na eternidade.

Não há tempo que possa aplicar sua medida a ti;
Deus amado! Tu és tua própria eternidade.

− Frederick W. Faber

Como Deus vive em um eterno agora, ele não tem passado nem futuro. Quando palavras de tempo aparecem nas Escrituras, sempre se referem ao nosso tempo, jamais ao dele. Quando os quatro seres viventes perante o trono entoam "*Santo, Santo, Santo, Deus onipotente, que era, que é e que há de vir*", estão identificando o fluxo de vida das criaturas e seus termos familiares (passado, presente e futuro) com Deus; e isto é algo bom e correto, pois Deus, em sua soberania, assim decidiu identificar-se. Mas por não ter sido criado, ele não é afetado por essa sucessão de alterações consecutivas que chamamos de tempo.

Deus habita na eternidade, mas o tempo habita em Deus. Ele já viveu todos os nossos amanhãs, assim como viveu todos os nossos ontens. C. S. Lewis criou uma ilustração que pode ajudar com esse conceito. Ele sugere que pensemos em uma folha de papel que se estenda ao infinito. Isto seria a eternidade. Em seguida, desenhamos neste papel uma linha curta que representa o tempo. Da mesma maneira que a linha começa e termina na folha infinita, assim o tempo começou em Deus e se encerrará nele.

Não é muito difícil aceitar que Deus tenha-se mostrado no início do tempo, mas sua presença em seu início e fim simultaneamente é um tanto mais complicado de se compreender; no entanto, esta é a verdade. Conhecemos o tempo por uma sucessão de eventos. Ele é a maneira como explicamos as sucessivas mudanças no universo. Mudanças não ocorrem todas de uma vez, mas em sequência, uma após a outra, e é a relação de "antes" e "depois" entre elas que nos dá a noção do tempo. Esperamos que o sol se mova de leste para oeste ou que o ponteiro das horas percorra o mostrador do relógio, mas Deus não é obrigado a aguardar dessa forma. Para ele, tudo o que irá acontecer já aconteceu.

É por isto que Deus pode afirmar: "*Eu sou Deus [...] e não há outro como eu, que separo o início e o fim*". Ele enxerga o início e o fim em uma única cena. "Pois a duração infinita, que é a própria eternidade, inclui toda a sucessão", diz Nicolau de Cusa, "e tudo aquilo que nos parece estar em sequência não existe fora de tua concepção, que é a eternidade [...] Assim, por seres Deus Todo-poderoso, tu habitas dentro dos muros do Paraíso, e estes muros são a confluência

onde o antes é um com o depois, onde o fim é um com o início, onde Alfa e Ômega são a mesma coisa [...] Pois AGORA e ENTÃO coincidem no círculo dos muros do Paraíso. Porém, ó meu Deus, Absoluto e Eterno, é além do presente e do passado que tu existes e falas".[16]

Quando já estava em idade avançada, Moisés escreveu o salmo que citei acima. Nele, ele celebra a eternidade de Deus. Para ele, tal verdade era um fato teológico sólido tão firme e seguro quanto o Monte Sinai, local que lhe era tão familiar, e detinha dois significados: como Deus é eterno, ele pode ser e continuar para sempre sendo o lar seguro para seus filhos sujeitos ao tempo. "*Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração*." O segundo não é tão reconfortante quanto este: se a eternidade de Deus é tão longa, e nossos anos sobre a Terra tão poucos, como estabeleceremos as obras de nossas mãos? Como evitaremos a abrasão dos eventos que nos desgastariam e destruiriam? Deus enche e domina o salmo, e é a ele que Moisés faz seu lamentoso apelo: "*Ensina-nos a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos corações sábios*". Que o conhecimento da tua eternidade não seja desperdiçado comigo!

Seria sábio se nós, que vivemos nesta era agitada, meditássemos longa e frequentemente sobre a nossa vida e os nossos dias antes de colocar-nos diante de Deus à beira da eternidade. Pois somos feitos de eternidade tão certamente quanto fomos feitos para o tempo, e como seres morais responsáveis devemos ser capazes de lidar com ambos.

"Ele colocou a eternidade em seus corações", disse o Pregador, e creio que tenha resumido aqui tanto a glória quanto a miséria do homem. Ser feito para a eternidade, mas obrigado a estar dentro do tempo é uma tragédia imensurável para a humanidade. Tudo em nosso interior clama pela vida e permanência, e tudo ao nosso redor nos lembra de mortalidade e mudança. Mesmo assim, o fato de que Deus nos fez de eternidade é tanto uma glória ainda não compreendida quanto uma profecia a ser cumprida.

Espero não ser considerado indevidamente repetitivo por voltar àquele importante pilar da teologia cristã: a imagem de Deus no homem. As marcas da imagem divina foram tão obscurecidas pelo pecado que não são fáceis de identificar, mas não seria razoável crer que uma delas seja a insaciável busca humana da imortalidade?

Tu não nos deixarás no pó:

tu fizeste o homem,
sem que ele conheça o motivo;
ele crê não ter sido feito para morrer
E tu o fizeste: tu és justo.[17]

Assim raciocinou Tennyson, e os instintos mais profundos de um coração humano normal concordam com ele. A antiga imagem de Deus sussurra a esperança eterna dentro de todo homem; ele continuará a existir em algum lugar. No entanto, ele é incapaz de regozijar-se, pois a luz que ilumina cada homem que vem ao mundo incomoda sua consciência, amedrontando-o com as provas de sua culpa e com evidências da morte inexorável. Assim, ele é esmagado entre a mó da esperança e a base do medo.

É exatamente aí que surge a doce relevância da mensagem cristã. “Nosso Salvador Jesus Cristo aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho.” Assim escreveu o maior de todos os cristãos logo antes de ir ao encontro de seu executor. A eternidade de Deus e a mortalidade do homem se juntam para nos persuadir de que a fé em Jesus Cristo não é opcional. A escolha de cada homem repousa entre Cristo e a tragédia eterna. Da eternidade, nosso Senhor veio a tempo para resgatar seus irmãos humanos, cuja tolice moral não apenas os transformou em bobos da corte deste mundo, mas também em escravos do pecado e da morte.

Breve vida é aqui nossa porção,
breve sofrimento, curta preocupação;
A vida que não possui fim,
a vida sem lágrimas, está além
Ali Deus, nosso Rei e Herança,
na inteireza de sua graça
Veremos então para sempre
e adoraremos face a face,

− Bernard de Cluny

CAPÍTULO 8
A INFINITUDE DE DEUS

Nosso Pai Celestial: permite-nos ver tua glória, ainda que do abrigo na fenda da rocha e sob a proteção de tua mão. Qualquer que seja o custo para nós em perda de amigos, bens ou dias de vida, permite-nos conhecer-te como tu és, para que possamos adorar-te devidamente. Em nosso Senhor Jesus Cristo, amém.

O mundo é maligno, o tempo se aproxima, e a glória de Deus abandonou a igreja assim como a coluna de fogo levantou-se da porta do templo às vistas do profeta Ezequiel.

O Deus de Abraão retirou sua presença consciente do meio de nós, e outro deus, desconhecido de nossos pais, está colocando-se à vontade em nosso meio. Nós criamos este deus e, por tê-lo criado, podemos compreendê-lo; como o criamos, ele é incapaz de nos surpreender, de nos impressionar, de nos espantar ou até de nos superar.

O Deus da glória por vezes se revelava como um sol que aquece e abençoa, sem dúvida, mas frequentemente também para espantar, impressionar e cegar, e só depois curar e conceder visão permanente. Este Deus de nossos pais deseja ser o Deus da raça que deles descende. Precisamos apenas preparar-lhe uma habitação em amor, fé e humildade. Basta desejá-lo o suficiente para que ele venha e se manifeste a nós.

Devemos permitir que um pensador santificado nos exorte? Ouçamos Anselmo, ou antes, atentemo-nos a suas palavras:

E agora, ó homenzinho, foge um momento às tuas ocupações, esconde-te um pouco dos teus pensamentos tumultuosos.
Atira fora agora os teus pesados cuidados
e deixa para depois os teus laboriosos trabalhos.
Reserva um pouco de tempo para Deus
e repousa nele por instantes.
"Entra na cela" da tua alma, expulsa tudo,
exceto Deus e o que te ajuda a procurá-lo;
"fechada a porta", procura-o!
Diz agora, "ó meu coração" todo, diz agora a Deus:
"Busco o teu rosto, o teu rosto, Senhor, eu procuro".[18]

De tudo o que se pode pensar ou dizer a respeito do Senhor, sua infinitude é o conceito mais difícil de compreender. A mera tentativa de concebê-lo já pareceria ser contraditória por si só, pois implica encetar um trabalho que já de saída sabemos ser incapazes de concluir. É, entretanto, necessário tentar, pois as Sagradas Escrituras ensinam que Deus é infinito e, se aceitamos seus demais atributos, é preciso que aceitemos este também.

Devemos perseverar na busca desta compreensão sem nos deixar desanimar pela dificuldade do caminho ou pela ausência de atalhos. A vista melhora à medida que subimos, e a jornada não é para os pés e sim para o coração. Busquemos, portanto, aqueles "transes de pensamento e ascensões da mente" que aprouver a Deus nos conceder, sabendo que o Senhor pode derramar visão sobre os cegos e sussurrar a bebês e infantes verdades jamais imaginadas pelos sábios e prudentes. Agora o cego verá e o surdo ouvirá. Agora podemos esperar receber os tesouros obscuros e as riquezas ocultas dos lugares secretos.

Infinitude significa ausência de limites, e é obviamente impossível que uma mente limitada compreenda o Ilimitado. Serei obrigado, neste capítulo, a pensar um passo aquém daquilo sobre o que escrevo, e o leitor irá precisar pensar em um grau abaixo daquilo que está tentando pensar. "*Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria quanto da ciência de Deus! Quão insondáveis são seus juízos, e quão inescrutáveis seus caminhos!*"

O motivo para esse nosso dilema já surgiu antes. Estamos tentando visualizar uma maneira de ser que nos é completamente estranha e inteiramente diferente de qualquer coisa que tenhamos conhecido neste mundo familiar de matéria, espaço e tempo.

"Aqui, e em todas as nossas meditações quanto às qualidades e à essência de Deus", escreveu Novaciano, "ultrapassamos nossa capacidade de concepção, e a eloquência humana é incapaz de expressar um poder do tamanho de sua grandeza. Perante a contemplação e expressão de sua majestade, toda eloquência se cala, todo esforço mental é débil. Pois Deus é maior do que a mente. Sua grandeza é inconcebível. Não, pois se fosse possível concebermos sua grandeza, ele seria menor do que a mente capaz de formar tal conceito. Ele é maior do que qualquer linguagem, e declaração alguma é capaz de expressá-lo. Na verdade, se algo pudesse expressá-lo, Deus seria menor do que o discurso humano através do qual ele pudesse ser expresso e tudo o que ele é pudesse ser compreendido. Todos os nossos pensamentos sobre ele serão menores do que ele, e mesmo nosso discurso mais elevado não passa de trivialidade comparado a ele".[19]

É uma pena que a palavra *infinito* nem sempre seja empregada em seu significado preciso, sendo, ao invés disso, utilizada descuidadamente para significar *muito*, tal como quando dizemos que o artista coloca infinito cuidado em sua pintura, ou que o professor demonstra infinita paciência com seus alunos. Trata-se de uma palavra que, ao pé da letra, não poderia ser aplicada a nada que

tenha sido criado e a ninguém além de Deus. Assim, discutir se o espaço é ou deixa de ser infinito não passa de um jogo de palavras. A infinitude pertence apenas a Um. Não há como existir um segundo.

Quando dizemos que Deus é infinito, queremos dizer que ele *não conhece limites*. No que quer que Deus seja e em tudo o que Deus é, ele é sem limites. E aqui novamente devemos abandonar o significado popular das palavras. "Riqueza infinita" e "energia ilimitada" são outros exemplos do uso descuidado das palavras. É claro que nenhuma riqueza é infinita e nenhuma energia é sem limites a não ser em referência à riqueza e à energia de Deus.

Mais uma vez, dizer que Deus é infinito equivale a dizer que ele é *imensurável*. Medida é uma forma que as criaturas utilizam para dar conta de si mesmas. Ela descreve limitações, imperfeições e não pode ser aplicada a Deus. Peso descreve a atração gravitacional que a Terra exerce sobre a matéria; distância descreve intervalos entre corpos no espaço; comprimento significa extensão no espaço, além de outras medidas familiares como as que se utilizam para líquidos, energia, som, luz e quantidades. Também tentamos medir qualidades abstratas, falando sobre fé grande ou pequena, alta ou baixa inteligência e talentos abundantes ou escassos.

Não é evidente que isto tudo não se aplica nem poderia se aplicar a Deus? É a maneira como enxergamos a obra de suas mãos, mas não como o vemos. Ele está acima dessas coisas, fora e além delas. Nossos conceitos de medida abarcam montanhas e homens, átomos e estrelas, gravidade, energia, números, velocidade, mas jamais a Deus. Não podemos falar em medida, quantidade, tamanho, ou peso quando nos referimos a Deus, pois tudo isso indica proporções, e não há proporções em Deus. Tudo que ele é, ele o é sem crescimento, adição ou desenvolvimento. Nada em Deus é mais ou menos, grande ou pequeno. Ele é o que é em si próprio, sem caracterização possível em pensamento ou palavra. Ele simplesmente é Deus.

É possível que, nas insondáveis profundezas do Ser divino, existam atributos sobre os quais nada sabemos e que nem sequer possuam significado para nós, da mesma forma que os atributos de misericórdia e graça não fazem sentido pessoal para os serafins ou querubins. Estes seres santos podem conhecer essas qualidades de Deus, mas são incapazes de compreender sua aplicação, uma vez que, por não ter pecado, não têm necessidade da graça e da misericórdia de Deus. Igualmente pode ser que existam, e tenho certeza de que seja o caso, outros

aspectos do ser essencial de Deus que ele não revelou sequer aos seus filhos salvos e iluminados pelo Espírito. São como o lado escuro da lua: sabemos que existe, mas nunca foi explorado nem exerce qualquer influência sobre os homens na Terra. Não há motivo para tentar descobrir aquilo que não foi revelado. Basta sabermos que Deus é Deus.

Teu próprio Ser eternamente cheio de tua própria chama,
Em ti destilas unções sem nome!
Sem a adoração das criaturas, sem velar tua face,
Ó Deus eternamente o mesmo!

- Frederick W. Faber

Mas a infinitude de Deus nos pertence e nos é dada a conhecer para nosso proveito eterno. Mas *o que* ela significa para nós além da maravilha de meditarmos a seu respeito? A resposta é muito, de todas as formas, e ainda mais à medida que conhecemos melhor a nós mesmos e a Deus.

Sendo a natureza de Deus infinita, tudo o que provém dela também é infinito. Nós, pobres criaturas humanas, somos constantemente frustrados por limitações internas e externas que nos são impostas. Os dias e anos da nossa vida são poucos e rápidos como o fuso do tecelão. A vida é um ensaio curto e frenético para um concerto no qual não estaremos presentes. No exato momento em que parecemos ter alcançado certo grau de habilidade, somos forçados a repousar nossas ferramentas. Simplesmente não há tempo o bastante para que pensemos, executemos ou nos tornemos aquilo que a constituição de nossa natureza indica sermos capazes.

Quão completamente satisfatório é desligar-nos de nossas limitações e voltar-nos a um Deus que não as possui. Anos eternos estão em seu coração. Para ele, o tempo não passa, permanece; e aqueles que estão em Cristo compartilham dessas riquezas de tempo infinito e anos infindáveis. Deus jamais se apressa. Ele não tem prazos a cumprir. Saber disso é suficiente para que aquietemos nosso espírito e acalmemos nossos nervos. Para os que não estão em Cristo, o tempo é uma besta devoradora; mas, diante dos filhos da nova criação, ele se senta, ronrona e lambe suas mãos. O inimigo da velha raça humana se torna o amigo da nova, e as estrelas, cada qual em sua órbita, lutam pelo homem que Deus se deleita em honrar. Isto é algo que podemos aprender sobre a infinitude divina.

Mas ainda há mais. Os dons de Deus na natureza possuem limitações. São finitos porque foram criados, mas o dom da vida eterna em Cristo Jesus é tão ilimitado quanto Deus. O cristão possui a vida do próprio Deus e compartilha de sua infinitude. Em Deus, há vida suficiente para todos e tempo suficiente para dela desfrutar. Tudo o que possui vida natural atravessa seu ciclo, do nascimento à morte, e então deixa de existir. Contudo, a vida de Deus se volta sobre si própria e jamais cessa. E nisto consiste a vida eterna: em conhecer ao único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem ele enviou.

A misericórdia de Deus também é infinita, e quem já sentiu a dor da culpa interior sabe disso em um nível acima do meramente acadêmico. "*Onde abundou o pecado, superabundou a graça*." O pecado abundante é o terror do mundo, mas a graça abundante é a esperança da humanidade. Por mais que o pecado possa abundar, ele também possui limites, pois é produto de mentes e corações finitos; mas o "muito mais" de Deus nos apresenta a infinitude. Em oposição à nossa profunda enfermidade de criatura, está a infinita capacidade de cura de Deus.

Através dos séculos, o testemunho cristão tem sido: "*Porque Deus amou o mundo*"; resta-nos enxergar este amor à luz da infinitude de Deus. Seu amor é imensurável — mais do que isto: é ilimitado. Não tem limites porque não é uma coisa, e sim uma faceta da natureza fundamental de Deus. Seu amor é algo que ele é, e porque ele é infinito, este amor é suficiente para abarcar em si toda a criação e ainda oferecer espaço para mais dez mil vezes dez mil mundos.

Este, este é o Deus que adoramos
Nosso Amigo fiel e imutável,
cujo amor é tão grande quanto seu poder
E nenhum dos dois possui medida ou fim.
É Jesus, o primeiro e o último,
Cujo Espírito nos guiará para casa em segurança;
o adoraremos por tudo o que fez
E confiaremos nele para o que está por vir.

− Joseph Hart

CAPÍTULO 9
A IMUTABILIDADE DE DEUS

Ó Cristo nosso Senhor, tens sido nosso refúgio através das gerações. Como coelhos para o refúgio, assim corremos para ti em busca de segurança; como pássaros ao voltar para casa, assim voamos para ti em busca de paz. O acaso e a mudança estão soltos em nosso pequenino mundo de natureza e homens, mas em ti não há variabilidade nem sequer sombra de alteração. Descansamos em ti sem temor ou dúvida e enfrentamos nosso amanhã sem ansiedade. Amém.

A imutabilidade de Deus está entre os atributos menos difíceis de entender, mas, para verdadeiramente compreendê-lo, devemos assumir a disciplina de separar a forma como pensamos nas criaturas daquela forma mais infrequente que surge ao tentarmos enxergar aquilo que pode ser compreendido sobre Deus.

Dizer que Deus é imutável significa dizer que ele jamais difere de si próprio. O conceito de um Deus em crescimento ou desenvolvimento não existe nas Escrituras. Me parece impossível pensar que Deus varie em relação a si próprio. E eis abaixo o porquê.

Para que um ser moral mude, é necessário que a mudança ocorra em uma de três direções possíveis. Ele deve ir de melhor a pior ou de pior a melhor; ou ainda, dado que a qualidade moral continue estável, ele deve mudar dentro de si próprio, de imaturo para maduro, por exemplo; ou de uma classe de ser para outra. Deve ficar claro que Deus não pode mover-se em nenhuma dessas direções. Suas perfeições excluem eternamente qualquer possibilidade de que isso ocorra.

Não há como Deus mudar para melhor. Sendo perfeitamente santo, ele jamais foi menos santo do que é hoje e jamais poderá ser mais santo do que é e sempre foi. Ele é igualmente incapaz de mudar para pior. Nenhuma deterioração na natureza inexpressivelmente santa de Deus é possível. Creio mesmo que seja impossível pensar em tal coisa, pois, no momento em que tentamos fazê-lo, o objeto de nosso pensamento deixa de ser Deus e passa a ser algo diferente e menor do que ele. Aquele em quem pensamos pode até mesmo ser uma criatura grandiosa e impressionante, mas, sendo criatura, não pode ser o Criador autoexistente.

Da mesma forma que não é possível haver mudança no caráter moral de Deus, também não pode ocorrer mudança na essência divina. O ser de Deus é singular no único significado apropriado da palavra; ou seja, seu ser é outra coisa, diferente de todos os demais seres. Já falamos sobre como Deus difere de suas criaturas por ser autoexistente, autossuficiente e eterno. Em função desses atributos, Deus é Deus, e não algum outro ser. Alguém que esteja sujeito a qualquer ínfima mudança não é nem autoexistente, nem autossuficiente nem eterno; logo, não é Deus.

Somente um ser composto de partes é passível de mudança, pois mudança consiste basicamente na alteração da relação entre as partes de um todo ou na admissão de algum elemento estranho à composição original. Como Deus é

autoexistente, ele não é composto. Não há nele partes passíveis de alteração. E por ser autossuficiente, nada exterior pode ser acrescentado a seu ser.

"Algo que seja composto de partes", disse Anselmo, "não é inteiramente único, mas de alguma maneira plural e diverso de seu todo; e é de fato ou de conceito capaz de dissolução. Mas nada disso se aplica a ti, acima de quem nada pode ser concebido. Assim, não há componentes em ti, Senhor, nem és tu mais do que um. Mas tu és verdadeiramente um ser unitário e de tal forma idêntico a ti mesmo, e em nenhum aspecto diferes de ti mesmo; pelo contrário, tu és a própria unidade, indivisível por qualquer conceito".[20]

"Tudo aquilo que Deus é, ele sempre foi, e tudo o que ele foi e é, ele sempre será." Nada que Deus jamais tenha dito a seu próprio respeito será alterado; nada que os profetas inspirados e apóstolos tenham dito a respeito dele será rescindido. Sua imutabilidade garante isto.

A imutabilidade de Deus aparece em sua mais perfeita beleza quando comparada à mutabilidade do homem. Em Deus, nenhuma mudança é possível. No homem, ela é inevitável. Nem o homem nem seu mundo são fixos, estando ambos em constante fluxo. Cada homem surge por um curto instante para rir e chorar, trabalhar e se divertir e, então, ele se vai para dar espaço aos que o seguirão no ciclo infinito.

Alguns poetas encontraram um mórbido prazer na lei da impermanência, e cantaram em tons menores a canção da mudança perpétua. Omar, o fabricante de tendas, foi um que cantou com melancolia e humor a respeito da mutabilidade e mortalidade, as enfermidades gêmeas que afligem a humanidade. "Não manejes tão asperamente essa argila", exortou ao oleiro, "podem ser as cinzas de teu avô que tratas com tamanha liberdade". "Quando ergueres a taça para beber vinho tinto", ele lembrou ao boêmio, "podes estar beijando a boca de uma beldade há muito falecida".

Esta doce nota de sofrimento expresso com humor gentil empresta uma radiante beleza a seus versos mas, por mais belo que seja, todo o longo poema é doente e agoniza à beira da morte. Como o pássaro encantado pela serpente que pretende devorá-lo, o poeta é fascinado pelo inimigo que o está destruindo, assim como a todos os homens e todas as gerações dos homens. Os escritores sagrados também encaram a mutabilidade do homem, mas são homens saudáveis, e há uma força robusta em suas palavras. Eles encontraram a cura para a grande doença.

Deus, dizem eles, não muda. A lei da mutabilidade pertence a um mundo caído, mas Deus é imutável, e nele o homem de fé é capaz de encontrar permanência eterna. Neste meio-tempo, a mutabilidade trabalha a favor dos filhos do reino, e não contra eles. As mudanças que neles ocorrem são obra das mãos do Espírito que vive neles. "*Mas todos nós*", diz o apóstolo, "*com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor*".

Em um mundo de mudança e decadência, nem mesmo o homem de fé pode ser completamente feliz. Ele instintivamente busca o imutável, e sofre com a perda das coisas familiares que lhe são queridas.

Ó Senhor! Meu coração está aborrecido,
aborrecido com esta eterna mudança;
E a vida passa tediosamente rápido.
Através de sua incessante corrida e variado alcance:
a mudança não encontra similar em ti,
e não desperta qualquer eco em tua muda eternidade.

− Frederick W. Faber

Estas palavras de Faber despertam a simpatia de todo coração; mas por mais que lamentemos a falta de estabilidade das coisas terrenas, em um mundo caído como o nosso a própria capacidade de mudar é um tesouro, um dom de Deus de tamanho valor que demanda constante ação de graças. Pois, para o ser humano, a própria possibilidade de redenção é baseada na capacidade de mudar. Mover-se de um tipo de pessoa para outro tipo é a essência do arrependimento: o mentiroso se torna verdadeiro, o ladrão, honesto, o devasso, puro, o orgulhoso, humilde. A própria textura moral da vida é alterada. Os pensamentos, desejos e as afeições são transformados, e o homem deixa de ser o que era antes. Trata-se de uma mudança tão radical que o apóstolo chama a forma que costumava existir de "o velho homem" e a pessoa que tomou seu lugar de "o novo homem, renovado no conhecimento e na imagem daquele que o criou".

Mas a mudança é mais profunda e mais fundamental do que qualquer ato externo é capaz de revelar, pois ela inclui receber de outrem uma vida de maior qualidade. O velho homem, mesmo em seu melhor momento, possui somente a vida de Adão. E isto é mais do que um modo de falar; é verdadeiro e literal.

Quando Deus infunde vida eterna no espírito de um homem, este homem se torna membro de uma nova e mais alta ordem de existência.

Ao executar seu processo redentor, o Deus imutável faz enorme uso de mudanças e, por meio de uma sucessão delas, atinge finalmente a permanência. No Livro de Hebreus, isto é claramente demonstrado: "*Tira o primeiro, para estabelecer o segundo*" é uma espécie de resumo dos ensinamentos deste notável livro. A velha aliança, que era provisória, foi abolida, e a nova e eterna aliança tomou seu lugar. O sangue dos touros e cabritos perdeu o significado quando o sangue do Cordeiro pascal foi derramado. A lei, o altar, o sacerdócio – tudo isso era temporário e sujeito a mudanças; agora a lei eterna de Deus está gravada para sempre na matéria viva e sensível de que é feita a alma humana. O antigo santuário já não existe, mas o novo santuário é eterno nos céus, e ali o Filho de Deus exerce seu eterno sacerdócio.

Aqui vemos Deus usar a mudança como um ínfimo servo para abençoar sua casa redimida, mas ele próprio está fora da lei da mutação e não é afetado por qualquer mudança que ocorra no universo.

E todas as coisas, à medida que mudam,
proclamam que o Senhor é eternamente o mesmo.

− Charles Wesley

Novamente surge a questão da utilidade. "De que me serve saber que Deus é imutável?", pode-se perguntar. "Isso não é tudo mera especulação metafísica? Algo que pode trazer satisfação a determinado tipo de pessoa, mas que não tem qualquer significado para homens práticos?"

Se por "homens práticos" queremos dizer incrédulos absortos em negócios seculares e indiferentes ao que Cristo afirmou, ao bem-estar da própria alma, ou aos interesses do mundo que está por vir, um livro como este não tem de fato qualquer significado para tais homens; nem, infelizmente, qualquer outro livro que leve a sério a religião. Mas ainda que tais homens possam ser a maioria, eles não constituem de forma alguma a totalidade do povo. Ainda há sete mil que não dobraram os joelhos a Baal. Estes últimos creem que foram criados para adorar a Deus e regozijar-se eternamente em sua presença, e estão sequiosos por aprender tudo o que puderem sobre o Deus com quem planejam passar a eternidade.

Neste mundo onde as pessoas nos esquecem, mudam de atitude para conosco de acordo com os ditames de seus interesses pessoais e reveem suas opiniões a nosso respeito por qualquer motivo, não é maravilhosamente encorajador saber que o Deus com quem nos relacionamos não muda? Que a sua atitude para conosco hoje é a mesma que foi pela eternidade que passou e continuará a ser na que está por vir?

Quanta paz tem o coração cristão ao entender que nosso Pai Celestial nunca difere de si próprio. Ao aproximar-nos dele, jamais precisamos pensar se o encontraremos num estado de humor receptivo. Ele está sempre pronto a atender à miséria e à necessidade, tanto quanto ao amor e à fé. Ele não atende apenas no horário comercial ou separa tempo para isolar-se. Ele também não muda de ideia sobre nada. Hoje, neste momento, ele sente por suas criaturas, pelos bebês, pelos doentes, pelos caídos e pecadores exatamente o mesmo que sentia quando enviou seu Filho unigênito ao mundo a fim de morrer pela humanidade.

Deus não sofre variações de humor, não esfria suas afeições ou perde entusiasmo. Sua atitude em relação ao pecado hoje é a mesma de quando ele tirou o homem pecador do jardim oriental. Sua atitude em relação ao pecador é a mesma de quando ele estendeu as mãos e disse: "*Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei*".

Deus não cede e não precisa ser persuadido. Ele jamais seria convencido a alterar sua palavra nem a atender a orações egoístas. Em toda a nossa busca de Deus, para lhe agradar e ter comunhão com ele, deveríamos lembrar que qualquer mudança necessariamente terá de ocorrer do nosso lado. "*Eu sou o Senhor que não muda.*" Precisamos apenas atender a seus termos, que são muito claros, e colocar a nossa vida em conformidade com a vontade divina revelada a fim de que seu infinito poder passe a operar instantaneamente em nós na maneira descrita nos evangelhos das Escrituras da verdade.

Fonte de todo o ser! Origem do Bem!
Permaneces imutável!
Nem sequer a sombra de uma mudança
obscurece as glórias de teu reino.
A Terra e seus poderes se dissolverão
se esta for a vontade do grande Criador;
Mas tu és para sempre o mesmo
EU SOU continua a te designar.

- da coleção Walker

CAPÍTULO 10
A ONISCIÊNCIA DIVINA

Senhor, tu me sondas e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu levantar e conheces todos os meus caminhos. Não há nada que eu possa te revelar e seria vão tentar esconder algo de ti. À luz de teu perfeito conhecimento sou ingênuo como um recém-nascido. Ajuda-me a colocar de lado qualquer preocupação, pois tu sabes que caminho devo tomar para passar por teu julgamento como ouro puro. Amém.

Dizer que Deus é onisciente equivale a dizer que ele possui o conhecimento perfeito, não tendo, portanto, nada a aprender. Mas não é apenas isso: é dizer que Deus jamais aprendeu e é incapaz de aprender.

As Escrituras ensinam que Deus jamais aprendeu com alguém. "*Quem guiou o Espírito do Senhor, ou como seu conselheiro o ensinou? Com quem tomou ele conselho, que lhe desse entendimento, e lhe ensinasse o caminho do juízo, e lhe ensinasse conhecimento, e lhe mostrasse o caminho do entendimento?*" "*Por que quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro?*" Estas são perguntas retóricas feitas pelo profeta Isaías e pelo apóstolo Paulo para declarar que Deus jamais aprendeu.

A partir daqui, o próximo passo é somente concluir que Deus não pode aprender. Se Deus pudesse, em qualquer tempo ou maneira, receber em sua mente algum conhecimento que já não detivesse desde a eternidade, ele seria imperfeito e menor do que ele próprio. Até mesmo cogitar um deus que precise assentar-se aos pés de um professor, ainda que tal professor seja um arcanjo ou serafim, é pensar em alguém que não o Deus Altíssimo, criador dos céus e da terra.

Essa abordagem negativa à onisciência divina é, creio eu, plenamente justificável dadas as circunstâncias. Já que nosso entendimento intelectual de Deus é tão pequeno e obscuro, podemos por vezes usá-la com considerável vantagem em nossa luta para entender como Deus é, bastando que pensemos naquilo que Deus não é. Até este ponto de nosso estudo dos atributos divinos, fomos obrigados a usar as negativas vez após vez. Vimos que Deus não teve origem, não teve começo, não precisa de ajudantes, não sofre mudanças, e que seu ser essencial não possui limitações.

Esse método de tentar fazer com que homens vejam como Deus é, mostrando-lhes o que ele não é, também foi usado pelos autores inspirados das Sagradas Escrituras. "*Não sabes? Não ouvistes?*", clamou Isaías, "*que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga?*" E a declaração peremptória do próprio Deus — "*Eu sou o Senhor que não muda*" — nos diz mais sobre a onisciência divina do que um tratado de dez mil páginas seria capaz de dizer se esse tipo de negativa fosse abandonado. A eterna veracidade de Deus é declarada em forma de negativa pelo apóstolo Paulo — "*Deus [...] não pode mentir*" — e quando o anjo afirmou que "*com Deus nada é impossível*". A combinação destas duas negativas acaba resultando em uma sonora afirmação positiva.

Que Deus seja onisciente não é apenas algo que as Escrituras nos ensinam, mas também pode ser inferido daquilo que é ensinado a seu respeito. Deus conhece perfeitamente a si próprio e, sendo a fonte e o autor de todas as coisas, segue-se que ele conhece tudo o que pode ser conhecido. E aquilo que conhece, ele conhece instantaneamente e com inteira perfeição, incluindo todas as características de tudo o que existe ou possa ter existido em qualquer lugar do universo em qualquer tempo do passado ou que possa vir a existir nas eras ainda desconhecidas.

Deus conhece instantaneamente e sem esforço toda a matéria e todas as matérias, toda a mente e todas as mentes, todo o espírito e todos os espíritos, todo o ser e todos os seres, toda a criação e todas as criaturas, toda a pluralidade e todas as pluralidades, toda a lei e todas as leis, todas as causas, todos os pensamentos, todos os mistérios, todos os enigmas, todo o sentimento, todos os desejos, todo segredo mais profundo, todos os tronos e domínios, todas as personalidades, todas as coisas visíveis e invisíveis nos céus e na terra, o movimento, o espaço, o tempo, a vida, a morte, o bem, o mal, os céus e o inferno.

Conhecendo tudo perfeitamente, não há algo que ele conheça mais ou menos, mas todas as coisas ele conhece igualmente bem. Ele nunca descobre nada. Ele jamais se surpreende ou se espanta. "Ele não precisa investigar nada nem pedir informações ou fazer perguntas (a não ser quando nos questiona para o nosso próprio bem)."

Deus é autoexistente e autocontido, e conhece o que qualquer criatura jamais poderá conhecer: a si próprio, perfeitamente. "*Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus*." Somente o infinito pode conhecer o infinito.

Na onisciência divina, podemos ver o contraste entre o terror e a fascinação da Deidade. O fato de Deus conhecer cada pessoa completamente pode ser motivo de medo abjeto para o ser humano que tem algo a esconder – algum pecado que persiste, algum crime cometido contra Deus ou contra o homem. A alma que está na escuridão treme com razão ao saber que Deus conhece a fragilidade de cada pretexto e jamais aceita desculpas esfarrapadas para o comportamento pecaminoso, pois sabe seus verdadeiros motivos. "*Diante de ti puseste as nossas iniquidades, os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto*." Que assustador ver os filhos de Adão buscando esconder-se por entre as árvores de outro jardim. Mas onde poderiam se esconder? "*Para onde me irei do teu*

espírito, ou para onde fugirei da tua face? [...] Se disser: Decerto que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim. Nem ainda as trevas me encobrem de ti; mas a noite resplandece como o dia."

E para aqueles que buscaram refúgio agarrando-se à esperança que o evangelho nos apresenta, que doçura inexprimível encontram no conhecimento de que nosso Pai Celestial nos conhece inteiramente. Ninguém pode nos delatar, nenhum inimigo é capaz de nos acusar com sucesso; nenhum esqueleto esquecido pode cair de dentro de um armário escondido para nos envergonhar e expor nosso passado; nenhuma fraqueza de caráter insuspeita é capaz de afastar-nos de Deus ao ser revelada, pois ele nos conhecia completamente antes que o conhecêssemos e nos chamou para si com plena consciência de tudo o que constava contra nós. "*Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão abalados; porém a minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará, diz o Senhor que se compadece de ti.*"

Nosso Pai Celestial conhece nossa estrutura e se lembra de que somos pó. Ele conhecia nossa inata traição, e, por amor de seu nome, decidiu salvar-nos (Is 48.8-11). Seu Filho unigênito, quando caminhou entre nós, sentiu a intensa angústia de nossas dores. Seu conhecimento de nossas aflições e adversidades é mais do que teórico; é pessoal, cálido e compassivo. O que quer que nos aconteça, Deus sabe e se importa como ninguém mais é capaz de importar-se.

Ele a todos dá sua alegria;
Faz-se pequeno como um infante todo dia;
Um homem de dores ele se torna;
Sentindo o sofrimento toda hora.
Não penses que possas sequer suspirar
Sem que o Criador ao teu lado esteja.
Não penses que possas uma lágrima derramar
Sem que ele tudo veja.
Ó! Ele nos dá sua alegria
Para poder destruir a dor que judia;
Até que o sofrimento se desvaneça,
Ele ao nosso lado se senta e se lamenta.

− William Blake

CAPÍTULO 11
A SABEDORIA DE DEUS

Tu, ó Cristo, que foste tentado de todas as formas como nós somos, e permaneceste sem pecado, dá-nos forças para superar o desejo de sermos sábios e considerados sábios por outros tão ignorantes como nós mesmos. Deixamos nossa sabedoria de lado, juntamente com nossa tolice, e fugimos para ti em busca da sabedoria e do poder de Deus. Amém.

Neste breve estudo sobre a sabedoria divina, devemos começar pela fé em Deus, seguindo o padrão já habitual de não tentar entender para poder crer, mas sim de crer para poder entender. Assim, não buscaremos provas de que Deus é sábio. A mente incrédula não se convenceria com prova alguma, e o coração adorador não precisa de nenhuma evidência.

"*Seja bendito o nome de Deus de eternidade a eternidade*", clamou o profeta Daniel, "*porque dele são a sabedoria e a força; ele dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz*". O homem que crê responde a isto, e ao coro angelical, "*Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre*". Nunca lhe ocorre o pensamento de que Deus precisasse provar sua sabedoria ou seu poder. Não é suficiente que ele seja Deus?

A declaração da teologia cristã de que Deus é sábio significa vastamente mais do que diz ou poderia dizer, empregando uma palavra relativamente fraca para expressar uma plenitude de significado incompreensível, capaz de despedaçá-la e esmagá-la sob o peso do conceito que tenta abarcar. "*Sua compreensão é infinita*", diz o salmista. A teologia tenta aqui exprimir nada menos do que a infinitude.

Como a palavra *infinito* descreve algo único, ela não pode ser qualificada. Não dizemos "mais infinito" ou "muito infinito". Permanecemos em silêncio perante a infinitude.

Há uma sabedoria secundária que Deus concede em certa medida (a medida necessária) a suas criaturas para seu próprio bem; mas a sabedoria de qualquer criatura, ou de todas as criaturas, comparada à ilimitada sabedoria de Deus, é pateticamente pequena. Por esse motivo, o apóstolo acertadamente se refere a Deus como "o único sábio". Ou seja, Deus é sábio por si próprio, e toda a brilhante sabedoria de homens e anjos não passa de um reflexo da refulgência eterna que flui do trono da Majestade nos céus.

A ideia de Deus como alguém infinitamente sábio está na raiz de toda a verdade. Essa crença é um pré-requisito para a solidez de todas as outras crenças sobre Deus. Como seu Ser não depende de criaturas, nossa opinião a seu respeito não o afeta, mas nossa sanidade moral exige que atribuamos ao Criador e Sustentador do universo uma sabedoria inteiramente perfeita. Recusar fazê-lo é

trair a própria essência do que nos diferencia dos animais.

Nas Sagradas Escrituras, a sabedoria, em referência a Deus e aos bons homens, sempre carrega forte conotação moral. É um conceito de bondade, amor e bem. Sabedoria constituída de mera sagacidade é frequentemente atribuída a homens maus, pois é traiçoeira e falsa. Estes dois tipos de sabedoria estão eternamente em conflito. Na verdade, quando vista das alturas do Sinai ou do Calvário, percebe-se que toda a história do mundo não passa de uma luta entre a sabedoria de Deus e a astúcia de Satanás e dos homens caídos. O resultado deste conflito jamais esteve em dúvida. O imperfeito finalmente cairá diante do perfeito. Deus nos advertiu de que irá confrontar o sagaz em sua sagacidade e anulará o entendimento do sábio.

Sabedoria, dentre outras coisas, é a capacidade de engendrar fins perfeitos e de colocá-los em prática por meios perfeitos. Ela enxerga o objetivo desde o início, para que não haja necessidade de adivinhar ou conjecturar. A sabedoria tudo vê com foco perfeito, cada coisa em relação ao todo, e desta forma é capaz de trabalhar com vista aos alvos predeterminados com absoluta precisão.

Deus tudo faz com perfeita sabedoria, em primeiro lugar para a sua glória e em segundo lugar para o bem maior do maior número de pessoas pelo tempo mais longo. E todos os seus atos são tão puros quanto sábios, e tão bons quanto sábios e puros. Seus atos não somente não poderiam ser mais bem executados; não é sequer possível conceber uma forma melhor de executá-los. Um Deus infinitamente sábio deve operar de forma que criaturas finitas sejam incapazes de melhorar as obras divinas. Ó Deus, que multiplicidade há em tuas obras! Em sabedoria, fizeste todas elas. A Terra está repleta das tuas riquezas!

Sem a criação, a sabedoria de Deus permaneceria eternamente recolhida no abismo ilimitado da natureza divina. Deus trouxe suas criaturas à existência para que pudesse regozijar-se nelas, e elas nele. "*E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom.*"

Através dos séculos, muitos têm-se declarado incapazes de crer na sabedoria básica de um mundo onde tanta coisa parece estar errada. Voltaire, em seu *Cândido,* apresenta um otimista determinado que chama de Dr. Pangloss, e em sua boca coloca todos os argumentos da filosofia do "melhor de todos os mundos possíveis". E é claro que o cínico francês se divertiu imensamente ao colocar o velho professor em situações que tornavam sua filosofia ridícula.

Mas o ponto de vista cristão a respeito da vida é vastamente mais realista do que o do Dr. Pangloss e sua "razão suficiente". É que este não é no momento o melhor dos mundos possíveis, mas sim um mundo que jaz à sombra de uma enorme calamidade: a Queda do homem. Os escritores inspirados insistem que toda a criação geme e sofre sob o imenso choque da Queda. Eles não tentam fornecer "razões suficientes"; afirmam que a criatura está sujeita à vaidade, não por vontade própria, mas que "*a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou*". Não há qualquer tentativa de justificar o tratamento dispensado por Deus aos homens; apenas a constatação de um fato. O ser de Deus é sua própria defesa.

Mas há esperança entre todas as nossas lágrimas. Quando chegar a hora do triunfo de Cristo, o mundo sofredor será trazido à gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Para os homens da nova criação, a era de ouro não está no passado, mas no futuro. E quando for introduzida, um universo maravilhado verá que Deus verdadeiramente abundou em toda a sabedoria e prudência para conosco. Neste meio-tempo, depositamos nossas esperanças no único Deus sábio, nosso Salvador, e esperamos com paciência o lento desenvolvimento de seus propósitos benignos.

Apesar das lágrimas, da dor e da morte, cremos que o Deus que nos fez a todos é infinitamente sábio e bom. Assim como Abraão jamais deixou de crer nas promessas de Deus, mas permaneceu forte na fé, dando glórias ao Altíssimo, completamente convencido de que aquilo que ele prometera, ele seria capaz de cumprir, assim baseamos nossa esperança unicamente em Deus e esperamos, contra todas as expectativas, até que venha o dia. Descansamos naquilo que Deus é. Creio que nisso consiste a verdadeira fé. Qualquer fé que necessite do apoio dos sentidos não é fé verdadeira. "*Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.*"

O testemunho da fé é que, independentemente de como as coisas se pareçam neste mundo caído, todos os atos de Deus vêm da perfeita sabedoria. A encarnação do Filho Eterno em homem foi um dos poderosos feitos de Deus, e podemos estar certos de que este maravilhoso feito foi executado com a perfeição que somente é possível ao Infinito. "*E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne*."

A expiação foi igualmente alcançada com a mesma habilidade impecável que é a marca de todos os atos de Deus. Por menos que a compreendamos, sabemos

que a obra expiatória de Cristo reconciliou perfeitamente Deus e os homens e abriu o reino dos céus a todos os que creem. Não nos cabe explicar, e sim proclamar. Chego mesmo a imaginar se Deus poderia fazer-nos entender tudo o que aconteceu na cruz. De acordo com o apóstolo Pedro, nem sequer os anjos sabem, por mais que desejem ardentemente debruçar-se sobre tais coisas.

A operação do evangelho, o novo nascimento, a vinda do Espírito divino para dentro da natureza humana, a derrota definitiva do mal e o estabelecimento final do reino de justiça de Cristo – tudo isso fluiu e flui da infinita plenitude da sabedoria de Deus. Os olhos mais aguçados do mais santo expectador na companhia abençoada dos céus não são capazes de detectar uma falha sequer nos caminhos que Deus empregou para produzir tais resultados, nem a sabedoria conjunta de todos os serafins e querubins seria capaz de sugerir uma melhoria nos procedimentos divinos. "*Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isto faz Deus para que haja temor diante dele*."

É de vital importância que a verdade da infinita sabedoria de Deus seja um fundamento de nosso credo; mas não é o suficiente. Precisamos, por meio do exercício da fé e da oração, trazê-la para dentro de nossa experiência prática do dia a dia.

Crer ativamente que nosso Pai Celestial constantemente coloca ao nosso redor circunstâncias providenciais que cooperam para nosso bem presente e para nosso bem-estar eterno traz uma verdadeira bênção para a alma. A maioria de nós passa a vida orando um pouco, planejando um pouco, lutando por posições, esperando sem jamais ter certeza de nada, e secretamente sempre com medo de errar o caminho. Este é um trágico desperdício da verdade e jamais dá descanso ao coração.

Existe uma maneira melhor. Trata-se de repudiar nossa própria sabedoria e substituí-la pela infinita sabedoria de Deus. Nossa insistência em querer ver o que está à frente é perfeitamente natural, mas é também um obstáculo ao progresso espiritual. Deus assumiu inteira responsabilidade por nossa felicidade eterna e está a postos para tomar as rédeas da nossa vida assim que nos voltarmos a ele em fé. Esta é sua promessa: "*E guiarei os cegos por um caminho que não conhecem; fá-los-ei caminhar por veredas que não têm conhecido; tornarei as trevas em luz perante eles, e aplanados os caminhos escabrosos. Estas coisas lhes farei; e não os desampararei*".

Permite que ele o guie de olhos vendados,
O amor não precisa saber;
Filhos guiados pelo Pai não perguntam aonde vão
Ainda que o caminho seja desconhecido,
através de pântanos e montanhas solitárias.

− Gerhard Tersteegen

Deus nos encoraja constantemente a confiar nele em meio à escuridão. "*Eu irei adiante de ti, e tornarei planos os lugares escabrosos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro. Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamo pelo teu nome*."

É alentador descobrir que tantos dos poderosos feitos de Deus ocorreram em segredo, longe dos olhos dos homens e dos anjos.

Quando Deus criou os céus e a terra, a escuridão encobria a face do abismo. Quando o Filho Eterno se fez carne, ele foi carregado no ventre da doce virgem por algum tempo. Quando morreu para dar vida ao mundo, foi na escuridão, sem que o fim fosse visto por ninguém. Quando se levantou dentre os mortos, foi "no romper da madrugada". Ninguém o viu levantar-se. É como se Deus estivesse dizendo: "*O que Eu sou é tudo o que importa para ti, pois aí está tua esperança e tua paz. Eu farei aquilo que farei e meus feitos virão finalmente à luz, mas como eu o faço é meu segredo. Confia em mim e não temas*".

Com a bondade de Deus a desejar nosso mais elevado bem, a sabedoria de Deus a planejá-lo e o poder de Deus para atingi-lo, o que mais nos falta? Somos certamente as mais favorecidas de todas as criaturas.

Em todos os grandes desígnios de nosso Criador,
Brilham a onipotência e a sabedoria;
Suas obras, através de todas as maravilhas,
Declaram a glória de seu Nome.

− Thomas Blacklock

CAPÍTULO 12
A ONIPOTÊNCIA DE DEUS

Nosso Pai Celestial, nós te ouvimos dizer: "Eu sou o Deus Todo-poderoso; caminha perante mim, e sê perfeito". Mas se tu não nos capacitares pela imensurável grandeza de teu poder, como poderemos nós, fracos e pecadores por natureza, caminhar em perfeição? Concede-nos aprender a nos apoiar nas obras do elevado poder que operou em Cristo quando tu o levantaste dos mortos e o colocaste à tua direita nos lugares celestiais. Amém.

Em sua visão, João, autor do Apocalipse, ouviu como se fosse a voz de uma grande multidão, e a voz de muitas águas, e a voz de poderosos trovões ressoando através do universo, e o que a voz proclamava era a soberania e onipotência de Deus: "*Aleluia: pois o Senhor Deus onipotente reina*".

Soberania e onipotência são inseparáveis. Uma não existe sem a outra. Para reinar, Deus deve ter poder, e para reinar soberanamente, ele deve ter todo o poder. E é isso que *onipotente* significa: deter todo o poder. A palavra vem do latim e é idêntica em significado ao termo mais familiar *Todo-poderoso*. Este último aparece 56 vezes na Bíblia em língua inglesa e jamais se refere a alguém além do próprio Deus. Somente ele é Todo-poderoso.

Deus possui aquilo que nenhuma criatura pode possuir: uma incompreensível plenitude de poder, uma potência absoluta. Sabemos disto por revelação divina, mas, uma vez que o sabemos, é algo que está em perfeito acordo com a razão. Partindo do princípio de que Deus é infinito e que existe por si mesmo, vemos imediatamente que ele deve ser também Todo-poderoso, e a razão se ajoelha em adoração à onipotência divina.

"*O poder pertence a Deus*", diz o salmista, e o apóstolo Paulo declara que a própria natureza dá testemunho do eterno poder da Deidade (Rm 1.20). Tal conhecimento nos leva ao seguinte raciocínio: Deus tem poder. Como Deus também é infinito, o que quer que ele possua deve ser igualmente ilimitado; logo, o poder de Deus não tem limites, ele é onipotente. Podemos ver também que Deus, por ser o Criador autoexistente, é a fonte de todo o poder. E se a fonte de algo deve no mínimo ser igual àquilo que dela emana, Deus necessariamente é igual à soma de todo o poder que existe, e isto novamente equivale a dizer que ele é onipotente. Deus delegou poder às suas criaturas, mas, por ser autossuficiente, não lhe é possível abrir mão de nenhuma de suas perfeições, uma das quais é seu poder. Portanto, ele jamais perde uma partícula sequer de seu poder. Ele dá, mas não perde o controle. Tudo o que ele dá continua sendo seu e a ele retorna. Ele continua sendo o mesmo eternamente: o Senhor Deus onipotente.

É impossível ler as Escrituras com empatia sem perceber a radical disparidade entre a perspectiva dos homens na Bíblia e a dos homens modernos. Sofremos atualmente de uma secularização da mentalidade. Onde os autores sagrados viam Deus, nós enxergamos as leis da natureza. O mundo deles estava totalmente povoado; o nosso, praticamente vazio. O mundo deles era vivo e pessoal; o nosso, morto e impessoal. Deus reinava sobre o mundo deles; nosso

mundo é dominado pelas leis da natureza, e nós mesmos ficamos distantes da presença divina.

E o que seriam essas leis da natureza que substituíram Deus na mente de milhões de pessoas? Lei pode ter dois significados. O primeiro é uma regra externa sustentada por autoridade, como as regras usuais contra roubos e assaltos. A mesma palavra é empregada para denotar a maneira uniforme com que as coisas funcionam no universo, mas esta última forma é errônea. O que vemos na natureza é simplesmente os caminhos que o poder e a sabedoria de Deus tomam por meio da criação. São mais apropriadamente fenômenos do que leis, mas os chamamos de leis por analogia com as leis arbitrárias da sociedade.

A ciência observa a maneira como o poder de Deus opera, descobre um padrão em algum lugar e o fixa como "lei". A uniformidade das atividades de Deus em sua criação permite ao cientista prever o curso dos fenômenos naturais. A confiabilidade do comportamento de Deus em seu mundo é o alicerce de todas as verdades científicas. É nela que o cientista deposita sua fé e se apoia para alcançar coisas úteis e grandiosas em áreas como navegação, química, agricultura e ciência médica.

A religião, por outro lado, volta-se para a natureza de Deus. Ao invés de debruçar-se sobre as pegadas de Deus nos caminhos da criação, olha para Aquele que deixou as pegadas. Religião se interessa fundamentalmente por Aquele que é a fonte de todas as coisas, o mestre de cada fenômeno. Para Este, a filosofia possui muitos nomes, dos quais o mais horrendo que já vi foi este, criado por Rudolf Otto: "O absoluto, o gigantesco, incansável e ativo estresse do mundo".[21] O cristão se deleita em lembrar que este "estresse do mundo" certa vez disse "EU SOU", e que o maior mestre de todos orientou seus discípulos a dirigir-se a ele como se dirigiam a uma pessoa: "*Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome*". Os homens da Bíblia, de onde quer que fossem, comunicavam-se com esse "gigantesco absoluto" da forma mais pessoal que a linguagem permite. Com ele, profetas e santos caminharam em um cálido, íntimo e profundamente satisfatório enlevo de devoção.

Onipotência não é o nome dado à soma de todo o poder, mas um atributo de um Deus pessoal que nós, cristãos, cremos ser o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e de todos os que nele creem para a vida eterna. O adorador encontra neste conhecimento uma maravilhosa fonte de força para sua vida íntima. Sua fé se levanta para saltar em direção à comunhão com Deus, Aquele que pode fazer o

que quer que deseje, para quem nada é difícil ou árduo porque possui o poder absoluto.

Por deter todo o poder do universo, o Senhor Deus onipotente pode fazer qualquer coisa com a mesma facilidade. Todas as suas obras são executadas sem esforço. Ele não gasta energia alguma que necessite ser recomposta. Sua autossuficiência torna desnecessário que ele busque renovo fora de si próprio. Todo o poder necessário para que ele faça aquilo que deseja fazer está dentro da plenitude de seu próprio Ser infinito.

O pastor presbiteriano A. B. Simpson, chegando à meia-idade com saúde frágil, profundamente desanimado e pronto a abandonar o ministério, ouviu por acaso aquele simples hino *negro espiritual*:

Nada é difícil demais para Jesus,
não há quem possa operar como ele.

E esta mensagem atingiu seu coração como uma flecha, levando fé, esperança e vida para o corpo e a alma. Ele buscou um local de descanso e, após uma temporada a sós com Deus, levantou-se completamente curado e seguiu adiante cheio de alegria para fundar aquela que desde então tornou-se uma das maiores missões internacionais do mundo. Por 35 anos após aquele encontro com Deus, ele trabalhou grandemente a serviço de Cristo. Sua fé no Deus de ilimitado poder lhe deu toda a força de que precisava para continuar.

Todo-poderoso! Curvo-me ao pó perante ti;
Igualmente os querubins se curvam;
Em calma e serena devoção te adoro,
Ó sábio e sempre presente Amigo.
Tu deste à Terra suas roupas de esmeralda,
Ou de neve a cobriste;
E o sol brilhante, e a lua suave nos céus,
Curvam-se perante a tua presença.

− Sir John Bowring

CAPÍTULO 13
A TRANSCEDÊNCIA DIVINA

Ó Senhor nosso Deus, não há outro como tu nos céus ou na terra. Tua é a grandeza, a dignidade e a majestade. Tudo o que há nos céus e na terra te pertence; teu é o reino, o poder e a glória para sempre, ó Deus, e tu és exaltado sobre todas as coisas. Amém.

Ao nos referirmos a Deus como transcendente, queremos dizer que ele é exaltado muito acima do universo criado, tão acima que o pensamento humano é incapaz de imaginar.

Para nutrir pensamentos corretos sobre isto, no entanto, devemos ter em mente que "muito acima" não faz referência à distância física da Terra, mas à qualidade do ser. Não estamos falando de localização espacial ou mera altitude, mas da vida.

Deus é espírito, e, para ele, magnitude e distância não têm significado. Para nós, são elementos úteis em analogias e ilustrações; portanto, Deus os utiliza constantemente para falar ao nosso entendimento limitado. As palavras de Deus em Isaías — "*assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade*" — transmitem uma distinta impressão de altitude, pois nós, que habitamos no mundo da matéria, espaço e tempo, tendemos a pensar em termos materiais e somos incapazes de compreender conceitos abstratos exceto quando de alguma forma se identificam com coisas materiais. Em sua luta para se ver livre da tirania do mundo natural, o coração do homem deve aprender a traduzir "para cima" a linguagem que o Espírito utiliza para nos instruir.

É o espírito que empresta significado à matéria e, a não ser por ele, nada tem valor definitivo. Basta que uma criança se afaste de um grupo de turistas e se perca em uma montanha para que toda a perspectiva mental de seus membros mude. A admiração pela grandeza da natureza dá lugar à aguda preocupação com a criança perdida. O grupo se espalha pela montanha chamando ansiosamente o nome da criança e procurando energicamente em cada canto onde a pequenina possa estar escondida.

O que causou essa mudança tão súbita? A montanha coberta de árvores continua a elevar-se até as nuvens com sua beleza de tirar o fôlego, mas ninguém mais presta atenção nela. O foco está na busca da garotinha de cabelos cacheados com menos de 2 anos de idade e menos de 15 quilos. Embora tão jovem e pequena, ela é mais preciosa para os pais e amigos do que a vasta e antiga montanha que estavam admirando alguns minutos antes. E todo o mundo civilizado partilha desta opinião, pois uma garotinha pode amar, rir, falar e orar, mas a montanha, não. É a qualidade do ser da criança que lhe empresta valor.

Devemos, no entanto, evitar comparar Deus a outrem como acabamos de fazer com a montanha e a criança. Não devemos pensar em Deus como o mais alto

em uma ordem ascendente de seres, começando pelos unicelulares, e subindo do peixe, para o pássaro, para o animal, para o homem, o anjo, o querubim e Deus. Isto equivaleria a conceder eminência, e até mesmo preeminência, a Deus, mas não basta; devemos reconhecer sua transcendência no inteiro significado da palavra. Deus permanece eternamente apartado e inacessível em luz. Ele está tão acima do arcanjo quanto da lagarta, pois a distância entre o arcanjo e a lagarta é finita, enquanto aquela entre Deus e o arcanjo é infinita. A lagarta e o arcanjo, ainda que distantes entre si na escala das criaturas, têm em comum o fato de ambos terem sido criados. Pertencem ambos à categoria daquilo que não é Deus e estão infinitamente distantes do Altíssimo.

A reticência e a compulsão lutam eternamente no coração daquele que deseja falar sobre Deus.

Como poderiam mortais poluídos
ousar cantar tua glória ou tua graça?
Jazemos muito abaixo de teus pés,
E vemos apenas sombras de tua face.

− Isaac Watts

Entretanto, temos o consolo de saber que é o próprio Deus quem estimula o nosso coração a buscá-lo, torna possível que o conheçamos em alguma medida e se agrada mesmo com o mais pálido esforço de torná-lo conhecido.

Se algum vigia ou santo que tivesse passado séculos felizes à beira do mar de fogo viesse à terra, quão sem sentido seria para ele o ruído incessante das ocupadas tribos dos homens. Quão estranhas e vazias lhe soariam as palavras monótonas, rançosas e inúteis vindas semana após semana dos púlpitos. E se alguém assim fosse falar na Terra, não falaria ele de Deus? Não encantaria e fascinaria seus ouvintes com extasiantes descrições da Deidade? E após ouvi-lo, seríamos capazes de aceitar uma teologia inferior a esta, a doutrina de Deus? Não exigiríamos de quem quer que presumisse nos ensinar que falasse do alto do monte da visão divina ou permanecesse calado?

Quando o salmista presenciou a transgressão dos perversos, seu coração lhe revelou o motivo. "*Não há temor de Deus perante seus olhos*", explicou, e, ao dizer isto, revelou-nos a psicologia do pecado. Ao deixar de temer a Deus, eles

não hesitavam em transgredir suas leis. O medo das consequências não é eficaz o suficiente se o temor de Deus desaparece.

Antigamente, falava-se dos homens de fé que "caminhavam no temor de Deus" e que "serviam ao Senhor com temor". Por mais que fosse íntima sua comunhão com Deus, por mais ousadas que fossem suas orações, sua vida religiosa estava alicerçada no conceito de um Deus imponente e temível. Essa ideia de um Deus transcendental perpassa toda a Bíblia e influencia o caráter dos santos. Esse temor de Deus ia além de uma percepção natural de perigo; era um medo irracional, um agudo sentimento de insuficiência pessoal perante o Deus Todo-poderoso.

Sempre que Deus aparecia aos homens nos tempos bíblicos, os resultados eram idênticos – um avassalador senso de terror e desalento, uma perturbadora percepção de pecado e culpa. Quando Deus falou, Abrão prostrou-se sobre a terra para ouvir. Quando Moisés viu o Senhor na sarça ardente, ele escondeu a face com medo de olhar para Deus. A visão que Isaías teve de Deus arrancou-lhe o grito: "*Ai de mim*!" e a confissão: "*Estou perdido; porque sou homem de lábios impuros*".

O encontro de Daniel com Deus provavelmente foi o mais assustador e maravilhoso de todos. O profeta ergueu os olhos e viu Aquele cujo "*corpo era como o berilo, e o seu rosto como um relâmpago; os seus olhos eram como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como o brilho de bronze polido; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão*". "*Só eu, Daniel, vi aquela visão*", escreveu ele posteriormente, "*pois os homens que estavam comigo não a viram: não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram para se esconder. Fiquei pois eu só a contemplar a grande visão, e não ficou força em mim; desfigurou-se a feição do meu rosto, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo o som das suas palavras, eu caí num profundo sono, com o rosto em terra*".

Essas experiências demonstram que uma visão da transcendência divina encerra imediatamente qualquer controvérsia entre o homem e seu Deus. A beligerância do homem se esvazia, e ele está pronto para seguir os passos de Saulo, perguntando mansamente: "*Senhor, o que queres que eu faça?*". De modo inverso, a autoconfiança dos cristãos modernos, a leviandade despreocupada presente em tantos de nossos eventos religiosos e o chocante desrespeito pela Pessoa de Deus são evidências conclusivas de uma profunda cegueira de coração.

Muitos chamam a si próprios pelo nome de Cristo, falam constantemente sobre Deus e oram a ele de vez em quando, mas evidentemente não têm ideia de quem ele é. "*O temor do Senhor é uma fonte de vida*", mas este temor saudável é bastante raro entre os cristãos atuais.

Certa vez, conversando com seu amigo Eckermann, o poeta Goethe voltou seus pensamentos à religião e falou sobre o abuso do Nome divino. "As pessoas o tratam", disse ele, "como se aquele Ser altíssimo e incompreensível, que está além do alcance do pensamento, fosse seu igual. Não fosse assim, não diriam 'o Senhor Deus, o querido Deus, o bom Deus'. Esta expressão para eles se torna, especialmente para o clero, que a traz diariamente na boca, uma mera frase, um nome vazio, ao qual não relacionam qualquer pensamento. Se estivessem impressionados por sua grandeza, ficariam mudos e em reverência sequer o nomeariam". [22]

Senhor de todos os seres, entronizado de longe,
Tua glória incandesce desde o sol e das estrelas;
Centro e alma de toda esfera,
Mas tão próximo de cada coração amoroso!
Senhor de toda vida, acima e abaixo,
Cuja luz é verdade, cujo calor é amor,
Diante de teu trono de fogo
Não buscamos brilho algum em nós mesmos.

− Oliver Wendell Holmes

CAPÍTULO 14
A ONIPRESENÇA DE DEUS

Pai nosso, sabemos que estás presente conosco, mas este saber não passa de representação, uma sombra da verdade, e não nos traz o sabor espiritual e a doçura interior que deveria proporcionar. Isto é para nós uma grande perda e motivo de muita fraqueza para o coração. Apressa-te a nos ajudar a mudar a nossa vida para que possamos experimentar o verdadeiro significado das palavras "em tua presença está a plenitude da alegria". Amém.

A palavra *presente*, obviamente, significa *aqui, próximo, ao lado,* e o prefixo *omni* lhe empresta universalidade. Deus está em todo lugar, aqui, próximo a tudo, ao lado de todos.

Não há muitas verdades que sejam ensinadas nas Escrituras com tamanha clareza quanto a doutrina da onipresença divina. As passagens que alicerçam essa verdade são tão claras que interpretá-las erradamente exigiria considerável esforço. Elas declaram que Deus é imanente à sua criação, que não há lugar nos céus ou na terra ou no inferno onde seja possível ao homem esconder-se do Altíssimo. Elas ensinam que Deus está ao mesmo tempo perto e longe, e que nele os homens se movem, vivem e existem. E é igualmente convincente que elas nos forçam a assumir que Deus é onipresente em relação a outros fatos relatados a seu respeito.

Por exemplo, as Escrituras ensinam que Deus é infinito. Isto significa que seu ser não possui limites; ele é onipresente. Em sua infinitude, ele cerca a criação finita e a contém. Não há lugar onde algo possa existir além dele. Deus é nosso ambiente como o mar o é para o peixe e o ar para o pássaro. "Deus está sobre todas as coisas", escreveu Hildebert de Lavardin, "sob todas as coisas; fora delas; dentro, mas não confinado; fora, mas não excluído; acima, mas não suspenso; debaixo, mas não comprimido; inteiramente acima, governando; inteiramente debaixo, suportando; inteiramente dentro, preenchendo".[23]

A crença de que Deus está presente dentro de seu universo não pode ser uma crença isolada. Ela possui implicações práticas em muitas áreas do pensamento teológico e influencia diretamente alguns problemas religiosos, tais como, por exemplo, a natureza do mundo. Pensadores de quase todas as eras e culturas vêm-se ocupando com a questão de que tipo de mundo é este. Seria o mundo material, funcionando por si próprio, ou espiritual e governado por poderes invisíveis? Um sistema interligado que explica o próprio funcionamento, ou um sistema cujo segredo permanece envolto em mistério? O fluxo da existência começa e termina em si próprio? Ou sua fonte estaria mais acima entre as montanhas?

A teologia cristã alega possuir a resposta para essas perguntas. Ela não especula nem opina, apresentando o "Assim diz o Senhor" como autoridade. Ela declara sem margem de dúvida que o mundo é espiritual: originou-se do espírito, flui do espírito, é espiritual em sua essência e não tem sentido separado do Espírito que o habita.

A doutrina da onipresença divina personaliza a relação do homem com o universo no qual ele está inserido. Essa grande verdade fundamental empresta significado a todas as outras verdades e dá supremo valor à sua ínfima vida. Deus está presente, perto dele, ao lado dele, e este Deus o vê e conhece completamente. É aqui que começa a fé, e ainda que ela se estenda a milhares de outras maravilhosas verdades, todas estas dependem da verdade de que Deus existe, e Deus está aqui. "*É necessário que aquele que se aproxima de Deus*", diz o livro de Hebreus, "*creia que ele existe*". E o próprio Cristo afirmou: "*Se crês em Deus, creia também...*". Qualquer que seja o "também" adicionado à crença elementar em Deus é uma construção, e independentemente da altura que alcance, continua solidamente firmado no alicerce original.

O Novo Testamento ensina que Deus criou o mundo pelo *Logos*, a Palavra, e a Palavra é identificada à segunda Pessoa da Deidade que estava presente no mundo mesmo antes que tivesse assumido a forma humana. A Palavra fez todas as coisas e permaneceu em sua criação para apoiá-la e sustentá-la, sendo ao mesmo tempo um farol moral que permite a todo homem distinguir entre o bem e o mal. O universo funciona como um sistema organizado; não por leis impessoais, mas pela força criativa da Presença imanente e universal, o *Logos*.

O cônego W. G. H. Holmes, da Índia, contou ter visto seguidores do hinduísmo batendo em árvores e pedras e sussurrando: "Estás aí? Estás aí?" para o deus que esperavam descobrir residindo nelas. Em completa humildade, o cristão instruído fornece a resposta a essa pergunta. Deus realmente está ali. Ele está ali tanto quanto está aqui e em todo lugar, não confinado à árvore ou à pedra, mas livre no universo, próximo de tudo, ao lado de cada um e instantaneamente acessível ao coração amoroso por intermédio de Jesus Cristo. A doutrina da onipresença divina decide isto em definitivo.

Para o cristão convencido, esta verdade é uma fonte de profundo conforto no sofrimento e de firme segurança em todas as variadas experiências de sua vida. Para ele, "a prática da presença de Deus" não consiste em projetar um objeto imaginário a partir da própria mente e então buscá-lo a fim de que se torne realidade; pelo contrário, é o reconhecimento da presença real do Único que toda teologia saudável declara já estar ali, uma entidade objetiva com existência independente de qualquer percepção por parte de suas criaturas. A experiência resultante disto não é visionária, mas real.

A segurança de que Deus está constantemente perto de nós, presente em

todas as partes de seu mundo, mais próximo do que nossos próprios pensamentos, deveria manter-nos em um estado de elevada alegria moral na maior parte do tempo — mas não o tempo todo. Seria menos do que honesto prometer a todo crente um júbilo contínuo, e menos realista ainda nutrir tal expectativa. Assim como a criança pode chorar de dor mesmo estando nos braços da mãe, um cristão também pode conhecer o sofrimento mesmo estando consciente da presença de Deus. Ainda que "sempre se alegrasse", Paulo admitiu sofrer às vezes, e Cristo experimentou forte choro e lágrimas em nosso lugar, ainda que jamais tivesse deixado o seio do Pai (Jo 1.18).

Mas tudo ficará bem. Em um mundo como o nosso, as lágrimas têm seus benefícios terapêuticos. O bálsamo curativo destilado das vestes da Presença envolvente cura nossos males antes que estes se tornem fatais. Saber que jamais estamos sós acalma o turbulento mar da nossa vida e traz paz à nossa alma.

Tanto a Escritura quanto a razão declaram que Deus está aqui. Falta-nos apenas aprender a perceber isto como experiência consciente. Uma frase de uma carta do Dr. Allen Fleece resume o testemunho de tantos outros: "É uma bênção saber que Deus está presente, mas sentir sua presença é nada menos do que pura alegria".

Deus revela sua presença:
Vamos adorá-lo,
E em temor estar diante dele.
Temos somente a ele, o próprio Deus;
Ele é nosso Senhor e Salvador,
Louvado seja seu nome para sempre.
O próprio Deus está conosco;
Aquele a quem as legiões dos anjos
Servem com temor nas regiões celestiais.

− Gerhard Tersteegen

CAPÍTULO 15
A FIDELIDADE DE DEUS

Bom é render graças a ti e cantar louvores ao teu Nome, ó Altíssimo, para lembrar tua bondade amorosa pela manhã e tua fidelidade à noite. Assim como teu Filho, enquanto esteve na Terra, foi leal a ti, seu Pai Celestial, ele nos céus agora é fiel a nós, seus irmãos terrenos. E sabendo disto, prosseguimos em confiante esperança por todos os anos e séculos ainda por vir. Amém.

Como já ressaltamos, os atributos de Deus não são características isoladas de seu caráter, mas sim facetas de seu ser indivisível. Não são coisas por si próprias; são antes conceitos que usamos para pensar em Deus, aspectos de um Todo perfeito, nomes dados às poucas coisas que sabemos a respeito da Deidade.

Para possuir um entendimento correto dos atributos, é necessário que vejamos todos eles como uma coisa só. Podemos pensar sobre eles separadamente, mas eles não podem ser separados. "Todos os atributos associados a Deus não podem ser diferentes na realidade, por causa da perfeita simplicidade divina, embora utilizemos diferentes palavras sobre Deus", diz Nicolau de Cusa. "Portanto, embora atribuamos a Deus visão, audição, paladar, olfato, tato, senso, razão, intelecto e assim por diante, conforme o significado individual de cada palavra, nele a visão não difere da audição, ou paladar, ou olfato, ou tato, ou sentimento, ou compreensão. É por isto que se diz que a teologia se estabelece em círculos, pois qualquer de seus atributos é reafirmado por algum outro".[24]

Ao estudar qualquer dos atributos, a unicidade essencial de todos eles se faz aparente. Vemos, por exemplo, que se Deus é autoexistente, ele deve ser também autossuficiente; e se ele tem poder, sendo infinito, deve possuir todo o poder. Se possui conhecimento, sua infinitude nos assegura que ele possui todo o conhecimento. Igualmente, sua imutabilidade pressupõe fidelidade. Se ele é imutável, segue-se que não pode ser infiel, pois isto exigiria que ele mudasse. Qualquer falha no caráter divino provaria sua imperfeição e, sendo Deus perfeito, segue-se que isto é impossível. É desta forma que cada atributo explica os demais, e prova que cada um deles não passa de relances que percebemos da perfeita Deidade.

Todos os atos de Deus são coerentes com todos os seus atributos. Nenhum atributo contradiz algum outro, mas se harmonizam e entrelaçam entre si no infinito abismo da Deidade. Tudo o que Deus faz está de acordo com o que Deus é; o ser e o fazer são nele a mesma coisa. A imagem tão familiar de um Deus dividido entre sua justiça e sua misericórdia é completamente falsa. Até mesmo imaginar Deus favorecendo um ou outro de seus atributos equivale a pensar em um Deus inseguro de si, frustrado e instável emocionalmente, o que obviamente significaria que não estamos pensando no Deus verdadeiro, mas em um reflexo mental fraco e fora de foco.

Deus, sendo quem ele é, não pode deixar de ser o que é, e, sendo o que é,

não pode agir em desacordo com sua natureza. Ele é ao mesmo tempo fiel e imutável. Portanto, todas as suas palavras e atos devem ser e permanecer fiéis. Homens se tornam infiéis por desejo, medo, fraqueza, perda de interesse ou devido a uma forte influência externa. É claro que nenhuma destas forças afeta a Deus. Ele próprio é a razão de tudo o que ele é e faz. Ele não pode ser coagido por forças externas, mas somente fala e age de dentro de si próprio, por sua soberana vontade, conforme lhe apraz.

Creio ser possível demonstrar que quase todas as heresias que se manifestaram na igreja através dos anos partiram de crenças falsas a respeito de Deus ou de ênfases em fatos verdadeiros levados ao extremo a ponto de obscurecer outros fatos igualmente verdadeiros. Amplificar algum atributo à custa de outro é um caminho certo para os pântanos sombrios da teologia; entretanto, somos constantemente tentados a fazer exatamente isto.

Por exemplo, a Bíblia ensina que Deus é amor; alguns interpretaram isso de forma a praticamente negar que ele seja justo, algo igualmente ensinado pela Bíblia. Outros levam a doutrina bíblica da bondade de Deus a um extremo que passa a negar sua santidade. Ou ainda fazem com que sua compaixão cancele sua verdade. Ainda há quem entenda a soberania de Deus de uma maneira que destrói ou minimiza sua bondade e seu amor.

Só é possível enxergar corretamente a verdade se ousamos crer em tudo o que Deus diz a seu próprio respeito. O homem assume sério risco ao tentar editar a autorrevelação de Deus para eliminar aquilo que ele, em sua ignorância, considera reprovável. Uma cegueira parcial certamente recairá sobre qualquer um de nós que seja presunçoso o suficiente para tentar algo assim. Sem contar que se trata de algo completamente desnecessário. Não precisamos temer que a verdade se mostre tal como foi escrita. Não existe conflito entre os atributos. Deus é um Ser unitário. Ele não se divide para exercer um de seus atributos em determinada ocasião enquanto os demais permanecem inativos. Tudo o que Deus é se coaduna com tudo o que faz. A justiça deve estar presente na misericórdia, e o amor, no julgamento. O mesmo se aplica a todos os outros atributos divinos.

A fidelidade de Deus é um cânone da teologia sólida, mas, para aquele que crê, faz-se muito mais do que isto: ela perpassa os processos do entendimento e prossegue até se transformar em um alimento nutritivo para a alma. Pois as Escrituras não somente ensinam a verdade, mas também mostram sua aplicação à humanidade. Os autores inspirados eram homens como nós, inseridos na vida.

Aquilo que aprenderam de Deus tornou-se para eles uma espada, um escudo e um martelo; passou a ser a motivação de sua vida, sua esperança e confiante expectativa. A partir dos fatos objetivos da teologia, o coração de cada um tirou tantas conclusões jubilosas e aplicações pessoais! O livro de Salmos ressoa com ações de graças pela fidelidade de Deus. O Novo Testamento retorna a esse tema e celebra a lealdade de Deus Pai e de Seu Filho Jesus Cristo que testemunhou perante Pôncio Pilatos; e no Apocalipse, Cristo é retratado sobre um cavalo branco indo para seu triunfo, e seus nomes são Fiel e Verdadeiro.

A música cristã também celebra os atributos de Deus; dentre eles, a fidelidade divina. O melhor de nosso hinário toma os atributos como fonte da qual fluem alegres melodias. Ainda existem hinários antigos nos quais os hinos não possuem nomes; uma linha em itálico no início de cada um indica seu tema, e o coração adorador não pode evitar alegrar-se com o que se encontra ali: “Celebração das gloriosas perfeições de Deus”, “Sabedoria, majestade e bondade”, “Onisciência”, “Onipotência e imutabilidade”, “Glória, misericórdia e graça”. Estes são apenas alguns exemplos pinçados de um hinário publicado em 1849, mas qualquer pessoa familiarizada com o hinário cristão sabe que as correntes da música cristã remontam aos primórdios da existência da Igreja. Desde o princípio, a fé na perfeição de Deus tem trazido doce segurança aos homens de fé, e ensinado as eras a cantar.

Sobre a fidelidade de Deus está alicerçada toda a nossa esperança de um futuro abençoado. É em consequência da fidelidade divina que suas alianças permanecem, e suas promessas serão cumpridas. É unicamente por termos completa certeza da fidelidade do Altíssimo, que vivemos em paz e esperamos com segurança a vida vindoura.

Qualquer coração pode construir sua própria aplicação dessa verdade, tirando dela as conclusões sugeridas e trazidas à baila por suas próprias necessidades. O que sofre tentação, o ansioso, o temeroso, o desencorajado, todos podem encontrar nova esperança e alegria no conhecimento de que nosso Pai Celestial é fiel. Ele sempre será fiel à sua palavra. Os sofredores filhos da aliança podem estar seguros de que Deus jamais tirará deles sua amorosa bondade nem permitirá que sua fidelidade falhe.

Feliz é o homem cuja esperança está no Deus de Israel;
Ele fez os céus, e a terra, e os mares, e tudo o que eles contêm;
Sua verdade permanece para sempre;

Ele salva o oprimido, alimenta o pobre,
E ninguém confiará em suas promessas em vão.

− Isaac Watts

CAPÍTULO 16
A BONDADE DE DEUS

Fazei-nos o bem conforme te aprouver, ó Deus. Age conosco não como merecemos, mas como te parecer bom, sendo o Deus que tu és. Assim, nada temos a temer neste mundo ou naquele que virá. Amém.

A palavra *bom* significa tantas coisas para tantas pessoas que este breve estudo da bondade divina começa e termina com uma definição. O significado somente pode ser alcançado mediante o uso de sinônimos, indo e voltando ao mesmo lugar por caminhos diferentes.

Quando a teologia cristã afirma que Deus é bom, não está querendo dizer que ele seja justo ou santo. A santidade de Deus é proclamada desde os céus e ecoada na Terra pelos santos e sábios onde quer que Deus se tenha revelado ao homem; entretanto, não estamos aqui tratando de sua santidade, e sim de sua bondade, o que é bem diferente.

A bondade de Deus é que o predispõe a ser gentil, cordial, benevolente e cheio de boa vontade para com o homem. Ele tem um coração mole e rápido em condoer-se, e sua infalível atitude para com todos os seres morais é aberta, franca e amigável. Por sua natureza, Deus está inclinado a conceder bênçãos e tem santo prazer na felicidade de seu povo.

Todas as páginas da Bíblia ensinam explícita ou implicitamente que Deus é bom, o que deve ser aceito como artigo de fé tão indestrutível quanto o trono do Altíssimo. Trata-se de uma pedra fundamental de todo o pensamento adequado sobre Deus, sendo indispensável à sanidade moral. Aceitar que Deus possa ser qualquer coisa além de bom é negar a validade de todo pensamento e acaba por invalidar qualquer julgamento moral. Se Deus não é bom, não pode existir nenhuma distinção entre bondade e crueldade, e o paraíso poderia ser o inferno ou vice-versa.

A bondade de Deus é a força que impulsiona todas as bênçãos que ele diariamente derrama sobre nós. Deus nos criou porque isso agradou ao seu coração, e pelo mesmo motivo nos redimiu.

Juliana de Norwich, que viveu 600 anos atrás, entendeu claramente que o alicerce de todas as bênçãos é a bondade de Deus. O capítulo seis de seu incrivelmente belo e perceptivo clássico, *Revelações do Amor Divino*, começa dizendo: “Esta demonstração foi para ensinar nossa alma a ancorar-se firmemente na bondade de Deus”. Ela prossegue relacionando algumas das poderosas obras de Deus em nosso favor, e após cada uma adiciona: “por sua bondade”. Ela viu que todas as nossas atividades religiosas e todos os meios da graça, por mais que sejam corretos e úteis, não são nada até compreendermos que a bondade imerecida e espontânea de Deus está por trás de todos os seus atos.

A bondade divina, como atributo de Deus, é automotivada, infinita, perfeita e eterna. Uma vez que Deus é imutável, ele jamais altera a intensidade de sua amorosa bondade. Ele jamais foi melhor do que é hoje, e jamais será menos bom. Ele não faz distinção entre os indivíduos, fazendo o sol brilhar igualmente sobre maus e bons, e enviando suas chuvas sobre justos e injustos. Ele próprio é o motivo de sua bondade; todos somos beneficiários da bondade divina sem depender de qualquer relação com mérito ou recompensa.

A razão corrobora esse raciocínio, e a sabedoria moral que conhece a si própria se apressa em reconhecer que não pode existir mérito na conduta humana, nem sequer na melhor e mais pura. A bondade de Deus é sempre o motivo de nossa expectativa. O arrependimento, ainda que necessário, não é por si só meritório, mas apenas um pré-requisito para que recebamos o dom gracioso do perdão que Deus nos concede em sua bondade. A oração não é meritória por si só. Ela não gera obrigação da parte de Deus nem o coloca em dívida com alguém. Ele ouve as orações simplesmente porque é bom, sem nenhum outro motivo. Nem mesmo a fé é meritória; ela consiste em confiança na bondade de Deus, e a falta dela não guarda relação com o santo caráter do Senhor.

Toda a perspectiva da humanidade poderia mudar se fôssemos todos capazes de crer que vivemos sob céus benevolentes, e que o Deus dos céus, exaltado em poder e majestade, está ansioso por ser nosso amigo.

Mas o pecado nos tornou, com razão, tímidos e envergonhados. Anos de rebeldia contra Deus geraram em nós um medo impossível de ser superado de um dia para o outro. O rebelde capturado não vai de boa vontade à presença do Rei que ele debalde lutou para derrubar. Mas, se estiver verdadeiramente contrito, ele poderá fazê-lo, confiando unicamente que, na amorosa bondade de seu Senhor, seu passado será deixado de lado. Meister Eckhard nos encoraja a lembrar que, quando nos voltamos para Deus, mesmo que nossos pecados sejam iguais aos de toda a humanidade somados, ele não os conta contra nós, mas confia em nós como se jamais tivéssemos pecado.

Alguém que, apesar de seus pecados passados, deseje reconciliar-se com Deus pode perguntar cautelosamente: “Se eu vier a Deus, como ele irá me tratar? Qual será sua disposição? Como ele agirá?”.

A resposta é que ele será exatamente igual a Jesus. “Aquele que me vê”, disse Jesus, “vê o Pai”. Cristo andou na Terra por entre os homens para que

pudesse mostrar-lhes como Deus se parece e demonstrar a verdadeira natureza do Senhor a uma raça que tinha conceitos errados sobre ele. Esta foi apenas uma das coisas que ele fez quando esteve aqui em carne, e o fez com maravilhosa perfeição.

Com ele, aprendemos como Deus age com relação às pessoas. O hipócrita, o fundamentalmente insincero, será tratado de maneira fria e distante, assim como Jesus fez; mas, com o penitente, ele será misericordioso; o que condena a si mesmo receberá generosidade e compaixão. Com o amedrontado, ele será amigável; com o pobre de espírito, será benigno; com o ignorante, delicado; com o fraco, gentil; com o forasteiro, acolhedor.

Com a nossa própria atitude, podemos determinar seu tratamento para conosco. Embora a bondade de Deus seja uma infinita e transbordante fonte de cordialidade, ele não nos impõe sua atenção; se quisermos ser recebidos como o filho pródigo, precisaremos ir até ele como o fez o filho pródigo. Quando assim agirmos, ainda que os fariseus e legalistas fiquem melindrados lá fora, aqui dentro haverá uma festa de boas-vindas, com música e dança, enquanto o Pai volta a acolher seu filho no coração.

A grandeza de Deus nos inspira temor, mas a bondade nos encoraja a não ter medo dele. Temer sem ter medo – este é o paradoxo da fé.

Ó Deus, minha esperança,
meu descanso celestial,
Minha alegria na Terra,
Concede meu pedido importuno,
A mim, mostra-me tua bondade;
Exibe tua beatífica face,
A Luz do eterno dia.
Perante meus olhos iluminados pela fé,
Faz passar toda a tua graciosa bondade;
Tua bondade é a visão que mais prezo:
Que eu possa ver tua face sorridente:
Proclama em minh'alma tua natureza,
Revela teu amor, teu glorioso nome.

− Charles Wesley

CAPÍTULO 17
A JUSTIÇA DE DEUS

Pai nosso, nós te amamos por tua justiça. Reconhecemos que teus julgamentos são inteiramente justos e verdadeiros. Tua justiça sustenta a ordem do universo e garante a segurança de todos os que confiam em ti. Vivemos porque és justo e misericordioso. Santo, Santo, Santo, Deus onipotente, justo em todos os teus caminhos e santo em todas as tuas obras. Amém.

Nas Escrituras inspiradas, *justiça* e *retidão* são praticamente a mesma coisa. A mesma palavra no original é traduzida como justiça ou retidão, aparentemente por puro capricho do tradutor.

O Antigo Testamento declara a justiça de Deus de forma clara, inequívoca e com tanta beleza quanto qualquer outra obra literária da história da humanidade. Quando a destruição de Sodoma foi anunciada, Abraão intercedeu pelos justos daquela cidade, tendo dito a Deus saber que ele seria fiel a si próprio naquela emergência humana. "*Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti. Não faria justiça o Juiz de toda a terra?"*

A concepção dos salmistas e profetas de Israel a respeito de Deus era de um governante todo-poderoso, entronizado nas alturas, reinando em justiça. "*Nuvens e escuridão estão ao redor dele; justiça e juízo são a base do seu trono*." Sobre o tão esperado Messias, foi profetizado que, quando viesse, o Senhor julgaria o povo com justiça e o pobre com justo julgamento. Homens santos e cheios de compaixão, ultrajados com a injustiça dos governantes terrenos, clamaram: "*Ó Senhor Deus, a quem a vingança pertence, ó Deus, a quem a vingança pertence, mostra-te resplandecente. Exalta-te, tu, que és juiz da terra; dá a paga aos soberbos. Até quando os ímpios, Senhor, até quando os ímpios saltarão de prazer?*". E esta não foi uma súplica por vingança pessoal, mas um anseio por ver prevalecer a equidade moral na sociedade humana.

Homens como Davi e Daniel reconheceram sua própria iniquidade em contraste com a justiça de Deus, e, como resultado, suas orações penitentes ganharam enorme poder e eficácia. "*A ti, ó Senhor, pertence a justiça, porém a nós a confusão de rosto*." E quando o longamente aguardado julgamento de Deus começa a ser derramado sobre o mundo, João vê os santos vitoriosos sobre um mar de vidro e fogo. Nas mãos, carregam harpas de Deus; a canção que entoam é a de Moisés e do Cordeiro, e seu tema é a justiça divina. "*Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos. Quem não te temerá, Senhor, e não glorificará o teu nome? Pois só tu és santo; por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos*."

O conceito de justiça incorpora a ideia de equidade moral, e a iniquidade é

seu oposto; é a não equidade, a ausência de igualdade nos atos e pensamentos humanos. Julgamento é a aplicação de equidade a situações morais e pode ser favorável ou desfavorável, dependendo daquele que está sendo julgado ter sido íntegro ou iníquo em seu coração e conduta.

Por vezes, ouvimos coisas como "a justiça exige que Deus aja de determinada forma" em referência a algo que sabemos que ele irá fazer. Trata-se de um erro de raciocínio, assim como de discurso, pois se baseia em um conceito de justiça externa a Deus que o obriga a agir de determinada maneira. Este é um conceito obviamente incorreto. Se existisse uma justiça assim, ela seria superior a Deus, pois somente um poder superior pode impor obediência. A verdade é que não existe nem jamais poderia existir qualquer coisa externa à natureza de Deus que possa exercer sobre ele a mais ínfima influência. Todas as razões de Deus provêm de seu próprio ser. Nada foi adicionado ao ser de Deus desde a eternidade, nada foi removido e nada foi alterado.

Justiça, no que se refere a Deus, é um nome que damos a como Deus é, e nada mais; e quando Deus age com justiça, ele não o faz para seguir critérios independentes, mas simplesmente expressa a sua natureza naquela determinada situação. Assim como o ouro é um elemento em si e não pode mudar ou ceder, continuando a ser ouro onde quer que se encontre, assim Deus é Deus, sempre, única e inteiramente Deus, e não pode ser algo além dele próprio. Tudo no universo é bom na medida em que segue a natureza de Deus e mau na medida em que deixa de fazê-lo. Deus é seu próprio princípio autoexistente de equidade moral, e, quando condena o homem mau ou recompensa o justo, ele está meramente agindo de acordo com a sua natureza, influenciado por coisa alguma além de si próprio.

Tudo isso dá a impressão, apenas a impressão, de destruir a esperança de justificação para o pecador arrependido. O filósofo cristão e santo, Anselmo, arcebispo de Canterbury, buscou uma solução para a aparente contradição entre a justiça e a misericórdia de Deus. "Como tu pouparias o injusto", perguntou ele a Deus, "se és inteiramente e supremamente justo?[25] Ele então passou a olhar diretamente para Deus em busca da resposta, pois sabia que a solução estava *naquilo que Deus é*. As conclusões de Anselmo podem ser parafraseadas assim: o ser de Deus é unitário; não se compõe de partes que trabalham em harmonia, é único. Não há nada em sua justiça que impeça o exercício de sua misericórdia. Pensar em Deus como às vezes fazemos, como um tribunal no qual um juiz

bondoso, forçado pela lei, condena o réu à morte com lágrimas e desculpas, é um pensamento totalmente indigno do verdadeiro Deus. Deus não entra em contradição consigo mesmo. Nenhum atributo de Deus conflita com outro.

A compaixão de Deus emana de sua bondade, e bondade sem justiça não é bondade. Deus nos poupa por ser bom, mas não poderia ser bom se não fosse justo. Quando Deus pune o homem mau, conclui Anselmo, ele o faz tão-somente porque este o mereceu; e quando poupa o mau, é porque isto é coerente com sua bondade; portanto, Deus sempre faz o que lhe convém como um Deus supremamente bom. Com isso, o intelecto busca compreensão, não para ser capaz de crer, mas sim porque já crê.

Uma solução mais simples e familiar para o problema de como Deus pode ser justo e ainda assim justificar o injusto pode ser encontrada na doutrina cristã da Redenção. Ela afirma que, pela expiação de Cristo, a justiça não é violada e sim satisfeita quando Deus poupa um pecador. A teologia redentiva ensina que a misericórdia não possui efeito sobre o homem até que a justiça tenha feito seu trabalho. A justa pena pelo pecado foi cumprida quando Cristo, nosso Substituto, morreu por nós na cruz. Por mais que isto soe desagradável para o homem natural, é sempre doce aos ouvidos da fé. Milhões foram transformados moral e espiritualmente por essa mensagem, tiveram vidas de grande poder moral e morreram em paz, confiando serenamente nela.

Essa mensagem de justiça dispensada e misericórdia operante é mais do que uma simples teoria teológica; ela anuncia um fato que se fez indispensável por nossa profunda necessidade humana. Por causa de nossos pecados, estamos todos sob uma sentença de morte, um julgamento resultante do confronto entre a justiça e nossa situação moral. Quando a equidade infinita encontrou nossa crônica e voluntariosa iniquidade, irrompeu entre as duas uma violenta guerra, uma guerra que Deus venceu e sempre vencerá. Mas, quando o pecador penitente se lança a Cristo em busca de salvação, a situação moral se reverte. A justiça confronta esta situação alterada e justifica aquele que crê. É assim que a justiça na verdade passa a defender os filhos de Deus que confiam nele. É este o significado das ousadas palavras do apóstolo João: "*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça*".

Mas a justiça de Deus para sempre se erguerá em absoluta severidade contra o pecador. A vaga e tênue esperança de que Deus seria bom demais para punir os profanos vem-se tornando um anestésico mortal para a consciência de milhões de

pessoas. Ela cala seus medos e lhes permite praticar toda forma de agradável iniquidade enquanto a morte se aproxima dia a dia, e o mandamento de arrependimento cai em ouvidos moucos. Como seres morais responsáveis, não ousamos brincar com o futuro eterno.

Jesus, teu sangue e tua justiça
São minha beleza, minhas gloriosas vestes;
Em meio a mundos em chamas, assim vestido
Alegremente erguerei a cabeça.
Destemido me erguerei em teu grande dia;
Pois sobre quem recairá minha culpa?
Por estas vestes estarei absolvido –
Do pecado e do medo, da culpa e vergonha.

− Conde N. L. von Zinzendorf

CAPÍTULO 18
A MISERICÓRDIA DE DEUS

Pai Santo, tua sabedoria nos desperta admiração, teu poder nos enche de temor, tua onipresença santifica cada lugar da terra; mas como te agradeceremos o suficiente por tua misericórdia que nos alcança no ponto mais baixo de nossa necessidade, dando-nos beleza em troca de cinzas, trocando luto por óleo de alegria e peso espiritual por vestes de louvor? Abençoamos e magnificamos tua misericórdia, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Quando nós, filhos das sombras, alcançarmos enfim nosso lar na luz por meio do sangue da aliança eterna, teremos mil cordas em nossas harpas, mas a mais doce delas provavelmente estará afinada para soar exatamente como a misericórdia de Deus.

Pois que direito teremos de lá estar? Porventura nós, por nossos pecados, não participamos da ímpia rebelião que imprudentemente tentou derrubar do trono o glorioso Rei da criação? E não seguimos no passado os caminhos deste mundo, o príncipe das forças do ar, o espírito que opera nos filhos da desobediência? E não vivemos segundo a concupiscência de nossa carne? E não éramos por nossa natureza filhos da ira, iguais aos outros? Mas nós, que outrora fomos inimigos e afastados em nossa mente por causa das obras perversas, veremos então a Deus face a face, e seu nome estará em nossa fronte. Nós, que merecemos o banimento, gozaremos de comunhão; nós, que merecemos o sofrimento do inferno, conheceremos o júbilo do paraíso — e tudo isto mediante a bondosa misericórdia de nosso Deus, pela qual a Aurora do alto nos visitou.

Quando todas as Tuas misericórdias, ó meu Deus,
Minh'alma embevecida examina,
Atônito com o que vejo, me perco
Em espanto, amor e adoração.

− Joseph Addison

A misericórdia é um atributo de Deus, uma energia infinita e inexaurível da natureza divina que predispõe o Senhor a ser ativamente compassivo. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento proclamam a misericórdia de Deus, mas o Antigo a menciona quatro vezes mais do que o Novo.

Devemos eliminar para sempre da nossa mente a noção comum, porém errada, de que a justiça e o juízo caracterizam o Deus de Israel, enquanto graça e misericórdia pertencem ao Senhor da Igreja. A verdade é que, a princípio, não existe diferença entre o Antigo Testamento e o Novo. Nas Escrituras do Novo Testamento, encontramos um desdobramento mais completo da verdade redentiva, mas um único Deus fala em ambos, e o que ele diz é coerente com o que ele é. Sempre que Deus apareceu ao homem, ele agiu conforme sua natureza. Quer no Jardim do Éden, quer no Jardim do Getsêmani, Deus é tão misericordioso quanto justo. Ele sempre foi misericordioso com a humanidade e sempre aplicou sua

justiça quando a misericórdia foi desprezada. Assim ele agiu antes do dilúvio e igualmente quando Cristo andou por entre os homens; assim ele o faz hoje e continuará a fazer, sem qualquer outro motivo a não ser o fato de que ele é Deus.

Se pudéssemos lembrar que a misericórdia divina não é um estado de espírito temporário, e sim um atributo do ser eterno de Deus, não temeríamos que ela algum dia deixasse de existir. A misericórdia não teve um começo, vindo desde a eternidade; assim também não deixará de existir. Jamais será maior, uma vez que já é infinita; e jamais será menor porque o que é infinito não pode ser diminuído. Nada que tenha acontecido ou venha a acontecer nos céus ou na terra ou no inferno tem poder para mudar a bondosa misericórdia de nosso Deus. Sua misericórdia é para sempre, uma imensidão ilimitada e avassaladora de pena e compaixão divinas.

Assim como o julgamento é o confronto da justiça de Deus com a iniquidade, a misericórdia é o confronto da bondade de Deus com o sofrimento e a culpa do homem. Se não houvesse no mundo culpa, dor e lágrimas, Deus ainda assim seria infinitamente misericordioso. Mas sua misericórdia poderia então ficar oculta em seu coração, desconhecida de todo o universo. Nenhuma voz se ergueria para celebrar uma misericórdia que a ninguém faria falta. A miséria e o pecado humano clamam pela misericórdia divina.

"*Kyrie eleison! Christe eleison*!", vem clamando a Igreja através dos séculos; mas, se não me engano, ouço na voz de seu clamor uma nota de tristeza e desespero. Seu lamento, tão frequentemente repetido naquele tom de resignado desânimo, força-nos a inferir que ela está orando por algo que não espera receber. Ainda que continue respeitosamente cantando a grandeza de Deus e recitando o credo inúmeras vezes, seu apelo por misericórdia não parece ser nada além de uma vã esperança, como se a misericórdia fosse um dom divino a ser desejado, mas nunca recebido.

Será que a nossa incapacidade de experimentar conscientemente a alegria pura da misericórdia é resultado de nossa descrença, de nossa ignorância ou de ambas? Este foi o caso de Israel. "*Porque lhes dou testemunho*", declarou Paulo sobre Israel, "*de que têm zelo por Deus, mas não com entendimento*". Eles falharam porque havia algo que não sabiam, algo que teria feito a diferença. E sobre Israel no deserto, o autor de Hebreus escreveu: "*Porque também a nós foram pregadas as boas novas, assim como a eles; mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não chegou a ser unida com a fé, naqueles que*

a ouviram". Para receber misericórdia, devemos primeiro saber que Deus é misericordioso. E não basta crer que ele certa vez tenha demonstrado misericórdia a Noé, ou a Abraão ou a Davi, e que o fará novamente em um glorioso futuro distante. Devemos crer que a misericórdia de Deus é ilimitada, gratuita e, por intermédio de Jesus Cristo, nosso Senhor, disponível para nós agora, em nossa situação presente.

Podemos suplicar por misericórdia a vida toda sem crer, e terminar nossos dias sem ter mais do que uma triste esperança de que, em algum dia, em algum lugar, a receberemos. Isto é morrer de fome do lado de fora do local onde nos espera um banquete para o qual fomos insistentemente convidados. Ou podemos, se assim quisermos, apossar-nos da misericórdia de Deus pela fé, entrar e assentar-nos com as ávidas e destemidas almas que não permitiram que a descrença e a falta de confiança as afastassem do rico banquete preparado para elas.

Levanta-te, ó minh'alma, levanta-te;
Abandona teus medos e tuas culpas;
O sangue do Sacrifício
Em meu lugar se apresenta.
Diante do Trono está meu Fiador,
Com meu nome escrito em suas mãos.
Meu Deus fez as pazes comigo;
Ouço sua voz perdoadora:
Ele me reconhece como filho;
Não preciso mais temer: Confiantemente me aproximo,
E clamo: "Pai, Abba, Pai".

− Charles Wesley

CAPÍTULO 19
A GRAÇA DE DEUS

Deus de toda a graça, cujos pensamentos em relação a nós são sempre pensamentos de paz e não de mal, dá-nos um coração capaz de crer que somos aceitos no Amado; e dá-nos uma mente que admire a perfeição da sabedoria moral capaz de preservar a integridade do paraíso e, contudo, receber-nos ali. Estamos atônitos e maravilhados porque tu, tão santo e temível, nos convidas a adentrar tua sala de banquetes e colocas sobre nós a bandeira do amor. Somos incapazes de expressar a gratidão que sentimos, mas pedimos que olhes em nosso coração e a encontres nele. Amém.

Em Deus, misericórdia e graça são a mesma coisa; mas, ao nos alcançar, elas se tornam distintas, relacionadas, mas não idênticas.

Assim como a misericórdia consiste na bondade de Deus confrontando a miséria e a culpa humanas, a graça é sua bondade voltada à dívida e à falta de merecimento do homem. É pela graça que Deus imputa mérito onde não existia nenhum e declara que não há dívida onde antes ela existia.

A graça é a boa vontade de Deus que o inclina a conceder benefícios imerecidos. É um princípio autoexistente e inerente à natureza divina, que a nós aparece como uma propensão automotivada de compadecer-se do desgraçado, poupar o culpado, dar boas-vindas ao pária e derramar favor ao que antes estava sob desaprovação. Seu efeito sobre nós, pecadores, é o de nos salvar e permitir que nos assentemos juntos nos lugares celestiais para demonstrar às eras as incontáveis riquezas da benevolência de Deus para conosco em Cristo Jesus.

Somos eternamente beneficiados pelo fato de Deus ser exatamente como é. Por ser quem é, ele levanta a nossa cabeça de dentro da prisão, substitui nossas vestes de prisioneiros por vestes reais e nos alimenta continuamente em sua presença por todos os dias da nossa vida.

A graça vem das profundezas do coração de Deus, do impressionante e incompreensível abismo de seu santo Ser; mas o canal pelo qual ela alcança os homens é Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. O apóstolo Paulo, que mais do que qualquer um é um exemplo da graça pela redenção, jamais separa a graça de Deus de seu Filho crucificado. Seus ensinamentos invariavelmente unem os dois como algo orgânico e inseparável.

Um resumo justo e completo dos ensinamentos de Paulo sobre essa questão está em sua epístola aos Efésios: "*e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado; em quem temos a redenção pelo seu sangue, a redenção dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça*".

Também João, em seu evangelho, identifica Cristo como o meio pelo qual a graça alcança a humanidade: "*Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*".

Mas é exatamente este o ponto onde é fácil errar o caminho e desviar-se para

muito longe da verdade; e há quem tenha feito isto. Este verso tem sido separado das demais Escrituras que tratam da doutrina da graça, dando-lhe o significado de que Moisés somente conheceu a lei e Cristo, somente a graça. O raciocínio segue concluindo que o Velho Testamento foi criado para ser um livro da lei e o Novo, um livro da graça. A verdade é bem o contrário disto.

A lei foi dada aos homens por intermédio de Moisés, mas sua origem não foi com Moisés. Ela já existia no coração de Deus desde antes da fundação do mundo. No Monte Sinai, ela passou a ser o código de leis da nação de Israel; mas os princípios morais nela contidos são eternos. Jamais houve uma época em que a lei não representasse a vontade de Deus para a humanidade, nem na qual a violação da lei não acarretasse penas, mesmo que Deus fosse paciente e às vezes fizesse "vistas grossas" às violações por conta da ignorância do povo. Os excelentes argumentos de Paulo nos capítulos três e cinco da epístola aos Romanos deixam isto muito claro. A mola propulsora da moralidade cristã é o amor de Cristo, não a lei de Moisés; não obstante, jamais houve uma revogação dos princípios de moralidade contidos na lei. Não há uma classe privilegiada que esteja isenta da retidão que a lei ordena.

O Antigo Testamento é de fato um livro de lei, mas não somente dela. Antes do dilúvio, Noé "*encontrou graça aos olhos do Senhor*", e após a lei ter sido dada, Deus disse a Moisés: "*Encontrastes graça aos meus olhos*". E como poderia ser de outra maneira? Deus sempre será ele mesmo, e a graça é um atributo de seu santo ser. Ele é capaz de ocultar sua graça tanto quanto o sol é capaz de ocultar seu brilho. Homens podem fugir da luz do sol nas escuras e bolorentas cavernas da terra, mas não podem apagá-lo. Igualmente, o ser humano pode desprezar a graça de Deus, mas não pode eliminá-la.

Se os tempos do Velho Testamento tivessem mesmo sido uma época de aplicação rigorosa e inflexível da lei, a própria face do mundo primitivo seria muito menos alegre do que aquela descrita nos escritos antigos. Não poderia ter existido um Abraão, amigo de Deus; um Davi, homem segundo o coração de Deus; um Samuel, um Isaías ou um Daniel. O capítulo 11 de Hebreus, aquela Abadia de Westminster dos gigantes espirituais do Antigo Testamento, seria escuro e desocupado. A graça tornou a santidade possível naquele tempo exatamente como faz hoje.

Ninguém jamais foi salvo a não ser pela graça, de Abel até este exato momento. Desde que a humanidade foi banida do jardim oriental, ninguém jamais

readquiriu o favor divino exceto pela absoluta bondade de Deus. E sempre que a graça encontrou um homem, foi por intermédio de Jesus Cristo. A graça de fato veio por meio de Cristo, mas não aguardou seu nascimento na manjedoura ou sua morte na cruz antes de tornar-se operante. Cristo é o Cordeiro sacrificado desde a fundação do mundo. O primeiro homem da história humana a ter sua comunhão com Deus restaurada o fez por meio de Jesus Cristo. Antigamente, os homens ansiavam pela obra redentora de Cristo; tempos depois, eles a veem no passado, mas sempre foram e vieram pela graça mediante a fé.

Devemos também ter em mente que a graça de Deus é eterna e infinita. Tal como não teve início, não pode ter fim e, sendo um atributo de Deus, é tão ilimitada quanto infinita.

Ao invés de aplicar esforços para compreender isto como uma verdade teológica, seria mais fácil e simples comparar a graça de Deus com a nossa necessidade. Jamais poderemos conhecer a enormidade de nossos pecados, e sequer precisamos fazê-lo. O que podemos saber é que "*onde abundou o pecado, superabundou a graça*".

"Abundar" em pecado: este é o máximo e o pior que jamais poderemos fazer. Esta palavra expressa o limite de nossas habilidades finitas; e ainda que sintamos nossas iniquidades como uma montanha sobre nós, esta montanha possui limites: uma altura, uma largura e um peso mensuráveis. Mas quem poderia definir a ilimitada graça de Deus? Seu "muito mais" mergulha nossos pensamentos na infinitude e ali os confunde. Graças a Deus pela abundante graça.

Nós, que nos sentimos afastados da comunhão de Deus, podemos agora erguer a cabeça desanimada e olhar para cima. Por meio das virtudes da expiação pela morte de Cristo, foi removida a razão de nosso banimento. Podemos voltar como voltou o filho pródigo, e seremos acolhidos. Ao aproximar-nos do Jardim, que foi nosso lar antes da queda, a espada flamejante é removida. Os guardiões da árvore da vida saem da frente ao ver um filho da graça que se aproxima.

Retorna, ó viajante, retorna agora
E busca a face de teu Pai;
Estes novos desejos que queimam em ti
foram acesos por Sua graça.
Retorna, ó viajante, retorna agora
E enxuga a lágrima que cai:

Teu Pai chama – não lamentes mais;
É o amor que te convida para perto.

– William Benco Collyer

CAPÍTULO 20
O AMOR DE DEUS

Pai nosso que estás nos céus, nós, teus filhos, com frequência sentimos a mente inquieta, ouvindo dentro de nós as afirmações da fé e as acusações da consciência ao mesmo tempo. Estamos certos de que nada há em nós capaz de atrair o amor de Alguém tão santo e justo como tu és. Entretanto, tu declarastes imutável amor por nós em Cristo Jesus. Se nada em nós pode conquistar teu amor, nada no universo pode impedir que tu nos ames. Teu amor é sem motivo e imerecido. Tu mesmo és o motivo para o amor com o qual somos amados. Ajuda-nos a crer na intensidade, na eternidade do amor que nos encontrou. Então o amor lançará fora o medo; e o nosso coração perturbado ficará em paz, confiando não no que somos, mas naquilo que tu declaraste ser. Amém.

O apóstolo João, pelo Espírito, escreveu: "*Deus é amor*", e há quem tenha assumido que estas palavras sejam a declaração definitiva a respeito da essência de Deus. Trata-se de um enorme erro. João, com estas palavras, estava declarando um fato, não oferecendo uma definição.

Igualar amor com Deus é um erro fundamental que já resultou em muita filosofia religiosa doentia e gerou uma enchente de poesia vaporosa, completamente em desacordo com as Escrituras Sagradas e a uma galáxia de distância do cristianismo histórico.

Tivesse o apóstolo afirmado que amor é aquilo que Deus é, seríamos forçados a inferir que Deus é o que o amor é. Se Deus literalmente é amor, logo amor é literalmente Deus, e temos todos o dever de adorar o amor como o único Deus que existe. Se amor é igual a Deus, Deus é somente igual ao amor, e Deus e o amor são idênticos. Portanto, destruímos o conceito de personalidade em Deus e negamos absolutamente todos os seus demais atributos exceto um único, e este substitui a Deus. O Deus que resta não é o Deus de Israel; ele não é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; ele não é o Deus dos profetas e dos apóstolos; não é o Deus dos santos, dos reformadores e dos mártires, nem mesmo o Deus dos teólogos e autores dos hinos da igreja.

Devemos, por amor à nossa alma, aprender a entender as Escrituras. Devemos fugir da escravidão das palavras e substituí-la pela lealdade aos significados. Palavras devem expressar ideias, e não lhes dar origem. Dizemos que Deus é amor; dizemos que Deus é luz; dizemos que Cristo é a verdade; e com isso esperamos ser compreendidos da mesma forma que acontece quando dizemos que alguém "é a personificação da gentileza". Ao dizer isto, não estamos afirmando que a gentileza e a pessoa sejam idênticas, e ninguém leva nossas palavras neste sentido.

As palavras "Deus é amor" significam que o amor é um atributo essencial de Deus. Amor é algo verdadeiro a respeito de Deus, mas não é Deus. Isto expressa a maneira como Deus é em seu ser único, tal como as palavras santidade, justiça, fidelidade e verdade. Por ser imutável, Deus sempre age como ele próprio, e por ser uma unidade, ele jamais suspende um de seus atributos para exercer outro.

A partir dos outros atributos conhecidos de Deus, é possível aprender bastante sobre seu amor. Podemos saber, por exemplo, que como Deus é autoexistente, seu amor jamais teve começo; e porque ele é eterno, seu amor

jamais terá fim. Sabemos que, porque ele é infinito, seu amor não tem limites; e porque ele é santo, seu amor é a quintessência da pureza imaculada. Sabemos que, porque ele é imenso, seu amor é um mar incompreensivelmente vasto, sem fundo e sem praias, perante o qual nos ajoelhamos em rejubilante silêncio, e que é capaz de deixar confusa e sem palavras a mais requintada eloquência.

Entretanto, se desejamos conhecer a Deus e por amor a outros falar o que sabemos, precisamos tentar falar de seu amor. Todo cristão já tentou fazê-lo, e ninguém jamais se saiu muito bem. Sou tão capaz de fazer jus a tal tema quanto uma criança é capaz de agarrar uma estrela. Mesmo assim, ao estender as mãozinhas em direção à estrela, a criança chama atenção para ela e até mesmo é capaz de indicar para onde se deve olhar para vê-la. Por isso, ao elevar meu coração em direção ao alto e brilhante amor de Deus, alguém que nunca soube nada a respeito dele pode ser encorajado a olhar para cima e ter esperança.

Não sabemos, e talvez nunca saibamos, o que é amor, mas é possível saber de que maneira ele se manifesta, o que é suficiente para o momento. Em primeiro lugar, vemos sua manifestação sob a forma de boa vontade. O amor deseja o bem de todos, jamais deseja dano ou mal para ninguém. Isto explica as palavras do apóstolo João: "*No amor não há medo antes o perfeito amor lança fora o medo*". Medo é a penosa emoção que surge em reação à ideia de que possamos sofrer ou ser prejudicados. Tal medo persiste enquanto estamos à mercê de alguém que não deseja o nosso bem. Imediatamente após chegarmos à proteção de alguém de boa vontade, o medo é lançado fora. Uma criança perdida em uma loja lotada se enche de medo porque vê os estranhos a seu redor como inimigos. Um momento depois, nos braços da mãe, o terror desaparece. A boa vontade familiar da mãe lança fora o medo.

O mundo está cheio de inimigos, e, enquanto estivermos correndo o risco de ser atingidos por tais inimigos, o medo será inevitável. O esforço de vencer o medo sem remover suas causas é completamente fútil. O coração sabe mais do que os apóstolos da tranquilidade. Enquanto estivermos à mercê do acaso, enquanto nossa esperança depender da lei das probabilidades, enquanto nossa sobrevivência depender de sermos mais rápidos e espertos do que o inimigo, teremos ótimos motivos para temer. E o medo é atormentador.

Saber que o amor vem de Deus e entrar no lugar secreto suportados pelos braços do Amado – é isto, e somente isto, que pode lançar fora o medo. Ao convencer-se de que não pode ser atingido por nada, o homem imediatamente

deixa o medo no esquecimento. O reflexo nervoso, a natural aversão à dor, pode por vezes se manifestar, mas o profundo tormento do medo se vai para sempre. Deus é amor e Deus é soberano. Seu amor o predispõe a desejar nosso eterno bem-estar, e sua soberania é capaz de assegurá-lo. Nada pode ferir um homem bom.

O corpo, eles podem matar:
A verdade de Deus permanece,
Seu reino é para sempre.

− Martinho Lutero

O amor de Deus nos ensina que ele é amigável, e sua Palavra nos assegura que ele é nosso amigo e deseja que sejamos seus amigos. Nenhum homem com um mínimo de humildade pensaria ser amigo de Deus; mas a ideia não partiu do homem. Abraão jamais teria dito: "sou amigo de Deus", mas o próprio Deus afirmou que Abraão era seu amigo. Os discípulos poderiam ter hesitado em dizer que eram amigos de Cristo, mas o próprio Cristo lhes disse: "Sois meus amigos". A modéstia evita pensamentos imprudentes como este, mas uma fé corajosa ousa crer na Palavra e reconhecer uma amizade com Deus. Honramos mais a Deus crendo naquilo que ele disse sobre si próprio e tendo mais coragem de nos aproximar ousadamente do trono da graça do que de nos esconder em envergonhada humildade entre as árvores do jardim.

O amor também é uma identificação emocional. Ele nada guarda para si; pelo contrário, dá tudo livremente ao objeto de sua afeição. Vemos isto constantemente entre homens e mulheres. Uma jovem mãe, magra e cansada, amamenta seu bebê gordo e saudável e, longe de reclamar, ela o contempla com olhos brilhantes de orgulho e felicidade. Atos de sacrifício pessoal são usuais no amor. Cristo disse sobre si próprio: "*Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos*".

É uma bela e estranha excentricidade do Deus livre o fato de ter permitido que seu coração se identificasse emocionalmente com o homem. Por ser autossuficiente, Deus deseja nosso amor e não se detém até recebê-lo.

Livre como é, ele permitiu que seu coração se prendesse a nós eternamente. "*Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que*

ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados." "Pois nossa alma é tão especialmente amada por Aquele que é o Altíssimo", disse Juliana de Norwich, "que ultrapassa o entendimento de toda criatura: portanto, não há criatura capaz de saber a intensidade, a doçura e a ternura do amor que o nosso Criador sente por nós. E assim podemos ficar, com graça e ajuda divina, em contemplação espiritual, eternamente maravilhados por este alto, abrangente e inestimável Amor que o Deus Todo-poderoso tem por nós em sua bondade".[26]

Outra característica do amor é comprazer-se em seu objeto. Deus se compraz em sua criação. O apóstolo João afirma claramente que o propósito de Deus, na criação, foi seu próprio prazer. Deus é feliz em seu amor por tudo o que fez. É impossível não perceber isto nas encantadas referências à sua obra. O Salmo 104 é um poema divinamente inspirado, quase extasiado em sua alegria, e o deleite de Deus ali é patente. "*A glória do SENHOR seja para sempre! Exulte o SENHOR por suas obras!*"

O Senhor se compraz especialmente em seus santos. Muitos pensam em Deus como alguém distante, sombrio e aborrecido com tudo, olhando apaticamente para um mundo pelo qual há muito já perdeu o interesse; mas este é um pensamento incorreto. É fato que Deus odeia o pecado e não é capaz de ver a iniquidade com alegria. Porém, se os homens buscam cumprir a vontade de Deus, ele corresponde com genuína afeição. Cristo, em sua expiação, removeu o obstáculo à comunhão divina. Agora, em Cristo, toda a alma que crê é objeto do prazer de Deus. "*O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo.*"

De acordo com o livro de Jó, a obra da criação foi acompanhada de música. "*Onde estavas tu*", perguntou Deus, "*quando eu lançava os fundamentos da terra [...] quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?*" John Dryden foi um tanto mais longe, mas talvez não o suficiente para deixar de ser verdadeiro:

Em harmonia, em harmonia celestial,
Este arcabouço universal começou:
Quando a natureza jazia
sob uma pilha de átomos,
Incapaz de erguer a cabeça,
A melodiosa voz se fez ouvir das alturas:

"Levanta-te, pois não estás morta!"
Então, fria, e quente, úmida e seca,
Cada coisa se pôs em seu lugar,
E obedeceu ao poder da Música.
Em harmonia, em celestial harmonia,
Este arcabouço universal começou:
De harmonia em harmonia
Percorreu todas as notas,
E o diapasão se completou no Homem.

− De "Uma canção para o dia de Santa Cecília"

A música tanto é uma expressão quanto uma fonte de prazer, e o prazer mais puro e próximo a Deus é o prazer do amor. O inferno é um lugar vazio de prazer, porque ali não há amor. O céu está cheio de música porque é o lugar onde os prazeres do santo amor abundam. A Terra é o lugar onde os prazeres do amor se misturam com dores, pois aqui há pecado, ódio e hostilidade. Em um mundo como o nosso, por vezes o amor deve sofrer, como Cristo sofreu ao entregar-se pelos seus. Mas temos a promessa segura de que os motivos de sofrimento serão finalmente abolidos, e a nova raça habitará para sempre um mundo de amor perfeito e altruísta.

Está na natureza do amor ser incapaz de ficar inerte. Ele é ativo, criativo e benigno. "*Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.*" "*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito.*" É isso que acontece onde há amor: doação sacrificial aos que lhe pertencem, seja qual for o custo. Os apóstolos repreenderam vivamente as jovens igrejas quando alguns de seus membros se esqueceram disto e permitiram que seu amor se diluísse em prazeres pessoais enquanto seus irmãos passavam necessidades. "*Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?"* Assim escreveu o mesmo João que ficou conhecido através dos séculos como "o Amado".

O amor de Deus é uma das grandes realidades do universo, um alicerce sobre o qual repousa a esperança do mundo. Mas é também algo íntimo e pessoal. Deus não ama populações; ele ama pessoas. Ele não ama as massas, mas os

homens. Ele nos ama a todos com um imenso amor que não teve começo e não terá fim.

Na experiência cristã, há um amor altamente satisfatório que a distingue de todas as demais religiões e a eleva a alturas ainda maiores que a mais pura e elevada filosofia. Este conteúdo de amor não é uma mera “coisa”; é o próprio Deus no meio de sua Igreja cantando sobre seu povo. A verdadeira alegria cristã é a ressonância do coração em harmonia com a canção de amor do Senhor.

Ó oculto amor de Deus, cuja altura,
Cuja insondável profundidade
não há quem conheça,
Vejo de longe tua formosa luz,
Suspiro por teu repouso;
Meu coração padece e não consegue
Descansar até que em ti descanse.

− Gerhard Tersteegen

CAPÍTULO 21
A SANTIDADE DE DEUS

Glória a Deus nas alturas. Nós te adoramos, te bendizemos, te louvamos por tua imensa glória. Senhor, falei daquilo que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim que eu não conhecia. Ouvi falar de ti, mas agora meus olhos te contemplam e rebaixo-me ao pó e às cinzas. Ó Senhor, cobrirei com a mão minha boca. Falei uma vez, sim, e duas, mas não prosseguirei. Mas ao meditar, o fogo queimava. Senhor, preciso falar de ti, para que meu silêncio não seja ofensivo às gerações de teus filhos. Eis que tu escolheste as coisas tolas do mundo para confundir os sábios, e as coisas fracas do mundo para confundir os poderosos. Ó Senhor, não te esqueças de mim. Permite que eu mostre a esta geração tua força e teu poder aos que estão por vir. Levanta profetas em tua igreja que possam magnificar tua glória e, através de teu Espírito todo-poderoso, devolve ao teu povo o conhecimento do santo. Amém.

O choque moral que sofremos em nossa imensa brecha com a elevada vontade dos céus nos deixou um trauma permanente que afeta toda a nossa natureza. Há corrupção tanto em nós quanto em nosso ambiente.

A súbita percepção de sua depravação pessoal atingiu o coração de Isaías como um raio no momento em que ele teve sua revolucionária visão da santidade de Deus. Seu doloroso clamor — "*Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!*" — expressa o sentimento de todo homem que se descobre de seus disfarces e se confronta com a visão interior da santa pureza que é Deus. É inevitável que tal experiência seja emocionalmente violenta.

Até que nos vejamos como Deus nos vê, é pouco provável que as condições ao nosso redor nos perturbem a não ser que saiam de controle a ponto de ameaçar nosso estilo de vida confortável. Aprendemos a viver com a impureza e acabamos por vê-la como algo natural e esperado. Não nos decepcionamos por não enxergar a verdade em nossos mestres, fidelidade em nossos políticos, perfeita honestidade em nossos comerciantes ou inteira confiabilidade em nossos amigos. Para continuar nossa existência, criamos leis capazes de nos proteger dos homens, e nos contentamos com isto.

Nem o leitor nem o autor destas palavras são capazes de apreciar a santidade de Deus. Um novo canal precisa literalmente ser aberto no deserto de nosso intelecto para permitir que as doces águas da verdade fluam e nos curem de nossa imensa enfermidade. Não conseguiremos compreender o verdadeiro significado da santidade divina se tentarmos pensar em algo ou alguém muito puro e então extrapolar esse conceito ao máximo que formos capazes. A santidade de Deus não é simplesmente o melhor que conhecemos infinitamente melhorado. Não conhecemos nada sequer parecido com a santidade divina. Ela é única, inalcançável, incompreensível e impossível de se obter. O homem natural não a vê. Ele pode até temer o poder de Deus e admirar sua sabedoria, mas sua santidade ultrapassa sua capacidade de imaginação mais elevada.

Somente o Espírito do Santo pode transmitir ao espírito humano o conhecimento do Santo. Assim como a energia elétrica flui por um condutor, o Espírito flui através da verdade e precisa conectar-se com alguma verdade na mente antes que possa iluminar o coração. A fé é despertada pela voz da verdade, mas não responde a nenhum outro som. "*A fé vem pelo ouvir, e ouvir a palavra de*

Deus." O conhecimento teológico é o meio pelo qual o Espírito flui para o coração humano, mas é necessário que haja humilde penitência no coração antes que a verdade possa produzir fé. O Espírito de Deus é o Espírito da verdade. É possível ter alguma verdade na mente sem ter o Espírito no coração, mas jamais será possível ter o Espírito separadamente da verdade.

Em seu penetrante estudo da santidade, Rudolf Otto argumenta solidamente sobre a existência de algo na mente humana que ele chama de "numinoso", que aparentemente significa um senso de que no mundo há Algo vago e incompreensível, o *Mistério Tremendo*, o Mistério espantoso, que cerca e permeia o universo. É Algo assombroso e impossível de ser compreendido intelectualmente, somente percebido e sentido nas profundezas do espírito humano. Trata-se de um instinto religioso permanente, uma percepção da inominada e indistinguível Presença que "flui como mercúrio pelas veias da criação" e vez ou outra espanta o intelecto ao confrontá-lo com sua suprarracional e sobrenatural manifestação. O homem assim confrontado é derrubado e esmagado, restando-lhe apenas tremer e permanecer em silêncio.

Esse temor irracional, essa sensação do Mistério desde antes da criação do mundo, está por trás de toda a religião. A religião pura da Bíblia, tanto quanto o animismo mais primitivo, existe apenas pela presença deste instinto primal na natureza humana. É claro que a diferença entre a religião de um Isaías ou de um Paulo e a de um animista é que uma contém verdade, e a outra não; esta última tem apenas o instinto "numinoso". Ela "pressente" um Deus que não conhece, mas Isaías e Paulo encontraram o Deus verdadeiro por meio de sua autorrevelação nas Escrituras inspiradas.

A percepção do mistério, e até mesmo do *Grande Mistério*, é algo básico na natureza humana e indispensável à fé religiosa, mas não é suficiente. Por causa dela, o homem pode sussurrar "Esse Algo espantoso", mas não exclamar "Meu Santíssimo!". Nas Escrituras hebraico-cristãs, Deus prossegue em sua autorrevelação e lhe dá personalidade e conteúdo moral. Essa espantosa Presença demonstra ser não uma coisa, mas um Ser moral com todas as qualidades de uma personalidade genuína. Mais ainda, ele é a quintessência absoluta da excelência moral, infinitamente perfeito em justiça, pureza, retidão e santidade incompreensível. E nisto tudo, ele não é criado, é autossuficiente e está além da capacidade de compreensão e de expressão do pensamento ou do discurso humano.

Por meio da autorrevelação de Deus nas Escrituras e da iluminação do Espírito Santo, o cristão tem tudo a ganhar e nada a perder. A seu conceito de Deus, são adicionados os conceitos de personalidade e caráter moral, mas permanece o senso primitivo de espanto e temor na presença do Mistério que permeia o mundo. Hoje, seu coração pode saltar de alegria dizendo: “Abba Pai, meu Senhor e meu Deus!”. Amanhã, ele pode ajoelhar-se em extasiado tremor para admirar e adorar Aquele que é alto e elevado e habita a eternidade.

Santo é como Deus é. Não se lhe faz necessário seguir um padrão. Ele é o padrão. Ele é absolutamente santo com uma infinita e incompreensível pureza que não pode ser nada além de completamente pura. Porque ele é santo, seus atributos são santos; ou seja, qualquer coisa que pensemos pertencer a Deus deve ser considerada santa.

Deus é santo e fez de sua santidade a condição moral necessária para a saúde de seu universo. A presença temporária do pecado no mundo somente acentua isto. Tudo o que é santo é saudável; o mal é uma doença moral que acaba por levar à morte. A própria formação linguística permite deduzir isto, já que a palavra em inglês para “santo” (*holy*) vem do anglo-saxão *halig*, cuja raiz, *hal*, quer dizer “bom, saudável”.

Como o principal interesse de Deus em seu universo é a saúde moral, ou seja, a santidade, o que quer que vá contra isso necessariamente está sob seu eterno desgosto. Para preservar sua criação, Deus precisa destruir o que quer que procure destruí-la. Quando ele se levanta contra a iniquidade para salvar o mundo de um colapso moral irreversível, dizemos que ele o faz em ira. Todos os julgamentos coléricos na história do mundo foram um santo ato de proteção. A santidade de Deus, a ira de Deus e a saúde da criação estão inextricavelmente interligados. A ira de Deus reflete sua total intolerância ao que quer que degrade e destrua. Ele odeia a iniquidade como uma mãe odeia a poliomielite que ceifa a vida de seu filho.

Deus é santo com uma santidade absoluta, impossível de qualificar em termos de “mais” ou “menos” santo, algo que não pode ser transmitido a suas criaturas. Mas há uma santidade relativa e temporária que ele compartilha com os anjos e serafins nos céus, e com os homens redimidos na Terra enquanto estes se preparam para os céus. Esta santidade, Deus pode compartilhar com seus filhos, e assim o faz. Ele a divide com eles mediante o sangue do Cordeiro, e a exige deles. A Israel em primeiro lugar, e posteriormente à sua Igreja, Deus disse:

"*Sede santos porque eu sou santo*". Ele não disse: "Sede santos como eu sou", pois isto exigiria de nós uma santidade absoluta, algo que somente a Deus pertence. Perante o fogo eterno de Deus, os anjos cobrem a face. Sim, os céus não são limpos, e as estrelas não são puras a seus olhos. Não há homem que possa afirmar ser santo, e nenhum homem honesto pode dar-se ao luxo de ignorar as palavras inspiradas do escritor: "*Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor*".

Perante esse dilema, o que nós, cristãos, devemos fazer? Devemos, como Moisés, cobrir-nos de fé e humildade enquanto tentamos ver de relance o Deus que nenhum homem é capaz de contemplar e continuar a viver. Ele não desprezará um coração contrito e quebrantado. Devemos ocultar nossa falta de santidade nas chagas de Cristo assim como Moisés escondeu-se na fenda da rocha enquanto a glória de Deus passava. Devemos refugiar-nos de Deus no próprio Deus. Acima de tudo, devemos crer que Deus nos enxerga perfeitos em seu Filho ao mesmo tempo em que nos disciplina, corrige e expurga a fim de que possamos compartilhar de sua santidade.

Por meio da fé e da obediência, da constante meditação sobre a santidade de Deus, ao amar a retidão e odiar a iniquidade, crescendo em intimidade com o Espírito de santidade, podemos nos aclimatar à comunhão dos santos na Terra e nos preparar para a eterna comunhão com Deus e com os santos acima. Portanto, como dizem quando crentes humildes se encontram, teremos um paraíso para poder ir ao paraíso.

Quão temíveis são teus anos eternos,
ó Deus eterno!
Adorado noite e dia, incessantemente,
por espíritos prostrados!
Quão belo, quão belo deves ser
Em tua infinita sabedoria,
poder ilimitado e espantosa pureza!
Oh, quanto temo a ti, Deus vivo!
Com profundo e sensível temor,
E te adoro em trêmula esperança
e lágrimas penitentes.

− Frederick W. Faber

CAPÍTULO 22
A SOBERANIA DE DEUS

Quem não te temerá, ó Senhor Deus dos Exércitos, altíssimo e terrível? Pois tu somente és Senhor. Tu fizeste os céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que neles há, e em tuas mãos está a alma de todos os seres viventes. Tu reinas sobre o dilúvio; sim, tu reinas eternamente. Tu és o grande Rei sobre toda a Terra. Tu estás vestido de poder; honra e majestade estão diante de ti. Amém.

A soberania de Deus é o atributo a partir do qual ele governa toda a sua criação. E, para ser soberano, Deus deve igualmente saber todas as coisas, ser todo-poderoso e totalmente livre. Cito abaixo os motivos para tanto.

Se houvesse algo, por menor que fosse, que Deus não conhecesse, seu domínio se encerraria ali. Para ser Senhor de toda a criação, ele deve possuir todo o conhecimento. E se lhe faltasse sequer uma ínfima partícula de poder, esta falta significaria o fim de seu reinado e desmancharia seu reino. Aquele único átomo de poder fora de controle pertenceria a outra pessoa, e Deus não passaria de um governante limitado, deixando de ser soberano.

Além do mais, sua soberania exige que ele seja absolutamente livre, significando simplesmente que ele deve poder fazer o que quiser em qualquer lugar a qualquer momento, para executar seu propósito eterno até o último detalhe sem nenhuma interferência. Se ele não fosse absolutamente livre, não seria absolutamente soberano.

Compreender tal liberdade exige um vigoroso esforço mental. Não estamos psicologicamente condicionados a entender o conceito de liberdade a não ser em suas formas imperfeitas. Nossos conceitos a esse respeito foram formados em um mundo onde não existe liberdade absoluta. Aqui, cada elemento natural depende de muitos outros elementos, e tal dependência limita sua liberdade.

Wordsworth, no início de seu “Prelúdio”, regozija-se por ter escapado da cidade onde estivera por tanto tempo confinado, encontrando-se então “livre, livre como um pássaro para ir onde eu quiser”. Mas ser livre como um pássaro não significa absolutamente ser inteiramente livre. O naturalista sabe que o pássaro, mesmo supostamente livre, passa a vida em uma jaula composta de medo, fome e instintos; ele é limitado pelas condições do tempo, variações na pressão do ar, disponibilidade de alimento, predadores e daquela que é a mais estranha de todas as amarras: a irresistível compulsão de permanecer dentro dos limites do minúsculo território que foi capaz de clamar para si. O pássaro mais livre de todos, assim como qualquer outra criatura, está constantemente preso a uma rede de necessidades. Somente Deus é livre.

Diz-se que Deus é absolutamente livre porque não há coisa ou pessoa capaz de impedi-lo, obrigá-lo, ou detê-lo. Ele pode fazer aquilo que bem entender sempre, em qualquer lugar e eternamente. Para possuir tal liberdade, ele deve igualmente possuir autoridade universal. Sabemos, pelas Escrituras, que seu

poder é ilimitado, o que pode ser igualmente deduzido a partir de alguns de seus outros atributos. Mas e quanto à sua autoridade?

O simples fato de discutir a autoridade do Todo-poderoso parece um tanto sem sentido, e questioná-la seria absurdo. Poderíamos imaginar o Senhor Deus dos Exércitos tendo de pedir permissão a alguém ou candidatar-se a algo perante alguém acima dele? A quem Deus pediria permissão? Quem é mais alto do que o Altíssimo? Quem é mais poderoso do que o Todo-poderoso? Quem precedeu o Eterno? Diante de que trono ele se curvaria? Onde há alguém maior a quem ele apelaria? "*Assim diz o SENHOR, Rei de Israel, seu Redentor, o SENHOR dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus*."

A soberania de Deus é um fato solidamente estabelecido nas Escrituras e declarado em voz alta pela lógica da verdade. No entanto, ela apresenta alguns problemas que até aqui não foram satisfatoriamente tratados. São principalmente dois.

O primeiro é a presença de coisas que Deus não poderia aprovar na criação, tais como o mal, a dor e a morte. Se Deus é soberano, ele deveria ser capaz de evitar seu surgimento. Por que não o fez?

O *Zend Avesta*, livro sagrado do zoroastrismo, a mais elevada das religiões não bíblicas, evitou tal dificuldade ao postular um dualismo teológico. Existiam dois deuses, Ormazd (ou Ahura Mazda) e Ahriman, e estes criaram o mundo. O bom Ormazd fez todas as coisas boas, e Ahriman, o mau, criou o restante. É algo bastante simples. Ormazd não se preocupava com soberania, e aparentemente não se importava em dividir suas prerrogativas com outrem.

Uma explicação assim não é aceitável para o cristão, uma vez que contradiz completamente a verdade tão enfatizada em toda a Bíblia, de que só existe um Deus, e que ele sozinho criou os céus, a terra e tudo o que neles há. Os atributos de Deus excluem a possibilidade de que exista outro deus. O cristão admite não possuir resposta para o enigma da existência do mal. Mas ele sabe o que não é a resposta. E sabe que o *Zend Avesta* também não a possui.

Ainda que nos escape uma explicação completa para a origem do pecado, há algumas coisas que sabemos. Em sua soberana sabedoria, Deus permitiu que o mal existisse em áreas cuidadosamente controladas de sua criação, como um fora da lei fugitivo cujas atividades são temporárias e restritas. Ao agir assim, Deus afirmou sua infinita sabedoria e bondade. Ninguém sabe mais do que isso; nem

precisa saber. O nome de Deus é garantia suficiente da perfeição de suas obras.

Outro problema verdadeiro criado pela doutrina da soberania divina se relaciona com a vontade do homem. Se Deus governa seu universo por meio de seus decretos soberanos, como seria possível que o homem exercesse o livre arbítrio? E se não pode exercê-lo, como pode ser responsável pela própria conduta? Seria ele então um mero fantoche nas mãos de um Deus que o manipula como bem entende?

A busca dessas respostas vem dividindo a igreja cristã em dois lados opostos que levam os nomes de dois renomados teólogos: Jacob Armínio e João Calvino. A maior parte dos cristãos se limita a optar por um dos lados e negar a soberania de Deus ou o livre arbítrio do homem conforme o caso. Parece, entretanto, possível reconciliar essas duas posições sem violentar nenhuma, embora o esforço a seguir possa parecer defeituoso aos partidários mais exaltados de ambos os lados.

É este meu ponto de vista: a soberania de Deus decretou que o homem fosse livre para fazer escolhas morais, e desde o princípio o homem vem cumprindo este decreto ao optar entre o bem e o mal. Ao decidir fazer o mal, o homem não invalida a soberana vontade de Deus; pelo contrário, ele a cumpre, pois o decreto eterno não foi sobre o conteúdo da decisão e sim sobre a liberdade de decidir. Se em sua absoluta liberdade, Deus quis dar ao homem uma liberdade limitada, quem ousará deter sua mão ou perguntar: “O que fizeste?” A vontade do homem é livre porque Deus é soberano. Um Deus menos do que soberano não poderia conceder liberdade moral a suas criaturas. Ele temeria fazê-lo.

Talvez uma ilustração caseira possa ajudar-nos a entender melhor. Um transatlântico zarpa de Nova York em direção a Liverpool. Seu destino já foi determinado pelas devidas autoridades. Nada pode mudá-lo. Isto dá uma pálida ideia de soberania.

A bordo do navio, há dezenas de passageiros. Estes não estão acorrentados, e suas atividades não foram predeterminadas por terceiros. Eles têm completa liberdade para andar pelo navio como bem entender. Comem, dormem, jogam, descansam no convés, leem, conversam, tudo inteiramente a seu próprio critério; mas o navio segue sem parar em direção ao porto de destino.

Tanto a liberdade quanto a soberania estão presentes ali e não se contradizem mutuamente. Creio que seja o mesmo com a liberdade do homem e a

soberania de Deus. O poderoso transatlântico da soberania de Deus se mantém no curso através do mar da História. Deus se move imperturbável e inexoravelmente em direção ao cumprimento dos propósitos eternos que que ele propôs em Cristo Jesus antes da fundação do mundo. Não podemos saber tudo o que implicam tais propósitos, mas nos foi revelado o suficiente para termos uma visão geral do que está por vir e nos dar boa esperança e firme certeza do bem-estar futuro.

Sabemos que Deus cumprirá cada promessa feita aos profetas; sabemos que os pecadores serão um dia erradicados da Terra; sabemos que os redimidos entrarão no regozijo de Deus, e que os justos brilharão no reino de seu Pai. Sabemos que as perfeições de Deus serão universalmente aclamadas, que toda a inteligência criada reconhecerá a Jesus Cristo para glória de Deus Pai, que a atual ordem imperfeita se acabará, e um novo céu e nova terra serão estabelecidos para sempre.

É nesta direção que Deus se move com infinita sabedoria e perfeita precisão em suas ações. Ninguém pode dissuadi-lo de seus propósitos; nada pode desviá-lo de seus planos. Por ser onisciente, não haverá circunstâncias imprevistas ou acidentes. Por ser soberano, nenhuma ordem será cancelada ou autoridade, subvertida. E, por ser onipotente, não faltará poder para atingir os objetivos que ele determinou. Deus é suficiente em si próprio para fazer todas essas coisas.

Neste meio-tempo, nem tudo é tão simples quanto este breve resumo pode fazer parecer. O mistério da iniquidade já está operando. Dentro do largo escopo da soberana e permissiva vontade de Deus, o embate mortal do bem contra o mal segue crescendo em fúria. Deus cumprirá sua vontade em meio à tempestade e ao furacão, mas a tempestade e o furacão são um fato, e, como seres morais, cabe-nos fazer nossas escolhas na situação moral que se nos apresenta.

Certas coisas foram decretadas pela livre determinação de Deus, e uma delas é a lei das escolhas e consequências. Deus decretou que todos os que livremente se entregassem a seu Filho Jesus Cristo em obediência de fé receberiam vida eterna, tornando-se filhos de Deus. Ele também decretou que os que amassem as trevas e sustentassem a rebelião contra a elevada autoridade dos céus permaneceriam em afastamento espiritual e por fim sofreriam a morte eterna.

Reduzindo a questão a termos individuais, chegamos a algumas conclusões vitais assim como altamente pessoais. No conflito moral ao nosso redor, quem estiver do lado de Deus escolheu o lado vencedor e não poderá ser derrotado;

quem quer que esteja do lado oposto estará do lado perdedor e não poderá vencer. Não há aqui espaço para acaso ou probabilidades. Há liberdade para se escolher um lado, mas não para negociar os resultados da escolha feita. Pela misericórdia de Deus, podemos nos arrepender de uma escolha errada e alterar as consequências fazendo uma nova escolha, desta vez correta. Não há como ir além disto.

Toda a questão das escolhas morais gira em torno de Jesus Cristo. Cristo disse claramente: "*Aquele que não é comigo é contra mim*", e: "*Ninguém vem ao Pai a não ser por mim*". A mensagem do evangelho incorpora três elementos distintos: um anúncio, um mandamento e um chamado. Ele anuncia as boas novas da redenção pela misericórdia; ele ordena que todos os homens se arrependam, e os chama a render-se aos termos da graça mediante a fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Todos devemos escolher se obedeceremos ao evangelho ou se lhe daremos as costas em descrença, rejeitando sua autoridade. Nossa escolha é pessoal, mas as consequências da escolha já foram determinadas pela soberana vontade de Deus, contra a qual não existe apelação possível.

O Senhor desceu das alturas,
E curvou os mais altos céus,
E sob seus pés lançou
A escuridão dos céus.
Ergueu-se em realeza
sobre os querubins e serafins,
E nas asas dos fortes ventos veio voando.
Assentou-se serenamente sobre as águas,
dominando sua fúria;
E, como soberano Senhor e Rei,
para sempre reinará.

− Paráfrase dos Salmos,
por Thomas Sternhold

CAPÍTULO 23
O SEGREDO CONHECIDO

Olhando pela perspectiva da eternidade, a necessidade mais crítica do atual momento é provavelmente que a Igreja precise ser trazida de volta de seu longo cativeiro babilônico, e que o nome de Deus seja novamente glorificado como o foi no passado. Entretanto, não se deve pensar na Igreja como um ente anônimo, uma abstração mística religiosa. Nós, cristãos, é que somos a Igreja, e o que quer que estejamos fazendo é o que a Igreja está fazendo. Trata-se, portanto, de uma questão pessoal para cada um de nós. Qualquer passo adiante dado pela Igreja começa pelo indivíduo.

E o que nós, cristãos comuns, podemos fazer para trazer de volta a glória perdida? Haveria algum segredo que pudéssemos descobrir? Há alguma fórmula de avivamento pessoal que possamos aplicar à situação atual, à nossa própria situação? A resposta para estas perguntas é *sim*.

A resposta pode até vir a ser um desapontamento para alguns, pois não é de forma alguma profunda. Não se trata de nenhum enigma esotérico ou código místico a ser decifrado com esforço. Não aplicarei nenhuma lei oculta do inconsciente, ou conhecimento obscuro reservado apenas a uns poucos. O segredo é de conhecimento comum, legível em meio à caminhada do homem. É simplesmente o antigo e constantemente renovado conselho: familiarize-se com Deus. Para recuperar seu poder desvanecido, a Igreja precisa ver os céus abertos e ter uma visão transformadora de Deus.

Mas o Deus que precisamos ver não é o Deus de mil e uma utilidades que tanta popularidade vem ganhando em nossos dias; o Deus cujo poder de atração consiste principalmente na capacidade de trazer sucesso aos empreendimentos humanos, sendo por este motivo bajulado e solicitado por quem quer que precise de um favor. O Deus que precisamos aprender a conhecer é a Majestade nos céus, o Pai Todo-poderoso, Criador dos céus e da terra, o único e sábio Deus, nosso Salvador. É ele que se assenta sobre os círculos da Terra, que estendeu o firmamento como uma cortina e o abre como uma tenda a ser habitada, que revela

suas incontáveis hostes de estrelas e as chama pelo nome segundo a grandeza de seu poder; que nada vê além de vaidade em obras humanas, que não coloca a confiança em príncipes nem busca o conselho de reis.

O conhecimento de tal Ser não pode ser adquirido apenas pelo estudo. Ele vem mediante uma sabedoria desconhecida e inacessível ao homem natural, uma vez que é discernida espiritualmente. O conhecimento de Deus é ao mesmo tempo a coisa mais fácil e mais difícil do mundo. É fácil porque não necessita de esforço intelectual, sendo concedido de graça. Assim como o sol brilha livremente sobre o campo aberto, também o conhecimento do Deus santo é uma dádiva a quem está aberto a recebê-lo. Mas é difícil porque exige que certas condições sejam cumpridas, e a natureza obstinada do homem não as cumpre de bom grado.

Permita-me resumir brevemente essas condições conforme os ensinamentos da Bíblia, repetidos através dos séculos pelos maiores e mais doces santos que o mundo conheceu.

Primeiro, devemos abandonar nossos pecados. A crença de que um Deus santo não pode ser conhecido por homens maus não é algo novo na religião cristã. O livro hebraico *Sabedoria de Salomão*, que precede em muitos anos o cristianismo, contém a seguinte passagem: "*Amai a justiça, vós que governais a terra, tende para com o Senhor sentimentos perfeitos, e procurai-o na simplicidade do coração, porque ele é encontrado pelos que o não tentam, e se revela aos que não lhe recusam sua confiança; com efeito, os pensamentos tortuosos afastam de Deus, e o seu poder, posto à prova, triunfa dos insensatos. A Sabedoria não entrará na alma perversa, nem habitará no corpo sujeito ao pecado; o Espírito Santo educador (das almas) fugirá da perfídia, afastar-se-á dos pensamentos insensatos, e a iniquidade que sobrevém o repelirá*" (Sabedoria de Salomão 1.15). O mesmo conceito pode ser encontrado em várias passagens das Escrituras inspiradas, das quais a mais conhecida é provavelmente: "*Abençoados os puros de coração: pois eles verão a Deus*".

Segundo, deve haver um compromisso total de vida com Cristo em fé. É isto que "crer em Cristo" quer dizer. Envolve uma ligação volitiva e emocional com ele, acompanhada do firme propósito de lhe obedecer em todas as coisas. Envolve guardar seus mandamentos, carregar nossa cruz e amar a Deus e aos homens.

Terceiro, deve haver o reconhecimento de nossa morte para o pecado e da nova vida em Deus por intermédio de Cristo Jesus, seguido de uma total abertura pessoal ao influxo do Espírito Santo. Devemos então praticar a autodisciplina necessária para que caminhemos no Espírito e subjuguemos a vontade da carne.

Quarto, devemos repudiar abertamente os valores baratos do mundo caído e desvincular nosso espírito de qualquer coisa que os homens incrédulos considerem importante, permitindo-nos somente os prazeres simples da natureza, concedidos igualmente por Deus ao justo e ao injusto.

Quinto, devemos praticar a arte de meditar longa e amorosamente sobre a majestade de Deus. Isto demandará algum esforço, pois o conceito de majestade praticamente desapareceu na raça humana. O foco da atenção do homem atualmente é ele próprio. As diversas formas de humanismo eliminaram a teologia como chave para a compreensão da vida. Quando o poeta Swinburne escreveu no século XIX: "Glória ao homem nas alturas! Pois o homem é o senhor de tudo", deu ao mundo moderno seu novo *Te Deum*. Isto deve ser deliberadamente revertido por um persistente esforço mental.

Deus é uma Pessoa e pode ser conhecido em graus crescentes de intimidade à medida que preparamos o nosso coração para tal maravilha. Pode ser necessário que alteremos nossas crenças a respeito de Deus à medida que a glória que doura as Sagradas Escrituras se revelar à nossa vida interior. Talvez, precisemos também calma e graciosamente abandonar o textualismo árido que prevalece entre as igrejas do Evangelho e protestar contra a frivolidade de muito daquilo que se passa por cristianismo entre nós. É possível que isto faça com que percamos amizades e ganhemos uma reputação temporária de arrogância; mas aquele que se deixa influenciar pela perspectiva de consequências desagradáveis em questões como esta não é digno do reino de Deus.

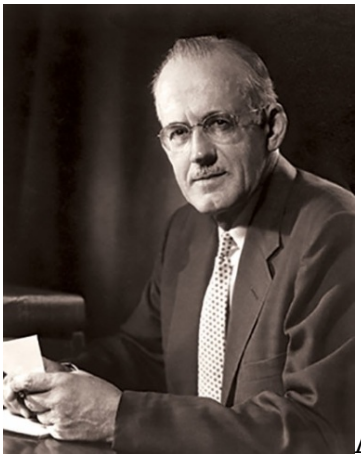
Sexto, à medida que o conhecimento de Deus se tornar mais maravilhoso, será imperativo que prestemos maiores serviços ao próximo. Este conhecimento abençoado não é concedido para que seja egoisticamente apreciado. Conforme aperfeiçoarmos nosso conhecimento de Deus, iremos cada vez mais desejar transformá-lo em obras de misericórdia para com a humanidade sofredora. O Deus que tudo *nos* deu continuará a dar tudo *por nosso intermédio* à medida que passarmos a conhecê-lo melhor.

Até aqui, tratamos do relacionamento pessoal e individual com Deus, mas,

assim como ocorre com a unção da mão direita do homem, que por seu perfume "denuncia a si própria", a intensificação do conhecimento de Deus irá começar a afetar os que estão ao nosso redor na comunidade cristã. E devemos buscar dividir nossa luz crescente com nossos irmãos na casa de Deus.

A melhor maneira de fazê-lo é manter total foco na majestade de Deus em nossos cultos públicos. Não apenas nossas orações particulares devem estar cheias de Deus, mas nosso testemunho, nosso cântico, nossa pregação e nossos escritos também devem girar em torno da Pessoa de nosso santo, santo Deus e exaltar continuamente a grandeza de sua dignidade de poder. Há um homem glorificado à direita da Majestade nos céus, representando-nos com fidelidade. Apenas permanecemos por algum tempo entre os homens; que possamos representá-lo fielmente aqui.

SOBRE O AUTOR



A. W. Tozer (1897-1963) pastoreou igrejas da Aliança Cristã e Missionária por mais de 30 anos. Apesar de não ter frequentado seminário, seu amplo conhecimento bíblico, o forte impacto de sua pregação e a prolífica criação literária (escreveu mais de 40 livros) renderam-lhe a concessão de dois doutorados honorários. Tozer é reputado entre os maiores pregadores de todos os tempos.

[1] Nicolau de Cusa, *The Vision of God*. E. P. Dutton & Sons, Nova York, 1928, p. 60.z
[2] Ibid. pp. 58-59
[3] Richard Rolle, *The Amending of Life*. John M. Watkins. Londres, 1922, pp. 83–84.
[4] *The Cloud of Unknowing*. John M. Watkins. Londres, 1946.
[5] Michael de Molinos, *The Spiritual Guide*. Methune & Co., Ltda. Londres, 6a ed., 1950, p. 56.
[6] Ibid. pp. 56–57
[7] Juliana de Norwich, *Revelações do Amor Divino*. Paulus Editora, 2018.
[8] Thomas Traherne, *Centuries of Meditations*. P. J. and A. E. Dobell, Londres, 1948, p. 6.
[9] *O Credo de Atanásio*.
[10] Thomas Carlyle, *Heroes and Hero Worship*. Henry Altemus Co. Filadélfia, pp. 14–15.
[11] Michael de Molinos, *op. cit*. p. 58
[12] Santo Anselmo, *Proslogium*. Open Court Publishing Co., LaSalle, Ill., 1903, p. 6.
[13] Novatian, *On the Trinity*. Macmillan Co., Nova York, 1919, p. 25
[14] Michael de Molinos, *op. cit*. p. 58
[15] Juliana de Norwich, *op. cit*. p. 27
[16] Nicolau de Cusa, *op. cit*. pp. 48, 49, 50
[17] Tennyson, In Memoriam
[18] Santo Anselmo, *op. cit*. p. 3
[19] Novatian, *op. cit*. pp. 26–27
[20] Santo Anselmo, *op. cit*. pp. 24–25
[21] Rudolf Otto, *The Idea of the Holy*. Oxford University Press, Nova York, 1958, p. 24.
[22] Johann Peter Eckermann, *Conversations with Eckermann*. M. Walter Dunn, Washington and London, 1901, p. 45
[23] *A New Dictionary of Quotations*. Selecionado e editado por H. L. Mencken. Alfred A. Knopf, Nova York, 1942, pp. 462–463
[24] Nicolau de Cusa, *op. cit*. p. 12
[25] Santo Anselmo, *op. cit*. p. 14
[26] Juliana de Norwich, *op. cit*.